

GAVAGAI

revista interdisciplinar de humanidades

ISSN 2358-0666

• G A

V A G

A I •

v10, n. 1, 2023



GAVAGAI

ERECHIM

Vol. 10, n. 1, 2023

ISSN: 2358-0666

Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA/DIRECCIÓN POSTAL/MAILING ADDRESS

Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim
Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades
ERS 135 - Km 72, 200, Caixa Postal 764,
Erechim - RS
CEP 99700-970

E-mail: gavagairevistainterdisciplinar@gmail.com

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G281 Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades [recurso eletrônico]. - v.10, n.1. (jan./jun. 2023). - Erechim, RS: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2023.
1 recurso online: il.

ISSN: 2358-0666
Semestral

1. Humanidades - Periódico 2. Ciências humanas - Periódico I.
Universidade Federal da Fronteira Sul

CDD: 300

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Bibliotecas – UFFS
Franciele Scaglioni da Cruz
CRB - 14/1585

GAVAGAI - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES

Erechim, v10, n1, 2023

ISSN: 2358-0666

EDITOR-CHEFE / *EDITOR JEFE* / *EDITOR-IN-CHIEF*

Fernando Vojniak

Universidade Federal da Fronteira Sul,
Campus Chapecó (UFFS)

EDITORES EXECUTIVOS / *EDITORES EJECUTIVOS* / *EXECUTIVE EDITORS*

Adriana Richit

Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim (UFFS)

Alexandre Paulo Loro

Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim (UFFS)

Jeferson Santos Araújo

Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS)

Thiago Ingrassia

Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim (UFFS)

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

- Gaya Makaran - Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)
- María Maneiro - Universidad de Buenos Aires (UBA)
- Simone da Silva Ribeiro Gomes - Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
- Atilio Butturi Jr. - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Bianca Salazar Guizzo - Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)
- Carla Soares - Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ)
- Daniela Marzola Fialho - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Décio Rigatti - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/UNIRITTER
- Durval Muniz Albuquerque Junior - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
- Eliana de Barros Monteiro - Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
- Elio Trusian - Università Degli Studi Di Roma La Sapienza (Itália)
- Fábio Luis Lopes da Silva - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Feliz S. Karasek - Instituto de Desenvolvimento Cultural (IDC)
- Gizele Zanotto - Universidade de Passo Fundo (UPF)
- José Alves de Freitas Neto - Universidade de Campinas (UNICAMP)
- Kanavillil Rajagopalan - Universidade de Campinas (UNICAMP)
- Margareth Rago - Universidade de Campinas (UNICAMP)
- Maria Antonia de Souza - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)
- Maria Bernadete Ramos Flores - Universidade de General de Santa Catarina (UFSC)
- Nátalia Pietra Méndez - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Nelson G. Gomes - Universidade de Brasília (UnB)
- Patrícia Graciela da Rocha - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)
- Patricia Moura Pinho - Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
- Paula Corrêa Henning - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
- Pedro de Souza - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Rafael José dos Santos - Universidade de Caxias do Sul (UCS)
- Rafael Werner Lopes - Instituto de Desenvolvimento Cultural (IDC)
- Raul Antelo - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Ricardo André Ferreira Martins - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
- Rodrigo Santos de Oliveira - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
- Rosângela Pedralli - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Suzana G. Albornoz - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
- Viviane Castro Camozzato - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

DIAGRAMAÇÃO E CAPA / *DIAGRAMACIÓN Y TAPA* / *LAYOUT AND COVER*

Paolo Malorgio Studio

IMAGEM DE CAPA / *IMAGEN DE TAPA* / *COVER IMAGE*

Reflejo - Julika Mejía

REVISÃO / *REVISIÓN* / *REVISION*

Paula Batista

SUMÁRIO/ÍNDICE/CONTENTS

APRESENTAÇÃO	8
GLOBALIZAÇÃO E ESPORTE DE AVENTURA DO CONTEXTO DO LAZER NA ESCOLA: O QUE DIZ O <i>CHATGPT</i> ? Viviane Kawano Dias Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro Gisele Maria Schwartz	10
OS CLUBES SOCIORRECREATIVOS DO SÉCULO XIX E A INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DO LAZER REGIONAL E GLOBAL Marcos Ruiz da Silva	24
CRIME OU LAZER? LEGISLAÇÃO SOBRE CONSUMO DE DROGAS, PROSTITUIÇÃO, JOGOS DE AZAR, CAÇA E PESCA NA AMÉRICA LATINA Alexandre Paulo Loro Giuliano Gomes de Assis Pimentel	36
APROXIMAÇÕES INICIAIS ENTRE O LAZER NOTURNO NO BRASIL, ESPANHA E ARGENTINA: UMA ANÁLISE COMPARADA DO <i>ESQUENTA</i> , <i>BOTELLÓN</i> E <i>LA PREVIA</i> Saulo Kuster	51
A DANÇA CIRCULAR NO RITMO DA SENSIBILIDADE E DO LAZER Joelson Sousa Patrícia do Socorro Chaves de Araújo Rosangela Dias	66
TERRITÓRIO E MEMÓRIA COLETIVA NA AMAZÔNIA PARAENSE: BREVES CONSIDERAÇÕES Fernanda Cristine dos Santos Bengio Rafaele Habib Souza Aquime Fernando Jorge dos Santos Farias	82
DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E O DESENVOLVIMENTO DE SABERES SOBRE O TRABALHO INFANTIL DOMÉSTICO Patrícia Tassi Adriana Richit	98
REFLEXIONES Y RECEPCIONES DE <i>LOS HERALDOS NEGROS</i> Diana Rodríguez Vértiz	113

DOSSIÊ: LAZER REGIONAL E GLOBALIZAÇÃO

O lazer e as diferentes formas de se vivenciar o tempo livre constituem assuntos multidisciplinares, tendo sido escrutinados já por sociólogos, que inauguraram um campo de pesquisas especialmente dedicado a estes tópicos, mas logo seguidos por psicólogos, economistas, antropólogos e filósofos.

Além desta vocação multidisciplinar, o lazer também tem um alcance global, sendo mesmo parte inelutável do cotidiano de populações de diferentes épocas e em diferentes partes do mundo. No quadro da reflexão sociológica sobre o lazer, que inaugurou, essa espécie de sincronização global dos modos de se usufruir os momentos de descanso e diversão têm sido sobremaneira enfatizada, conforme revelaria um exame da literatura acadêmica nacional e internacional sobre o assunto. Com efeito, enfatiza-se bastante a concatenação e as convergências que a difusão global de determinadas práticas culturais enseja sobre o lazer de diferentes lugares do mundo.

Essa dimensão global, todavia, por mais proeminente que seja, de modo algum dilui um sem número de particularidades regionais. E, no espírito do tempo que emerge, fazer ciência no Sul Global convida a uma postura decolonial. Precisamente na esteira dessas encruzilhadas conformadas na tensão entre o global e o local, este dossiê reúne cinco estudos que jogam luz sobre aspectos mais regionais de diferentes lazers do Brasil e até de outros países, sem descuidar, contudo, das injunções com o fluxo globalizado que acaba por atravessa-las.

No primeiro artigo, Viviane Kawano Dias, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro e Gisele Maria Schwartz analisam o modo como o Chat GPT, dispositivo de inteligência artificial, enquadra o esporte de aventura na escola. Segundo apontam os autores, o mecanismo enfatiza ambientes ao ar livre, em detrimento de outros espaços, ao mesmo tempo em que enfatiza os riscos e a vivência de desafios. Tudo isso, conforme concluem Dias, Teodoro e Schwartz expressa certa limitação e mesmo superficialidade.

No segundo artigo, Marcos Ruiz da Silva analisa a constituição dos clubes recreativos no fim do século XIX no Brasil, no que era um fenômeno com paralelos em praticamente todos os países ocidentais. A simultaneidade do surgimento dessas relevantes instituições para a oferta associativa de oportunidades de lazer e sociabilidade, entretanto, não apaga certas peculiaridades impostas por cada um dos contextos regionais onde tais iniciativas foram desenvolvidas, conforme revela o estudo de Silva.

No terceiro, Alexandre Paulo Loro e Giuliano Gomes de Assis Pimentel analisam a legislação que pesa sobre diferentes práticas de lazer em diferentes países latino-americanos. Nomeadamente, os autores analisam a legislação sobre consumo de drogas, prostituição, jogos de azar e a caça e a pesca, atividades todas muito suscetíveis ao enquadramento moral e mesmo a uma variável criminalização, conforme concluem os autores.

No quarto artigo, Saulo Kuster compara hábitos e práticas do lazer noturno de jovens no Brasil, na Espanha e na Argentina. O estudo de Kuster, debruçado sobre o costume de jovens nesses países de consumir bebidas alcoólicas à noite aponta para convergências nesses contextos, apesar das diferenças culturais que os separam.

Finalmente, no quinto e último artigo, Patrícia do Socorro Chaves de Araújo, Joelson de Souza e Rosângela Dias investigam um grupo dedicado à “dança circular” em Belém do Pará, enfatizando seus efeitos sobre a saúde dos participantes. O olhar fenomenológico do texto nos desafia a pensar na territorialidade do lazer a partir da experiência de danças com significado ritual ressignificadas entre o bem-viver amazônica e os imperativos do biopoder.

Alexandre Paulo Loro
Gerson Wasen Fraga
Cléber Dias
Giuliano Gomes de Assis Pimentel

GLOBALIZAÇÃO E ESPORTE DE AVENTURA DO CONTEXTO DO LAZER NA ESCOLA: O QUE DIZ O CHATGPT?

Viviane Kawano Dias¹

Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro²

Gisele Maria Schwartz³

RESUMO: Este estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo investigar o conteúdo expresso no *ChatGPT* sobre esportes de aventura do contexto do lazer na escola. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória, feita com a inserção das palavras de busca “definição de esportes de aventura”, para compreender o conceito e “esportes de aventura na escola”, explorando essa associação. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo e indicam uma versão simplificada e minimizada do conceito, em que as atividades foram associadas apenas ao ambiente ao ar livre, em detrimento de outros ambientes de prática, como o *indoor* e o virtual. Houve ênfase sobre a vivência de desafios e possíveis riscos físicos e mentais. Foram citados exemplos de atividades de terra, água, ar e gelo e mencionada a importância de treinamento adequado para a prática segura. Sobre a inclusão dos esportes de aventura na escola, houve a menção aos benefícios nos níveis físico, cognitivo e social, além das possibilidades de ampliar as habilidades emocionais, de comunicação, trabalho em equipe, liderança e superação de limites. As informações guardam certa coerência com os estudos da área, porém denotam-se a limitação e a superficialidade dessas informações, ainda que a globalização possa favorecer mais amplitude de informações.

Palavras-chave: Globalização; Lazer; Esporte; Aventura; Escola.

1 INTRODUÇÃO

A globalização está fundamentada nos avanços culturais, sociais, econômicos, entre outros, e representa um modo de integração e disseminação de diversos recursos, para além das fronteiras regionais. Esses recursos estão diretamente conectados

1 LEL - Laboratório de Estudos do Lazer/GERE/UFU- Uberlândia/MG; UNIJALES – Centro Universitário de Jales/Jales/SP; e-mail: vivikdias@yahoo.com.br.

2 LEL - Laboratório de Estudos do Lazer/GERE/UFU- Uberlândia/MG; LAGEL – Laboratório de Gestão das Experiências de Lazer/GESPORTE/UnB – Brasília/DF, e-mail: anapaulaguizarde@yahoo.com.br.

3 LEL - Laboratório de Estudos do Lazer/GERE/UFU- Uberlândia/MG; e-mail: gisele.schwartz@unesp.br.

com a expansão nos diferentes setores, imprimindo velocidade na evolução, representativa do efeito do capitalismo moderno (VAN EST; HENNEN, 2023).

Para esses autores, inicialmente, a globalização foi impulsionada por motivações econômicas. Posteriormente, alterações nos níveis culturais, político, sociais, incluindo o âmbito do lazer, entre outros, tiveram repercussão direta, afetando, sobretudo, os polos local, nacional e regional.

No entanto, ela recebeu grande impulso, tendo em vista a evolução e o progresso tecnológico. Estas condições implicam em interdependências, na velocidade crescente e na intensidade de intercâmbio de conhecimentos (KORTUNOV, 2023).

A comunicação pode ser um exemplo desta evolução, permitindo a conexão com o mundo em tempo real e favorecendo diversas transações e a vivência de eventos culturais e políticos, entre outras perspectivas ligadas a esse avanço. As redes sociais foram responsáveis pela difusão de comportamentos e ideias, alterando os limites têmporo-espaciais e aproximando as formas de se pensar o mundo (SCHNEIDER; VOSGERAU; FERNANDES, 2023).

Entretanto, os impactos relacionados à velocidade com que a evolução dos recursos tecnológicos tem se inserido em todos os setores da vida humana, abrangendo o lazer, ainda não têm sido suficientemente abordados em estudos nas diferentes áreas de conhecimento. Os impactos negativos, assim como os benefícios e a pluralidade de utilização, ainda representam limitações e lacunas, deflagrando o interesse de pesquisadores da área do lazer. O lazer, neste estudo, é compreendido como um fenômeno social que privilegia a expressão da cultura humana criativa (GOMES, 2008).

Esses impactos não são apenas decorrentes da formulação de novas tecnologias, mas, também, estão associados ao aprimoramento de tecnologias já existentes. A velocidade das mudanças nesse setor também é responsável por alterações na tessitura social.

Segundo Höring e Fornasier (2022), a presença dos recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados e difundidos mediante a globalização não representa apenas uma ferramenta de uso humano. Para esses autores, esses recursos são decisivos em inúmeras questões de importância capital, sobretudo, com o advento da Inteligência Artificial (IA).

Esses mesmos autores levantam importantes questionamentos acerca dos impactos ainda imprecisos, a respeito da utilização de IA pelas sociedades. Entre essas indagações, constam as preocupações com a amplitude de riscos e de detalhes éticos, bem como a legalidade dessas ferramentas. Estas preocupações são legítimas e representam lacunas a serem investigadas.

De todo modo, mesmo com todas essas lacunas já se podem notar nitidamente os avanços impressos pelos recursos de IA, em diversos setores, incluindo o lazer. O emprego da IA tem representado um diferencial, tanto nas empresas, quanto na oferta de serviços e produtos associados ao âmbito do lazer.

Alguns recursos da IA desenvolveram algoritmos capazes de apreender o comportamento de consumo e revigorar as estratégias de ação nas empresas e, inclusive, no campo do lazer. As ferramentas que são utilizadas têm ampliado as maneiras de vivenciar o tempo livre e, incrementado as opções no âmbito do lazer.

Não é de hoje a preocupação em compreender os impactos das tecnologias no âmbito do entretenimento, do turismo e do lazer. A evolução tecnológica e a inserção da IA na indústria do entretenimento são representantes das inovações no setor reiterando o surgimento de novas configurações, com a presença massiva de ambientes digitais, conforme evidenciam Azambuja e Amaral (2022). Os autores ressaltam que o surgimento do *streaming*, o qual tem sido utilizado em diversos setores do entretenimento, representa um modelo de sucesso mundial.

No campo do turismo, a partir de uma revisão sistemática, analisando a transição digital no contexto do turismo, Pereira (2022) ressalta ser de fundamental importância esse processo de digitalização no setor. Esta relevância se concentra tanto na perspectiva do planejamento turístico, como na solidificação de soluções sustentáveis, na medida em que são utilizados os mecanismos de comunicação em rede que podem aprimorar a partilha de conteúdos e as relações entre os clientes e os empresários.

No campo de estudos do lazer, Schwartz (2003) ressalta que, para além do crescimento da utilização das formas de comunicação virtual, os impactos da evolução tecnológica no contexto do lazer geraram novos dimensionamentos e formas de preenchimento do tempo disponível. Essa influência foi tão importante que a autora sugeriu novas reflexões sobre a inserção do conteúdo virtual do lazer.

Na esfera relativa aos esportes de aventura, foco deste estudo, as adaptações das empresas para oferecerem experiências seguras e adequadas já perpassam a utilização de recursos de IA. Com base em dados a respeito dos últimos destinos e da preferência por atividades essas empresas podem aprimorar a oferta de serviços.

Esse interesse pelas atividades de aventura no contexto do lazer fez crescer o número de estudos acadêmicos sobre a temática. Alguns foram desenvolvidos para contribuir com reflexões acerca das diferenças dos aspectos conceituais (PIMENTEL, 2013; SOUZA; BORGES, 2022), pois são muitos os termos utilizados na literatura, como: Esportes Radicais (UVINHA, 2001), Atividades Físicas de Aventura na Natureza (BÉTRAN, 2003), Práticas Corporais de Aventura (INÁCIO et al., 2005), Esportes na Natureza (DIAS, 2007) e Esportes de Ação (BRANDÃO, 2010). Outros se propuseram a compreender os fatores motivacionais que impulsionam a busca crescente pela vivência dessas atividades de aventura (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008; SCHWARTZ, 2002).

Mas, uma das preocupações geradoras de diversos estudos é com a adequada inserção dos esportes e atividades de aventura no contexto educacional. Diversos estudos apontam estratégias pedagógicas e formas de adaptação seguras para incrementar o ambiente escolar com estas práticas corporais de aventura, inclusive, com ensino à distância (BARBOSA, 2023; FRANÇA; DOMINGUES, 2015; SOUZA; CAVALCANTE; SCHWINGEL, 2019).

Porém, alguns também alertam para a necessidade de formação adequada dos professores, para terem segurança no desenvolvimento desse tipo de conteúdo. Uma das maneiras de absorção de conteúdos é feita por meio dos recursos expressos pela *internet* (BARBOSA, 2023). Apesar desta estratégia poder difundir e oferecer várias

experiências exitosas, ela não garante a qualidade da informação que é passada, podendo gerar insegurança e, até mesmo, colocar em risco os praticantes.

Com a presença da pandemia da covid-19, deflagrada em todo o mundo, as medidas de prevenção do Coronavírus adotadas fizeram crescer a inserção humana no ambiente virtual, desenvolvendo sobremaneira diferentes formas de utilização da IA. Entre as ferramentas de IA mais utilizadas na atualidade encontram-se os *softwares chatbots*, os quais representam programas de computador que simulam uma interação, em forma de conversa com um ser humano, em tempo real. Este recurso gerou a criação do Chat Generative Pre-trained Transformer (*ChatGPT*) pela empresa OpenAI, em 2022, sendo um chatbot para interação com humanos, apresentando diversos tipos de conteúdos de textos, fotos e imagens, os quais são acionados conforme questionamentos.

O *ChatGPT* tem se tornado bastante popular, haja vista que é capaz de explorar, de forma complexa, os assuntos abordados. Esta ferramenta é capaz de acessar informações constantes na *internet*, produzindo respostas lógicas. Entretanto, existem limitações quanto à atualidade e confiabilidade dos conteúdos expressos, ainda a serem ajustados. Para Velásquez (2023) as principais limitações deste tipo de IA incluem a possibilidade de inclusão de dados obtidos na *internet*, que reproduzem preconceitos e desigualdades, com contextos limitados e respostas imprecisas ou incorretas.

Esta ferramenta tem sido utilizada no âmbito educacional, ainda que as limitações desse recurso possam apresentar respostas inadequadas, sobre os diversos assuntos, com consequências ainda inimagináveis. Esta foi, justamente, a inquietação geradora deste estudo, cujo objetivo é investigar o conteúdo expresso no *ChatGPT* sobre esportes de aventura do contexto do lazer na escola. Os resultados poderão incrementar novas reflexões na área.

2 MÉTODO

Este estudo, de natureza qualitativa, foi desenvolvido por meio de uma pesquisa exploratória no endereço eletrônico do *ChatGPT* (<https://chat.openai.com/chat>). A pesquisa qualitativa permite estudar aspectos subjetivos para a compreensão dos fenômenos sociais. Já a pesquisa exploratória pode ampliar as perspectivas de obtenção de dados, assim como, pode oferecer densidade à abordagem (HOWARD; HENDERSON, 2023).

A coleta de dados foi realizada no mês de março de 2023, diretamente no *Chat-GPT*, por intermédio da criação de uma conta particular, para acesso, com login e senha. Ao acessar a plataforma foram inseridos os termos “definição de esporte de aventura” e, posteriormente, “esportes de aventura na escola”. A escolha pelo termo “esporte de aventura” ocorreu por conta da abrangência da palavra esporte, entre as diferentes nomenclaturas existentes, citadas na introdução deste trabalho.

Os dados coletados no *Chat* foram analisados descritivamente por meio da técnica de análise de conteúdo. Para Humble e Mozelius (2022), a análise de conteúdo

permite descrever um fenômeno de forma estruturada, organiza e codifica os dados em categorias, podendo assim, favorecer a compreensão sobre a temática estudada.

As categorias de análise foram estabelecidas *a priori*, conforme seguem: 1 - Definição de esportes de aventura e 2 - Esportes de aventura na escola. A categoria 1 se justifica, no sentido de compreender o conceito de esportes de aventura e a categoria 2, por explorar essa associação e a apreensão dos esportes de aventura como cultura corporal de movimento no contexto escolar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados ressalta que, no que concerne à Categoria 1- Definição de esportes de aventura, o *ChatGPT* deixa evidente que esses esportes envolvem desafios nos âmbitos mental e físico, exigindo que os praticantes passem por situações com a presença de risco. Essa prática também é caracterizada no *Chat* como uma possibilidade de superação de limites, uma vez que promovem a saída da zona de conforto.

O *ChatGPT* reforça a ideia de que os esportes de aventura são vivenciados em ambiente ao ar livre. Quando se trata do lazer, ele não foi mencionado na resposta do *Chat*. Ao levar em conta que as experiências do âmbito do lazer podem ser vastas, cuja recompensa é a satisfação provocada pela experiência em si (MARCELLINO, 2010), entre outras características; para muitas pessoas, os esportes de aventura podem representar uma atividade deste campo. Segundo Pimentel (2013, p. 688), “[...] é na contemporaneidade que se experimenta uma diversificação de atividades de aventura, na perspectiva do lazer”, porém, esta relação entre lazer e esportes de aventura não foi evidenciada no *ChatGPT*.

A conceituação apresentada no *Chat* traz uma noção aproximada da literatura sobre o que representam os esportes de aventura, em termos de desafios físicos e psíquicos e com a presença de conteúdos emocionais. Conforme ressaltam Bandeira e Amaral (2020), já foram feitas algumas tentativas, inclusive oficiais, no sentido de traçar as diretrizes para a compreensão sobre os esportes de aventura, e estas levam à mesma compreensão do que consta no *ChatGPT*, de que estes representam um conjunto de atividades esportivas formais e não formais, praticadas em ambiente natural, com a presença de risco calculado e de sensações e emoções provenientes dos desafios do ambiente natural. Entretanto, nesta definição apresentada, tanto no *Chat*, como nos parâmetros oficiais, parecem existir diversas lacunas ou incompletudes conceituais, as quais já são elucidadas em outros textos acadêmicos, sobretudo, referentes à ampliação nos ambientes de prática.

Algumas contribuições na literatura ressaltam a ampliação do ambiente de prática dessas atividades, vivenciadas no âmbito do lazer, especificamente, do contexto natural para o urbano, o artificial, relativo às construções de arenas indoor, ou mesmo, o virtual, por meio de recursos tecnológicos de jogos e do uso de inteligência artificial. Nas pesquisas desenvolvidas por Dias, Melo, Alves Junior (2007), nas de Marinho, Costa e Schwartz (2011), assim como, mais recentemente nas de Fouché

(2017), de Backman, Svensson e Danielski (2023) e de Pereira (2023), são levados em consideração esses ambientes de prática ampliados, tanto na definição dos esportes de aventura, como na caracterização dos locais para o desenvolvimento dessas modalidades.

Nota-se, inclusive, que o *Chat* associa a noção de risco à definição dos esportes de aventura, porém, não explica as relações com este termo e nem sobre os componentes emocionais citados. A gestão de risco e a noção de risco controlado já representam parte das estratégias associadas, tanto ao desenvolvimento dos esportes de aventura, como aos critérios pedagógicos para estas vivências.

Existe, efetivamente, uma disponibilidade maior para a ocorrência de imprevistos, quando se lida com fenômenos da natureza, haja vista a dificuldade de controle sobre a imprevisibilidade, tanto climática, como ambiental, no caso dos esportes praticados em ambientes naturais. É justamente por este motivo que os esportes praticados na natureza obedecem a um controle do risco, pautado na eficácia de materiais tecnológicos, adequação de vestimentas, acompanhamento com base em sistemas de posicionamento global (GPS), drones, ou outros recursos e equipamentos sofisticados, capazes de minimizar a presença dos diversos tipos de riscos (BANDEIRA; AMARAL, 2020). Essas e outras especificidades ganharam vulto para além da esfera do lazer, sobretudo, quando da entrada de alguns dos esportes de aventura no contexto olímpico.

A respeito do risco envolvido nas atividades de aventura, Marinho (2008) salientou que existem dois diferentes enfoques sobre o risco. A autora aborda o risco físico, quando o corpo é afetado diretamente, mas, também, relata sobre o risco simbólico ou imaginário, o qual se relaciona com a percepção de níveis de desconforto e falta de habilidades, com implicações psicológicas.

Entretanto, a presença do componente de risco não se restringe ao ambiente natural da prática esportiva como vivência no lazer. Também é possível ocorrer a presença de tipos específicos de riscos a serem enfrentados, quando o esporte é praticado no ambiente urbano, ou, mesmo, no ambiente semifechado de parques urbanos propícios para usufruto no lazer, como exemplo, o trânsito de veículos, atentados, criminalidade, entre outros aspectos geradores de danos.

Portanto, a noção de risco não deve ser definidora dos esportes de aventura, uma vez que está presente em outras modalidades, além disto, estes já possuem alguns recursos capazes de gerenciar e minimizar o enfrentamento de risco. Isto denota a importância de utilizar os termos risco controlado, ou gestão de risco, para a caracterização desses esportes (MORAIS; INÁCIO, 2022).

Outra característica a respeito dos esportes de aventura apontada no *Chat* é a possibilidade de vivência de emoções e sensações, deflagradas por meio dos desafios físicos e psíquicos presentes nessas modalidades. Contudo, não é privilégio dos esportes de aventura estas vivências de conteúdos emocionais, já que estes são componentes psíquicos (SCHWARTZ, 2006) que têm relação, inclusive, com outros fatores, como o nível de segurança e de habilidades propícias para o desenvolvimento dessas atividades, ou o estágio de treinamento em que um praticante se encontra, entre ou-

tros aspectos associados à noção de aventura (PEREIRA, 2023). Sendo assim, os termos focalizados na descrição dos esportes de aventura no *Chat* a respeito dessa relação com os componentes emocionais, merecem mais detalhamento e especificação.

Apesar de constarem no *ChatGPT* alguns exemplos de esportes, caracteristicamente de aventura na natureza, considerados por ele mais populares, como a escalada em rocha, o *surf*, o *bungee jumping* e o *rafting*, nada é especificado sobre a variedade propiciada conforme o tipo de ambiente natural utilizado. Nas pesquisas realizadas por Betrán e Betrán (2016), os autores abordam uma revisão da taxonomia delineada por eles em anos anteriores, contendo classificação mediante diversos fatores e identificação dessas práticas conforme o ambiente utilizado. Assim, são citadas atividades nos ambientes de terra, água, ar e gelo.

No *ChatGPT*, os exemplos de esportes citados não especificam em quais ambientes são praticados e nem há uma descrição para esclarecimento de quem procura a informação detalhada. Isto denota inconsistência informacional.

Em relação à Categoria 2 - Esportes de aventura na escola, o *ChatGPT* inicia a abordagem apontando alguns benefícios dessa inclusão e oferecendo alguns exemplos de atividades advindas do âmbito do lazer que podem ser incluídas no ambiente escolar. Em seguida, é ressaltado que, apesar da possibilidade de promoção de desenvolvimento nos níveis físico, cognitivo e social dos alunos, torna-se necessário que haja segurança e supervisão para as práticas.

Os aspectos apontados no *Chat* são efetivamente importantes e devem ser considerados quando estas práticas são desenvolvidas no ambiente escolar. Entretanto, as informações estão concisas, não apontando aspectos importantes, desde aqueles que ressaltam as primeiras iniciativas para inserção das atividades de aventura na escola, e nem os princípios pedagógicos referenciais para uma boa prática.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as atividades de aventura na natureza ganham adaptações e modificações, para que possam ser inseridas na Educação Física Escolar, sob a égide de práticas corporais de aventura (BRASIL, 2018). Para tanto, são levados em consideração aspectos pedagógicos em que são priorizados os aspectos educacionais. Neste sentido, conforme salientam Pereira e Armbrust (2017), para além da simples oferta de algumas atividades, é papel da escola oferecer espaços para ponderações acerca desse tipo de cultura corporal de movimento, incentivando o pensamento crítico e reflexivo sobre essas práticas, para superar o viés apenas mercadológico ou de modismo no contexto do lazer.

Da mesma forma, outros autores, como Brasil, Ramos e Nascimento (2022), também alertam para a importância do domínio conceitual na perspectiva de aprimoramento da formação, da investigação e da intervenção profissional com os esportes de aventura. Paixão (2017) prestou sua colaboração para a compreensão sobre a inserção dos esportes de aventura nas aulas de Educação Física. Segundo esse autor, a realidade do ambiente escolar requer a superação de atitudes conformistas e o investimento em propostas capazes de implementar o processo educativo, o que pode ser vivenciado com base na oferta de diferentes modalidades inerentes aos conteúdos dos esportes de aventura. Contudo, o autor alerta para a necessidade de

promoção de reflexões e debates para a efetiva concretização dessas atividades na ambiência escolar.

A crescente globalização, com base na universalização das tecnologias de informação e na utilização de sistemas de inteligência artificial como uma das principais tendências atuais, gera indubitavelmente o progresso. Porém, também é capaz de deflagrar uma sobrecarga de informações e de conhecimentos nem sempre reais e úteis, que podem afetar, sobretudo, a promoção de mudanças e avanços nos contextos do Lazer e da Educação.

Segundo alertam Kassymova et al. (2023), esta inconsistência tende a exacerbar problemas éticos no desenvolvimento de conteúdos educacionais, quando esta é apoiada nos sistemas de inteligência artificial. Uma das características da globalização é a importância dada à igualdade ou à semelhança de oportunidades, o que as tecnologias tendem a oferecer quando introduzidas tanto no contexto geral da educação, quanto na formação profissional. Contudo, os autores ressaltam que estas oportunidades não se efetivam de forma igualitária, gerando problemas éticos, os quais colocam em xeque a viabilidade econômica e o uso generalizado, merecendo atenção sobre seu uso e adequação a este campo educacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos conteúdos expressos no *ChatGPT* pode-se perceber que os esportes de aventura não estão associados ao lazer. O conceito de esportes de aventura, apresentado no *ChatGPT* encontra-se de modo superficial, ao longo do texto, sobretudo no que concerne à definição e à exemplificação das atividades envolvidas.

Outro aspecto que ficou evidente é que há uma minimização do espectro envolvendo os esportes de aventura, haja vista que o *Chat* associa essas modalidades esportivas apenas com o ambiente natural. Com isto, a taxonomia desenvolvida na literatura por Betrán e Betrán (2016), completa e aceita internacionalmente, nem foi mencionada e os exemplos não abarcam todos os ambientes de prática, seja terra, água, ar, gelo, acrescentada pelo desenvolvimento dessas atividades e esportes também no ambiente virtual. Portanto, há uma defasagem nas informações que pode comprometer a compreensão sobre a amplitude de possibilidades envolvidas.

Apesar do *Chat* citar benefícios de ordem psicológicos não há qualquer evidência concreta delineando os tipos e as formas de impactos nesse nível. Portanto, as afirmações são rudimentares, no que tange aos processos emocionais que podem entrar em jogo, e se estes, são privilégios apenas dessas modalidades. A compreensão sobre aspectos subjetivos e emocionais é bastante complexa e merece mais detalhe, para que possam ser minimamente assimilados.

O *Chat* também não deixa claro o que representa a associação dessas atividades com a questão do risco. Com isto, é possível compreender que o risco é uma característica peculiar apenas dessas práticas.

Esta falta de profundidade do conteúdo expresso no *Chat* pode comprometer a versatilidade e a complexidade associadas à temática, podendo trazer, inclusive, restrições quanto a um possível engajamento na prática. Com base nessas lacunas, torna-se imprescindível promover reflexões críticas no sentido de relativizar as informações contidas no *ChatGPT*.

A compreensão sobre os detalhes pedagógicos adequados para inserção das práticas corporais de aventura no contexto escolar é fundamental, uma vez que nem sempre esse profissional da educação ou mesmo profissional atuante no âmbito do lazer recebe estas informações nos cursos de formação, sobretudo aqueles que já são formados há algum tempo. Assim, todos os cuidados com a segurança e sobre o domínio dessas práticas é extremamente relevante para a oferta de uma prática exitosa.

Para finalizar, a reflexão mostra que a globalização oferece mais possibilidades de equidade de uso das tecnologias, entretanto, quando estas não são adequadas a todos, de formas ética e consistente, pode resultar em uma minimização da globalização e gerar uma tendência de localização do ambiente social, haja vista a diferença de oportunidades e de uso. Assim, não será raro perceber as pessoas arranjadas em aldeias eletrônicas próprias, vislumbrando apenas os conteúdos das informações localmente difundidos. Outro aspecto relevante é que o metaverso e o ciberespaço poderão ser fracionados em comunidades virtuais, cada qual com seu foco conceitual estreito, deixando o conhecimento fluir lentamente e impactando na natureza dos processos de aprendizagem e ensino, afetando sensivelmente os desígnios previstos pela globalização, merecendo atenção em novas reflexões.

Algumas limitações do estudo podem ser apontadas e levadas em consideração em outras pesquisas. Uma delas diz respeito ao número limitado de termos de busca utilizados. Além disto, houve a repetição de informações, quando foram realizadas coletas em outros dias. Com isto, tomou-se por decisão a restrição por apenas um dia de pesquisa realizada. Como não há referência de quando o *Chat* é realimentado, não há segurança alguma de quando outras informações possam ser inseridas.

Como o assunto sobre o impacto da globalização nas formas de comunicação e a utilização de recursos de inteligência artificial para obtenção de dados relativos ao âmbito do lazer é extremamente complexo e versátil, são sugeridos novos estudos a fim de considerar outras variáveis envolvendo a difusão de informações neste e em outros *Chats* e nas redes sociais como um todo. Em outras pesquisas, pode ser considerada uma variedade maior de termos de busca, como esportes radicais, atividades físicas de aventura na natureza, práticas corporais de aventura, entre outros, que possam demonstrar maior abrangência e ampliar a possibilidade de eficiência desse recurso.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Carlos Wagner Sortil; AMARAL, Maiara Almeida. Disrupção do entretenimento digital (cloud gaming). *Projetos e Relatórios de Estágio*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2022.

Disponível em: <http://raam.alcidesmaya.com.br/index.php/projetos/article/view/366/356>. Acesso em: 16 abr. 2023.

BACKMAN, Erik; SVENSSON, Daniel; DANIELSKI, Itai. The changing landscape of sport facilities: consequences for practitioners and the environment. *In: SVENSSON,*

Daniel; BACKMAN, Erik; HEDENBORG, Susanna; SÖRLIN, Sverker. **Sport, performance and sustainability**. London: Routledge Research in Sport, Culture and Society, 2023. p. 50-66. Disponível em: <https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/62226/9781000883626.pdf?sequence=1#page=63>. Acesso em: 16 abr. 2023.

BANDEIRA, Marília Martins; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Definições oficiais para esportes de aventura e esportes radicais no Brasil. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 3, p. 29-35, set./dez. 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8766499>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães. Esportes de aventura no ensino remoto: experiências com metodologias ativas em aulas de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/90488/52597>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BETRÁN, Javier Oliveira. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. *In: BRUHNS, Heloísa Turini; MARINHO, Alcyane (Orgs.). Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, p. 157-202, 2003.

BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN, Albert Olivera. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza (AFAN): revisión de la taxonomía (1995-2015) y tablas de clasificación e identificación de las prácticas. **Apuntes Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 32, n. 124, p. 71-88, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5516/551663287006/551663287006.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BRANDÃO, L. Esportes de ação: notas para um estudo acadêmico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 59-73, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EF_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 abr. 2023.

BRASIL, Vinícius Zeilmann; RAMOS, Valmor; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Intervenção profissional nos esportes de Aventura: uma perspectiva conceitual à formação e à investigação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25005, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/yRy6mZ3J54tyTHXgWwLcMGH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2023.

CHATGPT, **Chat Generative Pretrained Transformer**, 2023. Disponível em: <https://chat.openai.com/chat>. Acesso em: 14 mar. 2023.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 1-36, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/922>. Acesso em: 05 jul. 2023.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves.; MELO, Victor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 3, 358-367, 2007. Disponível em: https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.7_nr.3/1-09.pdf. Acesso em: 05 jul. 2023.

FOUCHÉ, Rayvon. **Game changer**: The technoscientific revolution in sports. Baltimor: JHU Press, 2017. *E-book*.

FRANÇA, Dilvano Leder de; DOMINGUES, Soraya Corrêa. Esportes de Aventura nas aulas de Educação Física. **Revista Chão da Escola**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 74-83, 2015. Disponível em: <https://www.chaodaescola.com.br/rce/article/view/105>. Acesso em: 17 abr. 2023.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HÖRING, João Vicente Diniz; FORNASIER, Mateus de Oliveira. Inteligência artificial: evolução, impactos e consequências na sociedade humana. **Salão do Conhecimento**, Ijuí, v. 8, n. 8, p.1-5, 2022. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/22013>. Acesso em: 13 abr. 2023.

HOWARD, Matt C.; HENDERSON, Jennifer. A review of exploratory factor analysis in tourism and hospitality research: identifying current practices and avenues for improvement. **Journal of Business Research**, Amsterdam, v. 154, n. 1, p. 113328, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296322007937>. Acesso em: 17 abr. 2023.

HUMBLE, Niklas; MOZELIUS, Peter. Content analysis or thematic analysis: doctoral students' perceptions of similarities and differences. **Electronic Journal of Business Research Methods**, Berkshire, v. 20, n. 3, p. 89-98, 2022. Disponível em: <https://academic-publishing.org/index.php/ejbrm/article/view/2920/2086>. Acesso em: 18 abr. 2023.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SILVA, Ana Paula Salles da; PERETI, Éden Silva; LIESEN-FELD, Patrícia Athaydes. Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia..In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs.). **Práticas corporais**: trilhando e compar(trilhando) as ações em Educação Física. Florianópolis: Nauemblu, p. 81-105, 2005.

KASSYMOVA, Gulzhaina K.; MALINICHEV, Dmitriy M.; LAVRINENKO, Sergey V.; PANICHKINA, Marina V.; KOPTYAEVA, Svetlana V.; ARPENTIEVA, Mariam R. Ethical Problems of Digitalization and Artificial Intelligence in Education: A Global Perspective. **Journal of Pharmaceutical Negative Results**, v. 14, n. 2, p. 2150-2161, 2023.

KORTUNOV, Andrey. What Should We Expect of “Globalization 2.0”? In: Institute of Russian, Eastern European and Central Asian Studies, CASS, Russian International Affairs Council (ed.). **Global Governance in the new era**: concepts and approaches. Singapore: Springer Nature Singapore, 2023. p. 3-14. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-981-19-4332-4_1. Acesso em: 13 abr. 2023.

LAVOURA, Tiago Nicola; SCHWARTZ, Gisele Maria; MACHADO, Afonso Antonio. Emoções, aventura e natureza: análise dos relatos verbais de praticantes dos esportes de aventura. **Licere**,

- Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 1-19, abr. 2008. Disponível em: http://www.eeffto.ufmg.br/licere/pdf/licereV11N01_a7.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 15. ed. Campinas: Papyrus, 2010. (Coleção Lazer Fazer – lazer).
- MARINHO, Alcyane. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/5756>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- MARINHO, Alcyane; COSTA, Eduardo Tadeu; Schwartz, Gisele Maria (Orgs.). **Entre o urbano e a natureza: inclusão na aventura**. São Paulo, Lexia, 2011.
- MORAIS, Gleison Gomes de; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. O ensino das práticas corporais de aventura na educação física escolar: uma proposta baseada na metodologia crítico-superadora. **Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 61-84, 2022.
- PAIXÃO, J. A. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, maio 2017. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/17534/1/artigo.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- PEREIRA, Dimitri Wuo Pereira. Tendências e raízes da Aventura. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/87736/52746>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- PEREIRA, António Pedro. Transição digital nas organizações do setor turístico: uma revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Investigação do Mestrado em Negócio Eletrónico**, Porto, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://www.iscap.pt/ebusiness-rj/index.php/mne-rj/article/view/218/160>. Acesso em: 16 abr. 2023.
- PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2017.
- PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 35, p. 687-700, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/w4WmkyJMPrGCYCBmhSkcyP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- SCHNEIDER, Maria Fernanda Moretti; VOSGERAU, Dilmeire Sant'anna Ramos; FERNANDES, Luana Fonseca Duarte. O diálogo nas redes sociais digitais em prol da educação: uma análise a partir das reflexões de Paulo Freire. **Momento-Diálogos em Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 215-238, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14173/10137>. Acesso em: 14 abr. 2023.
- SCHWARTZ, G. (Org.). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura, 2006.
- SCHWARTZ, Gisele Maria. Emoção, aventura e risco—a dinâmica metafórica dos novos estilos. **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 139-168, 2002.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo Virtual do lazer-contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1468/1029>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SOUZA, Diego Bezerra de; BORGES, Pedro Pereira. Desenvolvimento Local e esportes de aventura na natureza: a produção de riquezas a partir do esporte no Brasil. **Multitemas**, Campo Grande, v. 27, n. 67, p. 189-210, set./dez. 2022. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/3519/2744>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SOUZA, Mauro José de; CAVALCANTE, Joás Dias Araújo de; SCHWINGEL, Jorge Carlos. Esportes de aventura na educação física escolar: realidade, necessidades e possibilidades. **Revista Panorâmica online**, Araguaia, v. 27, n. 2, p. 93-108, jan./jun., 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/issue/view/42>. Acesso em: 16 abr. 2023.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri: Manole, 2001.

VAN EST, Rinie; HENNEN, Leonhard. Technology assessment and public spheres in the context of globalization: a blueprint for the future. In: HENNEN, Leonhard; HAHN, Julia; LADIKAS, Miltos; LINDNER, Ralf; PEISSL, Walter; VAN EST, Rinie (Orgs). **Technology assessment in a globalized world: Facing the Challenges of Transnational Technology Governance**. Cham: Springer International Publishing, 2023. p. 75-99. Disponível em: <https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/60800/978-3-031-10617-0.pdf?sequence=1#page=84>. Acesso em: 13 abr. 2023.

VELÁSQUEZ, Fidel Rodríguez. O *ChatGPT* na pesquisa em Humanidades Digitais: oportunidades, críticas e desafios. **TEKOA**, Foz do Iguaçu, v.2, p.1-5, 2023. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/tekoa/article/view/3711/3308>. Acesso em: 06 jul. 2023.

GLOBALIZATION, ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND ADVENTURE SPORTS AT SCHOOL: WHAT DOES THE GPTCHAT SAY?

ABSTRACT: This qualitative study aimed to investigate the content expressed in the GPTChat about adventure sports in the context of leisure at school. The study was developed through exploratory research, made with the insertion of the search terms “adventure sports definition”, to understand the concept and “adventure sports at school”, exploring this association. Data were analyzed using content analysis and indicate a simplified and minimized version of the concept, in which activities were associated only with the outdoor environment, to the detriment of other practice environments, such as indoor and virtual. There was emphasis on experiencing challenges and possible physical and mental risks. Examples of land, water, air and ice activities were cited and the importance of adequate training for safe practice was mentioned. Regarding the inclusion of adventure sports in the school, there was mention of the benefits at the physical, cognitive and social levels, in addition to the possibilities of expanding emotional, communication, teamwork, leadership and overcoming limits skills. The information is somewhat consistent with studies in the area, but the limitation and superficiality of this information are denoted, even though globalization may favor a greater range of information.

Keywords: Globalization; Leisure; Sport; Adventure; School.

GLOBALIZACIÓN, INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y DEPORTES DE AVENTURA EN LA ESCUELA: QUÉ DICE EL CHATGPT?

RESUMEN: Este estudio cualitativo tuvo como objetivo investigar el contenido expresado en el GPTChat sobre deportes de aventura en el contexto del ocio escolar. El estudio se desarrolló a través de una investigación exploratoria, realizada con la inserción de las palabras de búsqueda “definición de deportes de aventura”, para comprender el concepto y “deportes de aventura en la escuela”, explorando esta asociación. Los datos fueron analizados mediante análisis de contenido e indican una versión simplificada y minimizada del concepto, en la que las actividades se asociaron solo con el ambiente al aire libre, en detrimento de otros ambientes de práctica, como el interior y el virtual. Se hizo hincapié en experimentar desafíos y posibles riesgos físicos y mentales. Se citaron ejemplos de actividades en tierra, agua, aire y hielo y se mencionó la importancia de una formación adecuada para una práctica segura. En cuanto a la inclusión de deportes de aventura en la escuela, se mencionaron los beneficios a nivel físico, cognitivo y social, además de las posibilidades de ampliar habilidades emocionales, de comunicación, trabajo en equipo, liderazgo y superación de límites. La información es algo consistente con los estudios en el área, pero se denota la limitación y superficialidad de esta información, a pesar de que la globalización puede favorecer una mayor variedad de información.

Palabras clave: Globalización; Ocio; Deporte; Aventura; Escuela.

OS CLUBES SOCIORRECREATIVOS DO SÉCULO XIX E A INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DO LAZER REGIONAL E GLOBAL

Marcos Ruiz da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho tratou de discutir sobre os clubes sociorrecreativos do século XIX no Brasil e sua influência na constituição de um modo de pensar e agir no âmbito do lazer. Seja no microambiente, ou cultura local, como no macroambiente, com abrangência global. O objetivo do trabalho foi compreender a dinâmica cultural das formas de sociabilidades no interior dos clubes, bem como enxergar a sua influência na construção de (re)interpretações sobre as experiências de lazer da comunidade local. Para isto, como orientação teórica realizamos um estudo descritivo de caráter exploratório com suporte teórico construído sob a análise de textos produzidos sobre os clubes sociorrecreativos. Como conclusão mais relevante é possível destacar que os clubes, durante o século XIX, provocaram um conjunto de estratégias para disseminar suas ideias sobre uma lógica de civilidade de diversão no lazer. Isto ocorreu por intermédio de uma rede de sociabilidades entre os clubes, contribuindo para que questões simbólicas e práticas se disseminassem pelo país. Outro aspecto que merece destaque na conclusão é que, apesar dos grupos dominantes – elite frequentadora dos clubes - fazerem prevalecer, por diversas estratégias, sua maneira de pensar e agir sobre os divertimentos no lazer, isto não ocorreu de forma passiva, pois diversos grupos locais também estabeleceram estratégias para a manutenção de algumas de suas práticas tradicionais.

Palavras-chaves: Clubes sociorrecreativos; Lazer; Cultura; Global; Local regional.

1 INTRODUÇÃO

O movimento migratório europeu do século XIX para o Brasil contribuiu para a constituição de inúmeras transformações em diferentes esferas sociais, como: na política, na economia, na religião e na cultura. Isto se materializou em aspectos tangíveis, como na arquitetura das casas, por exemplo, e nos modos e hábitos cotidianos da população, como características imateriais.

¹ Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Membro do Laboratório de Gestão das Experiências no Lazer (LAGEL); Coordenador da área de Linguagens Cultural e Corporal do Centro Universitário Internacional (UNINTER); e-mail: mruiz4@hotmail.com.

Sob o ponto de vista da sociabilidade no lazer vemos as diversas etnias originárias da Europa que trouxeram consigo os inúmeros jogos, passatempos e formas de diversão de cada região, que aos poucos foram sendo propagadas no meio em que estavam inseridos. Para Franz (2020), isto se engendrou - pensando sob a perspectiva de um processo civilizacional - na vida cotidiana, por intermédio dos saberes, fazeres e valores que, com o tempo, foram sendo reproduzidos por onde esses grupos sociais foram se estabelecendo.

Entre as inúmeras demonstrações da instauração de um modo de vida alóctone nas diversas regiões do país, a concepção dos clubes sociorrecreativos por iniciativa dos vários grupos étnicos europeus, no século XIX, é a materialização institucionalizada da dimensão da sociabilidade lúdica nas experiências de lazer. Nesses espaços, formalmente organizados, constituídos para a manutenção das tradições desses povos, entre outros objetivos, foram disseminadores das diversas as formas de jogos e passatempos que capturaram o interesse da população nativa. Isto, de certa forma, contribuiu para as perdas de características socioculturais, resultantes de um processo de globalização (FRANZ, 2020).

Esse processo de influência na constituição dos hábitos das pessoas é possível chamar de colonialismo cultural, representado pelos gostos e estilos de vida desses povos imigrantes que exerceu influência na alteração no modo de vida da população brasileira. Esse movimento pode ser observado sob dois aspectos. O primeiro, pode ser considerado, de certa forma, que ocorreu organicamente, no qual as pessoas re-interpretavam o modo como viviam, e, por vezes, transformaram as suas vidas e o próprio mundo em que existiam. (GOMES, 2021). E, um segundo aspecto, em particular na dimensão do lazer, que se deu a partir da iniciativa dos gestores e demais membros dos clubes sociorrecreativos na burocratização da vida social. Um exemplo desta situação que nos permite alguma generalização é caso do futebol que já era praticado no Brasil no século XIX, em diversas regiões, mas ganhou uma outra dimensão no cenário nacional, impulsionado por iniciativa de alguns clubes, quando os dirigentes iniciam um processo de formalização da prática.

Outro exemplo da articulação dos grupos pertencentes aos clubes na constituição de ações para a ordenação de determinadas práticas é a sua mobilização para a criação das diversas entidades de administração do desporto (Federações, Ligas), determinando a configuração da estrutura do esporte nacional brasileiro (MEZ-ZADRI, 2000).

Apesar da burocratização da forma de administração do esporte, orientado pelo Estado, tenha ocorrido no século XX, isto ainda é reflexo do controle que os clubes tinham sobre a prática esportiva no cenário regional e nacional. Não seria de estranhar que os interesses das várias entidades envolvidas nesse processo sejam a pauta dessas entidades gestoras do esporte.

Diversos clubes, durante todo o processo de concepção dessas agremiações, sofreram alterações em sua estrutura. Muitos fecharam por problemas financeiros, outros se fundiram para sobreviver a esse mesmo problema. Porém, mesmo com o fechamento de diversos clubes, desde o século XIX até os dias de hoje, ainda existem

milhares de dessas entidades espalhadas por todo o território brasileiro. Estima-se que até o ano de 2007 havia um número de 13.826 (SILVA, 2009) clubes formalmente constituídos com estrutura física para atendimento de seu quadro associativo, independentemente das atividades disponibilizadas aos frequentadores. Destes, segundo dados da Confederação Nacional dos Clubes (FENACLUBES), 220 clubes são centenários e estão distribuídos em 14 Estados de nossa federação. Sendo que 91 foram fundados no século XIX (FENACLUBES, 2023).

A difusão de um espaço, um equipamento específico de lazer, constituído especificamente para a sociabilidade lúdica, ganhou o interesse de diversos segmentos da sociedade no século XX. Assim, além dos imigrantes, entidades de classe, como os sindicatos, empresas grupos privados, ou mesmo entidades públicas criaram um movimento formal de concepção de locais, para que seu público, em específico, pudesse desfrutar de lazer. Isto, contribuiu, de certa forma, para que essas estruturas não provocassem estranhamento ao seu entorno, havendo uma naturalização dos moradores das cidades quanto à existência dessas agremiações, nas mais diversas regiões do país.

Apesar de haver distinção entre as diversas estruturas físico-arquitetônica entre os clubes sociorrecreativos, espalhados no território nacional, como também o conteúdo oferecido a seu quadro associativo, existem características mais amplas que seguem um mesmo padrão, como, por exemplo: a constituição jurídica – entidade do terceiro setor -, a forma de governança – presidencialista -, a gestão feita por pessoas que ocupam os cargos de forma voluntária, a necessidade de pagar uma taxa mensal, entre outros fatores. O interessante é observar que esse fenômeno – disseminação dos clubes e seu modo de operar – também ocorre nos demais países da América do Sul (SILVA, 2008).

Diante do exposto, o problema de investigação deste trabalho trata de analisar a influência dos clubes sociorrecreativos na manutenção ou as perdas de características socioculturais regionais, resultando na uniformização, mais geral, da forma de ver e agir sobre as práticas de lazer, a partir dos princípios disseminados pelo movimento clubista no país – embora isto tenha acontecido sem, a princípio, haver uma articulação engendrada por alguma entidade que agregava a todos em uma ação consciente de dominação -.

Para isto será realizado um debate com o intuito de compreender a dinâmica cultural e das formas de sociabilidades no interior dos clubes, bem como enxergar a sua influência na construção de (re)interpretações sobre as experiências de lazer. A questão central da investigação visa responder: é possível considerar que o movimento clubista contribuiu para disseminar, de forma global – em todo o país -, práticas e conteúdo do lazer realizados no seu interior, provocando mudanças nas diversas regionalidades em que eles se inseriram?

O percurso metodológico adotado foi qualitativo, como uma pesquisa descritiva de caráter exploratório. A revisão de literatura foi tratada com temas como: cultura, lazer, globalização e regionalidade, buscando referências sobre a inserção dos clubes na sociedade, atrelado à base conceitual.

2 OS CLUBES SOCIORRECREATIVOS: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE RESTRITA E DISSEMINAÇÃO CULTURAL DO LOCAL PARA O GLOBAL

A dinâmica sociocultural é complexa e dinâmica. Assim, ao analisarmos os clubes sociorrecreativos sobre um período de longa duração, dentro de um processo civilizacional, acreditamos que é pertinente aceitar a ideia de que “essas instituições compõem um cenário social complexo, sofrendo transformações ao longo do tempo provocadas por aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais.” (SILVA, 2009, p. 3).

Nesse entendimento, essas transformações estão ligadas aos sentidos, significados criados e recriados pelos diversos grupos sociais inseridos nos contextos dos clubes sociorrecreativos. No que diz respeito às diferentes dimensões da vida ordinária, cada um, em sua espacialidade e historicidade específica. Por intermédio desse olhar, os aspectos culturais não são determinantes – como a inserção de modos de ser e pensar dos imigrantes alemães, por exemplo – mas estão dentro de um determinado contexto. Isto quer dizer que essas transformações são o reflexo do meio e a condição de existência dos diferentes grupos sociais. Assim, mesmo que um grupo étnico alemão possua algum aspecto cultural trazido pelos imigrantes, no decorrer do tempo, a forma como eles interpretarão essas particularidades poderá sofrer mudanças, influenciados pelo meio social mais amplo em que estão inseridos (CORRÊA; ROSENDAHL, 2012).

É interessante destacar que a gênese da constituição dos clubes sociorrecreativos no Brasil, mais especificamente no século XIX, enquanto um espaço formal das experiências de lazer de determinados grupos sociais, caracteriza a transição da vida privada para a vida pública. Isto porque, no princípio, as várias famílias ofereceriam bailes, sarau literários e musicais, entre outras atividades para seu divertimento, em suas residências. Esse processo de transição, entre o informal e o formal contou com a institucionalização de um espaço para o divertimento dos grupos sociais com a formalização de estatutos que, mesmo de forma mais primária, determinavam quem poderia participar dos acontecimentos da entidade, o valor para poder frequentar as atividades, como outras normativas (LONER, 2002).

Nessa direção, os aspectos formais-burocráticos que organizam os clubes – por intermédios dos modelos de estatutos utilizados ainda no século XIX e que ainda seguem o mesmo padrão, apesar de haver atualizações, conforme a necessidade de cada entidade -, não são determinantes na constituição dos hábitos dos associados. Eles têm como princípio ordenar, regular o funcionamento cotidiano da instituição, mas, também, sofre transformações provocadas pela dinâmica social da vida coletiva que reflete no interior dos clubes. Isto porque há uma relação de interinfluência com o macroambiente, e com as características da região em que está inserida e seus aspectos socioculturais envolvidos.

Ainda, os aspectos formais de orientação sobre o funcionamento dessas entidades, podem contribuir para estabelecer uma relação normativa, quanto a trajés,

comportamentos, frequência, entre outros, mas não controla as particularidades da vida social que é construída na forma de convivência entre as pessoas.

Apesar de grande parte dos clubes sociorrecreativos surgirem no século XIX motivados, cada um, para atender práticas muito específicas, como: a literatura, a música, o teatro, os jogos, entre outros, no século XXI, independentemente do tamanho da associação, são inúmeras as possibilidades de experiências de lazer no interior dos clubes sociorrecreativos.

A forma como as famílias pertencentes aos quadros associativos dos respectivos clubes no século XIX foram se apropriando dos espaços que as várias entidades ofereciam, contribuiu para a diversificação da oferta de prática ou consumo de lazer. Isto porque foi necessário criar estratégias para manter os espectadores para as partidas e disputas esportivas realizadas. Assim, a incorporação de diferentes atividades, como bailes, saraus, piqueniques, entre outras, tinha com princípio estimular as esposas, namoradas e outras parentes a manter sua frequência nesses ambientes (SILVA, 2017).

Quanto à diversificação de atividades para as variadas experiências no lazer, é apropriado levarmos em conta a proposta de classificação das atividades de lazer, enquanto interesses culturais do lazer: físico/desportivo (predominância de atividades motrizes, como caminhar, correr), manual (predominância de atividades que provocam mudança no objeto, como marcenaria, por exemplo), social (sem um conteúdo cultural mais específico, mas na predominância da convivência), intelectual (predomínio de interesse por atividades de caráter cognitivo, racional, como, por exemplo, ler um livro), artístico (com interesse predominante por atividades que exploram a contemplação do que é estético, como uma exposição de artes), concebido por Dumazedier (1980).

Complementado a proposta de Dumazedier (1980), Camargo (1986) surge com a sugestão do interesse turístico (predominância de atividades que permitem a mudança da paisagem, como as viagens), e Schwartz (2003), com o interesse virtual (interesse predominante por participar de redes sociais, e outras atividades oferecidas pela *internet*).

Mesmo que a classificação proposta por Dumazedier (1980) possa apresentar algumas lacunas – como alerta o próprio autor – ela nos permite, de forma didática, enxergar a diversificação de oportunidades possíveis de experiências no lazer.

No entanto, é necessário considerar que cada clube tem particularidades. Em alguns, todos os interesses culturais são disponibilizados no formato de programações ou de estruturas físicas que permitem o consumo ou prática de alguma atividade. Em outros, há somente a possibilidade de prática ou consumo de uma ou outra experiência de lazer, como uma modalidade de esporte ou o teatro, por exemplo.

Apesar de haver – em maior ou menor proporção – a oferta de programações diversificadas de lazer aos associados e que muitas delas se reproduzem por todo o país, como, por exemplo, a prática dos esportes, como: futebol, basquetebol, voleibol, natação, entre outros, há maneiras muito distintas na forma como o grupo social frequentador atribui sentidos a essas práticas.

Assim, por exemplo, mesmo em um clube que tenha surgido da iniciativa de um grupo de imigrantes alemães, e a prática do punhobol faça parte do conjunto de atividades tradicionalmente inserida em seus costumes, há a influência do contexto em que ele está envolvido na produção ou reprodução de significados. Isto porque “os clubes sócio-recreativos são microrganismos compostos por aspectos simbólicos de um contexto social amplo e complexo.” (SILVA, 2009, p. 119). Assim, cada entidade pode atribuir sentido distinto a um mesmo conteúdo.

Isto vai ao encontro do que sugere Elias (12994) quando afirma que embora a civilização tenha regras fixas que ordenam a vida coletiva, o percurso civilizacional não é predeterminado, mas constituído pelo aprendizado e pela assimilação, de forma consciente e voluntária.

Um aspecto que contribuiu para que a cultura de determinada etnia pudesse contar com maior difusão no meio em que está inserida, está ligada ao conjunto de ações promovidas pelas várias instituições propagadoras existentes, como, por exemplo, a escola, a igreja e os clubes.

Foram diversos os grupos de imigrantes que se estabeleceram no Brasil no século XIX e tiveram a iniciativa de criar suas associações. Assim, havia clubes alemães, espanhóis, portugueses, italianos, ucranianos, poloneses, entre outros. Cada um mantinha, no seu interior, atividades que salvaguardavam suas características, como a alimentação e os jogos. Isto também foi reflexo das disputas de poder ocorridas em cada região, na qual esses grupos tinham como princípio estabelecer melhor posicionamento entre os demais grupos.

Alguns grupos não contaram com representatividade significativa em algumas regiões. Loner (2002) afirma que alguns grupos étnicos existentes em Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul, como os portugueses e franceses, não demonstraram uma mobilização intensa como os demais, em virtude de não sentirem necessidade porque eram culturas muito difundidas na comunidade local.

Mesmo ao aceitarmos a ideia de que houve a disseminação de novos hábitos e modos de vida, especificamente ligados ao lazer, que repercutiu em todo o país e que isto não foi um projeto arquitetado por alguma instituição representativa desse grupo, como acontece nos dias de hoje – mesmo porque os clubes no século XIX eram herméticos – é razoável aceitar que as mudanças que ocorreram – e ainda ocorrem – nas estruturas sociais são reflexos de conflitos e tensões existentes entre os diferentes agentes e instituições (SILVA, 2017).

Levando em conta que os clubes organizados no século XIX reuniam a elite – econômica, política e cultural – das diversas regiões do Brasil, esses grupos contavam com capital – político, econômico, simbólico e cultural – para impor seu modo de vida. Seja para criação de leis que inibiam e cerceavam as práticas de lazer da população em geral, caso não estivessem de acordo com os valores morais e éticos determinados por eles, pela promoção de um jeito de ser civilizado pela maneira como se divertiam, pelos modos e trajes que demonstravam no desfrute e gozo em momentos de recreio (SILVA, 2017).

A assimilação das mudanças ocorridas na comunidade local – exterior ao universo da sociabilidade lúdica dos associados nos clubes – está ligada a um processo de longa duração, no qual a maneira de pensar e agir sobre um determinado objeto, neste caso, um saber prático sobre a forma de se recrear, contou com a naturalização dos valores influenciados pelos grupos. Assim, as práticas mais arcaicas, mais comum à população em geral, cede espaço para aquelas consideradas adequadas dentro de um padrão de civilidade, determinado pela elite local (SILVA, 2017).

Cabe ressaltar que esse processo de inculcação de novos hábitos na comunidade local não aconteceu sempre de forma pacífica. Isto porque as essas comunidades também possuíam seu modo de resistência e elaboravam estratégias para a manutenção de sua forma de lazer. Desta forma, os grupos dominantes apelavam para a determinação legal de como deveria ocorrer algumas atividades. Um exemplo é a perseguição que os bailes de fandango sofreram em meados do século XIX, com implantação de altas taxas de licença para oferecer esses eventos e com a limitação de local onde era permitido a sua prática.

O artigo 147 do código de posturas municipais exige 40000 de licença para que o caipira possa espichar a canella no abracadabrante sapateio defandango. Ora o fandango segundo o Sr. José de Moraes é um baile popular da roça. O baile por isso mesmo deve ser um fandango popular da cidade. O fandango é a viola, é a fercida é os desafios. O baile é a banda musical, é o cognac e etc, é o desfechar dos revolvers surdos engatilhados pelo olhar... O fandango é a natureza. O baile é a arte. Põem-se uma finta no fandango e no baile... No baile diz se – a lei é igual para todos! (Dezenove de Dezembro, 1884, Ed. 217, p. 2).

É possível verificar que como o Jornal retratava o fandango, enquanto prática não-civilizada. O texto do artigo 147 que determina o valor para a licença, demonstra que essa festividade – mesmo presente na cidade de Curitiba como manifestação da cultura local, antes da constituição de diversos clubes – não estava de acordo com os valores morais e de civilidade que a elite – frequentadora dos bailes – deseja para a cidade (GOMES et al., 2020).

Embora existissem manifestações de lazer nas diversas comunidades espalhadas pelo Brasil, no século XIX, mesmo antes da disseminação dos clubes sociorrecreativos, houve um processo de incorporação de uma lógica recreativa, na qual a elite frequentadora dessas entidades, consideraram essas práticas inferiores àquelas que eles praticavam. Gomes (2014) trata esse fenômeno como colonialismo. Para a autora, isto opera por condições materiais e subjetivas da existência social. Neste caso, as práticas recreativas da população nativa era considerada atrasada e inferior.

A cultura e os costumes, conforme Hobsbaw (1997) são o resultado de uma tradição inventada e reinventada. A manutenção de algumas tradições, construídas pelos clubes sociorrecreativos no século XIX, persiste ao tempo. Algumas delas, mesmo que estejam no imaginário popular, estão em desacordo com os usos e cos-

tumes de determinada época. Como, por exemplo, a contínua realização do baile de debutantes² no século XXI, pelos clubes sociorrecreativos.

A forma como esses bailes ainda é realizada nos clubes – repetição e com práticas fixas formalizadas – procura dar continuidade, mesmo que exista alguma mudança na estrutura, a certos valores e normas de comportamento de determinados grupos sociais (HOBSBAWM, 1997).

Apesar dos bailes de debutantes fazerem parte do calendário anual dos eventos em pleno século XXI, dos diversos clubes em todo o país, reproduzindo uma prática sociocultural, originária da Europa, a representação que ele tem para as jovens nos dias de hoje, não é a mesma de épocas remotas.

Levando em conta que no princípio, após as adolescentes participarem do baile, havia algumas mudanças em seu comportamento, como, por exemplo, a relação afetiva com o namoro e casamento. Nos dias de hoje essa prática ritualística não provoca mudanças no comportamento de uma jovem mulher. Entre alguns acontecimentos que contribuíram para esse reflexo é que essa jovem já experimentou o namoro, mesmo sem precisar passar por essa cerimônia (ANDRADE FEIO, 2018).

Para compreender como as práticas recreativas dos clubes no século XIX conseguiram provocar mudanças culturais, de forma geral, em todo o território brasileiro onde estão instalados, é pertinente olhar, conforme sugere Loner (2002), sobre a construção de redes de sociabilidade entre os diversos clubes. Segundo a autora, devido à proximidade geográfica entre essas entidades e a necessidade de estabelecer relacionamento, a manutenção e divulgação de um modo civilizado de ser, relações institucionais foram construídas. Isto ajudou a manter um conjunto de associações variadas e propagar redes de convenção, conforme afirma Hobsbawm (1997).

Nesse sentido, mesmo que não houvesse uma instituição superior que fosse responsável por gerir ou articular as ações das demais, como era no século XIX, essas redes facilitavam a operação prática. Um exemplo são as regras de um jogo ou outros padrões de interação social, como o comportamento em um baile. As normas reconhecidas entre as associações permitiam a fluência de rotinas práticas. Da mesma forma, essa plena utilização simbólica e ritual, contribuía para que se propagasse esse comportamento para outras esferas externas à vida no clube.

A institucionalização das regras dos jogos, no século XIX, permitiram que os clubes pudessem estabelecer festivais e disputas entre eles. No âmbito dos bailes, a forma de conduta, vestimentas e das danças promovidas nesses encontros, divulgados nos convites e outras comunicações, permitiam que os frequentadores conhecessem os códigos formais e tácitos. Isto dava ao frequentador mobilidade social.

Cabe ainda destacar que apesar do lazer estar circunscrito em uma atmosfera da liberdade, a diversão dessas elites estava subordinada a um aspecto coercitivo que

2 Considerado um evento “que marca o rito de passagem das adolescentes para a vida adulta. Antigamente esse era o momento em que os nobres apresentavam a jovem para sociedade. Podendo depois desse evento participar de ocasiões sociais vestindo-se de forma mais adulta, esse baile ainda tinha a intensão de atrair futuros pretendes para jovem debutante.” (ANDRADE FEIO, 2018, p. 171).

buscava educar os modos para que essas pessoas estivessem aptas a desfrutar de modos civilizados de recreação. Da mesma forma, mesmo que cerceados de direito a algumas práticas recreativas, inclusive aquelas mais tradicionais, a população em geral, sofria com as mesmas práticas coercitivas. Porém, neste caso, impedidas de frequentar esses espaços, pela carência de questões materiais e subjetivas, como de realizarem suas atividades recreativas em outros locais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu debater sobre a existência dos clubes sociorrecreativos, espalhados por diversas localidades no país, desde o século XIX e sua influência na construção de modos de agir e pensar as práticas recreativas. Neste sentido, objetivou desvelar alguns pontos relevantes sobre a alteração da forma foi construída estratégias que culminaram na alteração, reinterpretação de práticas adotadas no lazer, como forma de divertimento.

Com as discussões realizadas neste trabalho, pode-se dizer que os clubes sociorrecreativos podem ser considerados como um espaço de difusão da cultura, enquanto modos de ser e agir cotidianos. A reprodução de práticas de divertimento no interior dos clubes, contribuíram para assimilação de hábitos pela sociedade em geral nas mais diversas localidades do país. Esse movimento que se iniciou no século XIX, com grande força, principalmente provocada pelos grupos de imigrantes, influenciaram para que no decorrer do século XX diversas práticas se consolidassem, como exemplo, os jogos que se institucionalizaram enquanto esporte.

Porém, é necessário destacar que esse processo de colonialismo cultural não aconteceu de forma passiva pela população, como vemos na construção da ideia de quadrilha junina, reprodução das quadrilhas das festas da elite, o que, por sua vez, ganhou uma dimensão social maior, constituindo-se como prática legítima de um povo que reelaborou os sentidos e dela se apropriou.

Da mesma forma, apesar da influência dos clubes na constituição de um estilo de vida recreativo, houve práticas que não foram legitimadas pela população – mesmo no interior da comunidade clubista –, como o exemplo do punhobol, um esporte de origem alemã, que sua prática se limitou a alguns clubes dessa etnia.

Ao pensarmos sobre a perspectiva da regionalidade, vemos que no século XIX, a população local foi cerceada de experimentar e cultivar hábitos consolidados de diversão, como, por exemplo, o fandango. As ações estratégicas do grupo dominante – elite que frequentava os clubes sociorrecreativos – para controlar a manifestação recreativa das pessoas, utilizaram de meios legais e discurso moral sobre essas práticas, inibindo e até proibindo sua realização.

Embora, vemos que muitas formas nas quais a população em geral dispõe de seu tempo com as práticas recreativas tenham influência da tradição inventadas pelos clubes, como os esportes, o baile de debutantes, entre outras, acreditamos que há um elemento no interior de cada localidade, de cada região na qual os clubes estão

instalados que contribuíram para construir especificidades no modo de interpretar, e, desta forma, de agir frente ao cotidiano recreativo. São valores simbólicos que tornam cada uma dessas atividades exclusivas na forma como as pessoas se relacionam com ela no interior de suas representações.

Isto, nos leva a considerar que é possível identificar a existência de particularidades que agem como componentes de um determinado *habitus*, como uma segunda natureza, como propõe Bourdieu (1996). Porém, isto será objeto de outro estudo, e realizado sob a proposta metodológica da antropologia urbana “um olhar de perto e de dentro”, conforme propõe Magnani (2002), com o intuito de explorar a possibilidade de compreensão da dinâmica cultural e das formas de sociabilidades no interior dos clubes, bem como enxergar as perdas e manutenção da identidade dos povos imigrantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FEIO, Steffani Gabrielle; MONARCHA, Hellen. O GRANDE BAILE: O significado do baile de debutantes para jovens belenenses. **Puçá**: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia, v. 3, n. 2, 2018. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/puca/article/view/4632>. Acesso em: 10 mai. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996

CAMARGO, Luiz. Octávio Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: apresentando uma antologia. *In*: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs) **Geografia Cultural**: Uma antologia. Vol. 1, Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 7-14, 2012.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. 1884, Ed. 217, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=416398&pesq=aldeamento%20+%20Papanduva&pagfis=9666>. Acesso em: 12 jun. 2023.

DUMAZEDIER, Joffre. **Planejamento de lazer no Brasil**: valores e conteúdos culturais do lazer. Trad. de Regina Maria Vieira. São Paulo: SESC, 1980.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

FENACLUBES. Clubes Centenários. Disponível em: <https://www.fenaclubes.com.br/wp-content/uploads/2023/01/Clubes-Centen%C3%A1rios-site-13-1-2023.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.

FRANZ, Juliana Cristina et al. **Imigração e colonização alemã no Vale do Taquari/RS**: as discontinuidades e as continuidades do processo de identificação territorial. 2020. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22032>. Acesso em: 20 mai. 2023

Os clubes sociorrecreativos do século XIX e a influência na constituição do lazer regional e global

GOMES, Christianne Luce. **Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 3–20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 4 jun. 2023.

GOMES, Leonardo de Couto; AMGARTEN QUITZAU, E.; SILVA, M. M. e. **As festividades dançantes no Clube Curitibaano**: os bailes como elemento da cultura física (1881-1914): the balls as an element of physical culture (1881-1914). History of Education in Latin America - HistELA, [S. l.], v. 3, p. e19729, 2020. DOI: 10.21680/2596-0113.2020v3n0ID19729. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/19729>. Acesso em: 4 mai. 2023.

HOBSBAWN, Eric.; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LONER, Beatriz Ana. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. **História em revista**, v. 8, n. 8, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/11801>. Acesso em: 20 mai. 2023.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - VOL. 17, nº 49. RBCS Vol. 17 no 49 junho/2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7yt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2023.

MEZZADRI, Fernando Marinho. **A estrutura esportiva no estado do paraná**: da forma o dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais. Tese. (Doutorado em Educa o Física) Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2000

SCHWARTZ, Gisele Maria. O cont eudo Virtual do lazer-contemporizando Dumazedier. **LICERE** - Revista do Programa de Pós-gradua o Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 6, n. 2, 2003.

SILVA, Marcos Ruiz. **Lazer nos clubes sociorrecreativos**. Editora Factach, São Paulo, SP, 2009.

SILVA, Marcos Ruiz da. **A elite curitibana se diverte**: a recrea o nos clubes sociorrecreativos no fim do século XIX. 2017. Tese (Doutorado em Educa o Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR., 2017. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5720>. Acesso em: 20 mai. 2023.

SILVA, Marcos Ruiz da. **A estrutura dos clubes sócio-recreativos na América do Sul**: primeiros indicativos. 1  Encontro da Alesde “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas” UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil 30, 31/10 e 01/11/2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/127948>. Acesso em: 20 mai. 2023.

STEIN, Bruno. O contexto histórico e o espaço regional em valsa PARA BRUNO STEIN, DE CHARLES KIEFER PARA. **CONSELHO eDITORIAL**, p. 438.

NINETEENTH CENTURY SOCIORECREATIONAL CLUBS AND THEIR INFLUENCE ON THE FORMATION OF REGIONAL AND GLOBAL LEISURE

ABSTRACT: This study aimed to discuss the sociorecreational clubs of the 19th century in Brazil and their influence on shaping a mindset and behavior within the realm of leisure, both in the microenvironment of local culture and on a macroenvironmental, global scale. The objective was to comprehend the cultural dynamics of social interactions within these clubs and to perceive their impact on the (re)interpretation of local community leisure experiences. As a theoretical framework, we conducted a descriptive and exploratory study, supported by a theoretical analysis of texts produced about sociorecreational clubs. A noteworthy conclusion is that during the 19th century, these clubs employed a range of strategies to disseminate their ideas about a civil-oriented logic of leisure entertainment. This was achieved through a network of social interactions between clubs, contributing to the spread of both symbolic and practical matters throughout the country. Another significant aspect highlighted in the conclusion is that, despite the dominant groups - the elite who frequented these clubs - asserting their way of thinking and behaving towards leisure activities through various strategies, this was not a passive process, as several local groups also employed strategies to maintain certain traditional practices.

Keywords: Sociorecreational clubs. Leisure. Culture. Global. Local.

CLUBES SOCIORECREATIVOS DEL SIGLO XIX Y SU INFLUENCIA EN LA FORMACIÓN DEL OCIO REGIONAL Y GLOBAL

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo analizar los clubes sociorrecreativos del siglo XIX en Brasil y su influencia en la formación de una mentalidad y comportamiento en el ámbito del ocio, tanto en el microambiente de la cultura local como a nivel macroambiental, de alcance global. El objetivo era comprender la dinámica cultural de las interacciones sociales dentro de estos clubes y percibir su impacto en la (re) interpretación de las experiencias de ocio de la comunidad local. Como marco teórico, realizamos un estudio descriptivo y exploratorio, respaldado por un análisis teórico de textos producidos sobre los clubes sociorrecreativos. Una conclusión destacable es que durante el siglo XIX, estos clubes emplearon una variedad de estrategias para difundir sus ideas sobre una lógica orientada a la civilidad del entretenimiento en el ocio. Esto se logró a través de una red de interacciones sociales entre los clubes, lo que contribuyó a la difusión de cuestiones tanto simbólicas como prácticas en todo el país. Otro aspecto significativo resaltado en la conclusión es que, a pesar de que los grupos dominantes - la élite que frecuentaba estos clubes - afirmaban su forma de pensar y comportarse hacia las actividades de ocio a través de diversas estrategias, esto no fue un proceso pasivo, ya que varios grupos locales también emplearon estrategias para mantener ciertas prácticas tradicionales.

Palabras clave: Clubes sociorrecreativos. Ocio. Cultura. Global. Local.

CRIME OU LAZER? LEGISLAÇÃO SOBRE CONSUMO DE DROGAS, PROSTITUIÇÃO, JOGOS DE AZAR, CAÇA E PESCA NA AMÉRICA LATINA

Alexandre Paulo Loro¹
Giuliano Gomes de Assis Pimentel²

RESUMO: O objetivo desse estudo foi identificar alguns dispositivos jurídicos que permitem aos indivíduos oscilarem entre o lazer canônico e o lazer desviante em regiões de fronteira, sendo possível vislumbrar alguns pontos de convergência/divergência que dizem respeito à caça/pesca, jogos de azar, uso recreativo de drogas e prostituição. Metodologicamente, utilizamos como estratégia para a coleta de dados a pesquisa documental na legislação de países latino-americanos limítrofes com o Brasil. Como não cabe socialmente que toda e qualquer atividade no tempo livre seja considerada legítima ou até legal, os resultados permitiram constatar a existência de outros processos de lazer na América Latina, bem como a complexidade e a diversidade das configurações que se estabelecem nas relações sociais em regiões de fronteira. Concluímos que há associação entre proibicionismo e/ou a censura de determinadas práticas do âmbito do lazer e os mecanismos de coibição e processos de disciplinamento.

Palavras-chave: Lazer; Esporte; Subjetividade.

1 INTRODUÇÃO

Para compreender o fenômeno sociocultural do lazer na particularidade da América Latina³ é necessário avançar na construção de referentes que permitam dar conta da complexificação desse tema nas regiões de fronteira, uma vez que esses territórios são dotados de características próprias (BEDOYA; FERNÁNDEZ, 2012).

1 Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá. Professor Associado da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó. E-mail: alexandre.loro@uffs.edu.br

2 Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ggapimentel@uem.br

3 Compreende-se como América Latina a região do continente americano que engloba os países onde são faladas, primordialmente, línguas derivadas do latim (no caso, o espanhol, o português e o francês). Na América do Sul, são exceções a Guiana (inglês) e o Suriname (flamengo), que são países de línguas coloniais germânicas.

A aproximação entre os países que compõem as regiões de fronteira na América do Sul, especificamente o Brasil, com os países vizinhos, coloca como no centro da discussão a territorialidade – tema recorrente nas análises sobre espaços delimitados no mundo globalizado. Os impactos dos processos de globalização redefinem as territorialidades urbanas, as práticas sociais e os jogos políticos dos atores, atravessados por uma trama de ilegalismos, que passam a compor e a redefinir as configurações sociourbanas (AZAÏS; KESSLER; TELLES, 2012).

Em um sentido amplo, para além da conotação físico-geográfica ou político-administrativa, vivemos a noção de território herdada da modernidade (legado de conceitos puros). Entretanto, o território é caracterizado pelo hibridismo, ou seja, necessita de constante revisão histórica, pois não é o território em si mesmo que faz dele objeto da análise social, mas o seu uso (SANTOS, 2005).

Quando o território em destaque é a fronteira, esta pode ser percebida como isolada e propícia ao ilícito em geral, região na qual a legalidade e a ilegalidade são partes constitutivas da vida cotidiana (GRINSON, 2000), com desdobramentos em diversos âmbitos da vida social, inclusive, para o lazer. Afinal, nem todas as práticas sociais que buscam o prazer no tempo livre podem ser consideradas como aceitáveis, pois o lazer também apresenta um lado obscuro (ROJEK, 2011).

Algumas práticas do âmbito do lazer são proibidas pela legislação em determinados países, embora nem todo “lazer desviante” seja ilegal; depende do local e do contexto em que ele ocorre. Paradoxalmente, as mesmas práticas podem ser belas - e até aceitáveis -, quando desfrutadas em outros países, uma vez que a percepção popular e a legislação expressam outra faceta. Quando há confluência entre a lei e a norma, entendemos que aquele lazer se tornou canônico enquanto no extremo daquilo que é feio ilegal, mais feio ou perigoso ou imoral, haveria o espectro do lazer desviante (LORO; PIMENTEL; GOMES, 2020). Ao partir desta premissa, pesquisamos a legislação de países latino-americanos limítrofes com o Brasil, com o objetivo de identificar alguns dispositivos jurídicos que permitem aos indivíduos oscilarem do lazer canônico para o lazer desviante, sendo possível vislumbrar alguns pontos de convergência/divergência que dizem respeito à caça/pesca, jogos de azar, uso recreativo de drogas e prostituição.

2 METODOLOGIA

Sem a pretensão de fazer um estudo comparativo das leis (Direito Comparado), verificamos como algumas práticas (caça/pesca, jogos de azar, uso recreativo de drogas e prostituição) podem deixar de ser desviantes em regiões de fronteira, uma vez que as pessoas aproveitam a singularidade legal de outro território. Essas categorias de análise são evidentes nos meios de comunicação sociais e circulares entre a população. Ao fazer uma leitura transversal, tentamos identificar dispositivos jurídicos que pudessem estimular o desvio. Para obter informações, realizamos pesquisas em documentos (leis e decretos) que tiveram como fonte principal da legislação brasileira o *site* da Casa Ci-

vil do Governo Federal; além dos *sites* oficiais⁴ de outros sete países sul-americanos limítrofes ao Brasil: Argentina, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

A legislação, como parte da sociedade, poderá ter a sua interpretação em movimento. Portanto, leis e decretos podem sofrer alterações e/ou ser revogadas no decorrer desse estudo, da mesma forma que os Tribunais podem modificar a sua jurisprudência.

3 FRONTEIRAS E LIMITES

É recorrente a utilização do conceito de fronteira pelo senso comum como metáfora, para simbolizar coisas distintas. Apresenta-se, ainda, como sinônimo de limite ou tipo de definição que reporta ao traçado ou linha divisória entre dois países. Entretanto, existem diferenças essenciais entre limite e fronteira – é fundamental destacar que o significado de fronteira é amplo. Para Machado (1998), o conceito de limite é de origem latina, criado para designar o fim daquilo que mantém coesa uma unidade político-territorial, ou seja, sua ligação interna; o conceito de fronteira não se reduz aos mapas, pois transcende a conotação do aspecto físico-geográfico; deriva do antigo latim *fronteria* ou *frontaria*, designava originalmente à margem do mundo habitado, os limites do conhecido, a parte do território situado *in fronte* – seu significado estava associado com algo que está à frente, conforme sugere a própria etimologia da palavra (nas margens), consignando uma qualidade e não uma entidade. Em síntese,

A fronteira está orientada “para fora” (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados “para dentro” (forças centrípetas). Enquanto a *fronteira* é considerada uma fonte de perigo ou ameaça porque pode desenvolver interesses distintos aos do governo central, o *limite* jurídico do estado é criado e mantido pelo governo central, não tendo vida própria e nem mesmo existência material, é um polígono. O chamado “marco de fronteira” é, na verdade, um símbolo visível do limite. Visto desta forma, o *limite* não está ligado à presença de gente, sendo uma abstração, generalizada na lei nacional, sujeita às leis internacionais, mas distante, frequentemente, dos desejos e aspirações dos habitantes da fronteira (Machado, 1998, p. 42).

Compreender as atividades do contexto do lazer nas franjas de fronteira latino-americanas exige avançar para além da etimologia e dos referenciais de fronteiras fortificadas. Propomos, portanto, dialogar com um modelo de análise que nos auxilia a pensar nas questões mais amplas relativas a situações fronteiriças. Para tanto, identificamos em Turner (2015) argumentos que nos ajudam a abordar o tema, pensados especificamente no interior dos fluxos fronteiriços que originam áreas de contato e efeitos concentrados. O autor, ao utilizar a metáfora da “onda” para retratar

4 As fronteiras do Brasil com o Suriname e a Guiana não foram inseridas nesse estudo em decorrência da inacessibilidade de fontes confiáveis e das dificuldades encontradas em acessar documentos oficiais de maneira virtual. Ao contatar Embaixadas e Consulados via *e-mail*, nem sempre obtínhamos as informações necessárias. Ademais, as fronteiras do Brasil com o Suriname são regiões extremamente isoladas, inexistindo cidades ou conurbações urbanas. A Guiana Francesa, país latino-americano, também não foi incluída no trabalho pela carência de fontes e, por ser um “Departamento Ultramarino da França (*Département d’outre-mer*), está subordinada à legislação daquele país.

o movimento de colonização nos Estados Unidos que adentra o país, auxilia-nos a compreender os avanços da fronteira americana no movimento da colonização. Para elucidar mais essa questão destacamos que

As instituições americanas foram compelidas a se adaptarem às mudanças de um povo em expansão (para a travessia de um continente; o desbravamento de terras selvagens; as condições econômicas e políticas da fronteira); desta forma, a fronteira seria “o pico da crista de uma onda”, o ponto de contato entre o mundo selvagem e a civilização (Loro; Gebara, 2013, p. 150).

A contribuição dessas discussões é de fundamental importância para percebermos que o movimento de migração americana pode ser tomado como referência para os estudos na região de fronteira no Brasil, especialmente porque na Constituição da República Federativa do Brasil (1988), artigo 20, Inciso XI, §2º, limita “faixa de fronteira” à faixa de até 150 quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres, considerada fundamental para a defesa do território nacional, sendo a sua ocupação e utilização reguladas pela legislação. Uma vez explicitados estes aspectos, destacamos pontos de convergência/divergência, que dizem respeito à caça/pesca, jogos de azar, uso recreativo de drogas e prostituição.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil, a pesca é uma atividade lícita e regulamentada. No entanto, caçar e perseguir animais silvestres caracteriza delito ambiental. A penalização para este tipo de conduta é detenção de seis meses a um ano e multa. Em todos os países pesquisados a caça e a pesca são práticas lícitas e regulamentadas, com penalidades distintas, conforme o tipo de infração.

No Brasil, os jogos de azar são penalizados pela Lei das Contravenções Penais⁵ com prisão simples, mais multa e perda dos móveis do local onde são praticados. Na Argentina, os jogos são ilícitos, sendo permitida, porém, a instalação de cassinos em alguns departamentos, a exemplo da capital, Buenos Aires. Nos demais países, aquilo que no Brasil a legislação penalista chama de “jogos de azar” é uma atividade lícita e regulamentada e, geralmente, funciona em ambientes amplamente estimuladores e decorados.

Em relação ao uso recreativo de drogas no Brasil, as condutas relacionadas ao fabrico, comércio, transporte e depósito de drogas são exaustiva e extensivamente criminalizadas por meio de várias condutas tipificadas pelo Código Penal e na legislação extravagante. Em que pese as penas possuem uma grande variação entre as penas mínima e máxima, verifica-se que são consideradas condutas graves pela legislação pátria, chegando à pena máxima de 15 anos, mais multa, conforme a gravidade da infração. Já a posse ou o porte de drogas para consumo pessoal é criminalizada com

5 Tecnicamente, contravenções penais diferem dos crimes pela gravidade da conduta e, conseqüentemente, pela duração das penas: as infrações penais são consideradas infrações penais menos graves, a que são cominadas penas mais leves.

penas⁶ brandas e educativas, as quais não configuram restrição de liberdade: I - advertência sobre os efeitos das drogas; II - prestação de serviços à comunidade; III - medida educativa de comparecimento à programas ou cursos educativos. Verifica-se, ainda, que cada país estabelece quais são as substâncias ilícitas, e que a relação dessas substâncias é constantemente modificada, conforme surgem novas substâncias.

Percebemos que, nos países pesquisados, existe uma tendência na regulamentação do uso da maconha. Na Argentina está sendo discutida a descriminalização da posse para consumo; o Uruguai legalizou o seu cultivo e uso, e lá o Estado controla e regula as atividades e quantidades permitidas, além do quanto cada pessoa pode gastar: uruguaios ou residentes no país, maiores de 18 anos, que tenham se registrado como consumidores para o uso recreativo ou medicinal da maconha poderão comprar a erva em farmácias autorizadas e também poderão ter acesso a ela por meio de autocultivo pessoal e participação em clubes de culturas. No entanto, aquele que comercializar em desacordo com a regulamentação comete delito. Na Bolívia a lei diferencia a coca em estado natural, que não produz efeitos maléficos à saúde humana, da coca quimicamente transformada. O uso tradicional da coca pelas populações andinas é protegido, existindo regulamentação para o plantio, inclusive delimitando zonas de produção (populações andinas). O que a lei proíbe é o uso, a produção e o comércio de drogas: pune o cultivo, a fabricação e o tráfico de drogas com prisão e multa, aumentadas em caso de reincidência, e a posse para uso pessoal com internação e tratamento forçado. A Colômbia pune o cultivo, a produção, a fabricação, a im/exportação, o comércio, o uso e a posse, regulamentando tais atividades para fins médicos e científicos. Um projeto de lei recente descriminaliza o porte para uso, seguindo a tendência jurisprudencial. No Peru, a utilização tradicional de folhas de coca não é penalizada e existe empresa estatal de regulação do uso e distribuição. Em relação ao tráfico, o microcomércio tem pena reduzida, e o tráfico é penalizado com detenção e multa. Neste caso, a legislação é muito severa, com quebra automática de sigilo bancário e tributário dos investigados.

No Brasil a experiência de outros países é recortada por leituras antagônicas, entre aqueles que são a favor da descriminalização e o bloco favorável ao aumento das penas. Dessa forma, a mídia tem repercutido tal debate, contudo, com sérios limites em relação a uma abordagem mais ampla, que informe, por exemplo, os aspectos socioculturais do consumo, sendo que a ênfase recai sobre as características físico-químicas das drogas (RIBEIRO-ANDRADE et al., 2021). Nesse sentido, as informações circuladas não são apropriadas para o exame criterioso sobre as características e consequências do consumo recreativo de drogas.

A prostituição,⁷ compreendida como uma atividade do contexto do lazer, é uma prática lícita em todos os países pesquisados, portanto, a prostituição não é crimi-

6 Há ainda uma discussão jurídica sobre a posse de drogas para uso pessoal configurar crime, na medida em que as penas cominadas ao tipo não serem aquelas previstas no Título V do Código Penal. O entendimento jurisprudencial parece estar se firmando no sentido de que a conduta mantém a natureza criminosa, apesar da despenalização.

7 A prostituição é compreendida nesse estudo como uma atividade do contexto do lazer para aqueles indivíduos que utilizam dos serviços dos(as) profissionais do sexo. Para estes(as), trata-se de uma relação comercial.

nalizada. No entanto, em todos eles, lenocínio é crime. No Brasil⁸ a penalidade é prevista em cinco artigos do Código Penal: I - mediação para servir a lascívia de outrem; II - favorecimento da prostituição ou outro tipo de exploração sexual; III - manutenção de casa de prostituição; IV - rufianismo; e V - promoção do tráfico internacional de pessoas com fins sexuais. Nos países pesquisados, inclusive no Brasil, não existe regulamentação da prostituição como profissão, com exceção do Uruguai. O Código Penal colombiano chama atenção ao estabelecer que o proxenetismo seja crime; mas para esta mesma sentença, a jurisprudência estabelece a possibilidade de contrato de trabalho quando o indivíduo trabalha para outrem por vontade própria.

Em síntese, todas essas informações explicitadas podem ser resumidas e inseridas no seguinte quadro:

Quadro 01: Países limítrofes, categorias de análise e aspectos gerais da legislação.

PAÍS	CAÇA/PESCA	PROSTITUIÇÃO	JOGOS DE AZAR	DROGAS		
Uruguai	Lícita e Regulamentada	Lícitos e Regulamentados		Ilícitas, mas são legalizados o cultivo e o uso de maconha para fins medicinais e recreativos		
Argentina		Lícita	Ilícitos, mas permitida a instalação de cassinos em alguns departamentos	Ilícitas		
Paraguai			Lícitos e Regulamentados		Ilícitas (uso, produção e comércio); diferencia a coca em estado natural da quimicamente transformada; o uso tradicional da coca pelas populações andinas é protegido – regulamenta o plantio	
Bolívia				Ilícitas, mas regulamentadas para fins médicos e científicos		
Colômbia						Ilícitas, com alguns atenuantes culturais
Peru						
Venezuela			Ilícitas			
Brasil		Pesca – lícita e regulamentada Caça – ilícita		Ilícitos		

Fonte: elaborado pelos autores, 2017

8 Desde 2002 a prostituição é reconhecida pelo Ministério do Trabalho como uma ocupação profissional, mas ela ainda não é uma profissão regulamentada.

Ante o exposto é imperativo observar que as práticas do âmbito do lazer desviam-se passam por processos de alterações e podem causar riscos aos praticantes, embora também possam significar banalização ou fuga do risco. Nesse sentido, emerge situações paradoxais: ao mesmo tempo em que existe condescendência/aceitação, do outro lado, ocorre o alarme social. A coexistência destes dois polos expressa, concomitantemente, a noção de transgressão e risco, fazendo-se necessário discutir sobre o centro de gravidade do controle normativo das práticas desviantes no lazer e seus processos de subjetivação em uma sociedade de risco.

Salvas raras exceções, os indivíduos possuem alguma noção dos perigos. No entanto, assimila-se e convive-se diariamente com os riscos, pois existe a possibilidade de ação sobre os riscos, mesmo que essas práticas sejam classificadas como desajustadas. Sobre esse assunto, Pais (2005) discute o fenômeno das manifestações de “desenquadramento social”. O referido autor parte dos traços de vida dos jovens para compreender as trajetórias de risco, os contextos de exclusão e/ou desenquadramento social, no sentido de depurar as condições ou determinantes sociais. Os novos modos de comportamento, como estilo de vida e consumos culturais específicos, funcionam como uma prática de resistência aos padrões convencionais, em um jogo paradoxal entre a liberdade e o regramento. Deste entrelaçamento de forças o poder e o saber constituem mistos concretamente inseparáveis –, surge a subjetivação como uma distinta dimensão.

A subjetivação não é um retorno teórico ao indivíduo, mas a busca prática da produção de outros modos de existência e estilos de vida. Estes processos são inteiramente variáveis conforme as épocas e contextos. Eles fazem-se segundo regras específicas que, em todo momento, o poder não para de recuperá-los e de submetê-los às relações de força, exceto que renasçam inventando outros modos, indefinidamente (DELEUZE, 2017).

Em um contexto racionalizador, os indivíduos são submetidos a um grau exacerbado de monitoração dos riscos e induzidos às práticas de tipo prudencial. Entretanto, tal política, supostamente preventiva, pode não se desenvolver dessa forma em suas versões contraditórias. Ao mesmo tempo em que se procura regular os indivíduos e minimizar os riscos, muitas vezes, o risco é procurado deliberadamente pelos indivíduos, sem deixarem-se assediado pelo oferecimento de supostas escolhas. Mas para melhor compreender esse dilema, que anda na contramão das práticas convencionais, importa fazer a análise alargada das formas de articulação das relações de poder social com os processos de subjetivação e a reflexividade.

Podemos pensar que o controle normativo das práticas desviantes no lazer está centrado na zona de autogoverno, com um peso crescente. Embora coexistam zonas externas de vigilância e autogoverno do indivíduo, é possível pressupor que ocorre um deslocamento ascendente da zona de vigilância para a zona de autogoverno – como se a autogestão social se inclinasse aos mecanismos formais de vigilância do Estado. Isso quer dizer que o autocontrole dos indivíduos é grande, pois eles precisam de técnicas de astúcia, sutileza, percepção e adaptação às circunstâncias. Essa adaptabilidade provoca mudanças de comportamentos que, por sua vez, aca-

bam por não se confrontar com as regras jurídicas, mesmo daqueles que praticam o lazer desviante.

As tecnologias da subjetividade no contexto do lazer têm demonstrado que o corpo é um lugar de discursos e operações de poder. Por este motivo refutamos a premissa de uma suposta subjetividade original do indivíduo, afinal, as atividades do contexto do lazer não são socialmente neutras, pelo contrário, são formas de regulação social.

Constantemente novas modalidades de subjetivação são criadas por meio de técnicas utilizadas pelos indivíduos sobre si e sobre a sua ação. As técnicas de si designam um dispositivo de autogoverno, exercido continuamente sem a necessidade de haver quem governe diretamente a conduta de cada um (FOUCAULT, 2020). São práticas de reflexão voluntária por meio das quais os indivíduos procuram transformar a si próprios, fixar regras de conduta e modificar a sua singular forma de ser.

Os mecanismos de autorregulação e autocontrole das práticas, realizadas sob tutela de um regime de verdade, preparam e educam os indivíduos para satisfazerem condições impostas pela identidade social, ampliando as possibilidades de escolhas individuais, em que as esferas da vida doméstica e privada assumem papel central na sociabilidade e criação das subjetividades. Contudo, com as profundas mudanças da sociedade, novas subjetividades e dispositivos de repressão são produzidos.

Os dispositivos de repressão não são apenas aqueles de exclusividade policial, que vigiam e punem. Eles também podem estar centrados nas tecnologias da subjetividade, pois remetem ao autogoverno do indivíduo o autocontrole da relação daquilo que é socialmente aceito, o que é uma norma irregular e ilícita.

Em um modelo foucaultiano de análise, na sociedade de controle são criados mecanismos – tecnologias de subjetividade e autogoverno, os quais contornam os mecanismos sociais de censura no consumo de determinados tipos de lazer. Nas sociedades de controle, o tempo e o espaço dedicados ao lazer são fundamentais, pois se apresentam como campos propícios para os indivíduos se abrirem para a fruição/satisfação dos desejos (SANT'ANNA, 2002).

É imprescindível esclarecer que os discursos são sempre discursos-práticas – um binômio de domínio simultâneo, ou seja, uma prática sempre tem um discurso implícito, inexistindo práticas sociais fora do discurso. Em síntese, é na capacidade de produzir discursos que reside o exercício do poder. Nesse terreno, está em disputa a produção de um conhecimento supostamente verdadeiro sobre um segmento da realidade social.

A tentativa de dominar o campo do discurso e tentar fixar um sentido confronta com a pluralidade de discursos produzidos na região fronteira, decorrentes de acontecimentos e condições singulares de sua existência, os quais são compelidos à negociação de diferentes posicionamentos. Em outras palavras, no espaço social de construção de multidiscursos, provenientes de diferentes campos de conhecimento, os quais originam a interpretações variadas, está a disputa da legitimação do que é definido como lazer.

O modo de conceber a articulação e a montagem dos discursos levou Gomes (2005) a concluir que nem as estruturas sociais, nem as subjetividades são absolutamente fixas ou absolutamente não fixas. A instabilidade das formações discursivas nos coloca diante de um cenário de descontinuidade e de transformações que, em certos momentos, pode colonizar outras formações discursivas e criar uma relação hegemônica, na qual os discursos contraditórios são hierarquizados e rearticulados para produzirem uma única narrativa, mesmo assim, incapaz de anular os discursos que têm uma existência exterior ao campo discursivo.

Analisar a construção das subjetividades por intermédio das práticas do âmbito do lazer é de fundamental importância para identificar as técnicas utilizadas pelos indivíduos na sua reflexão voluntária sobre si e sobre a sua ação. A construção das técnicas de si em uma perspectiva foucaultiana (2010) é representada como o conjunto de tecnologias e experiências do processo de (auto)constituição e transformação do indivíduo, que influencia na definição dos indivíduos de maneira ativa, não por técnicas inventadas por ele mesmo, mas por esquemas que lhe são propostos e encontrados nas culturas ou que lhe são impostos pelos grupos sociais. Em outras palavras, as técnicas de si são práticas de reflexão voluntárias através das quais os indivíduos procuram transformar a si próprios, fixar-se regras de conduta e modificar-se na sua singular forma de ser.

Para Gomes (2009) existem quatro dimensões da construção de novas tecnologias de subjetivação:

1. refere-se ao julgamento ético pessoal, à análise que cada um realiza de si próprio com os principais critérios de relevância. Por exemplo, os indivíduos que procuram uma prática desviante de lazer podem ter necessidades distintas, como aventura, obtenção de algum tipo de ganho material ou simbólico;
2. orienta os modos de sujeição moral, manifestada no pensamento do indivíduo em caráter dual (normas sociais *versus* autenticidade das opções individuais). É nesta gangorra que emergem novas possibilidades para o agir moral ou para a corrupção. O indivíduo pode reconhecer suas obrigações morais, mesmo ciente de que certas práticas sejam inconvenientes;
3. trata-se das formas de elaboração do trabalho ético que cada um efetua na busca do seu eu verdadeiro (*self*). Está relacionada às diversas formas de lazer, assume as seguintes formas: a) conhecimento de si – assentadas no reconhecimento próprio (reflexão e interpretação do significado pessoal sobre a prática de lazer); b) cuidado de si – as técnicas ou condutas corporais que monitoram as funções e ações dos indivíduos; e c) domínio de si – praticado por intermédio de um controle regular da conduta do indivíduo, que visa a um estado de aperfeiçoamento ou de realização na utilização de tecnologias;
4. incorre naquilo que permite a cada um manter o domínio de si e suas condutas, com a finalidade de obter algum tipo de aperfeiçoamento.

Estas dimensões incidem na política da vida e na transparência do corpo (GOMES, 2009) como dispositivos de autogoverno dos indivíduos, exercido continuamente sem necessidade de que haja quem governe diretamente a conduta de cada um. Isto quer dizer que a noção de tecnologias de subjetividade pode ser utilizada na interpretação da realidade observada, especificamente com diferentes dispositivos de monitoramento: ópticos, discursivos, morais e de domínio, operacionalizados e utilizados na construção de subjetividades, na fabricação da imagem de si e no controle de práticas desviantes no lazer no território fronteiriço.

A excessiva regulação da vida suscita nos indivíduos a assimilação de dispositivos de domínio, incorporando as regras da trama social e, não raro, alargando o controle gerado por esses dispositivos na vida privada ao ponto de, quando houver algum tipo de descompasso das regras, se elas forem transgredidas, soar um alarme do sistema de segurança interior. Tais mecanismos são incorporados desde a tenra infância. Uma vez interiorizada a norma no cotidiano da vida, a passagem da prática do lazer convencional para a prática do lazer desviante, além de estratégias de invisibilidade, exige do indivíduo qualidades como: desprendimento, perspicácia e enfrentamento.

As práticas do âmbito do lazer desviante nem sempre são declaradas pelos indivíduos publicamente, a menos que se sintam fortalecidos por movimentos sociais generalizados e politizados de grande proporção ou fortalecidos pela necessidade de declarar rupturas e fazer enfrentamentos. Entretanto, a pressão e o julgamento moral/legal podem se diluir em meio ao grande grupo, levando os indivíduos a ficarem à vontade para vivenciá-los ou explicitá-los.

O controle dos acessos tem sido uma das principais formas de corrigir os indivíduos. Entretanto, estes são espontaneamente incorrigíveis, o que demanda a criação de tecnologias para a sua reeducação e regramento, uma forma de “sobrecorreção” que lhe permita a vida em sociedade (FOUCAULT, 2010). Portanto, à medida em que as transgressões não precisam mais atravessar fisicamente a fronteira, incluindo todo o debate que a sociedade precisa fazer a respeito dos crimes de ódio, pornografia e outras corrupções severas do lúdico, urge também estudar os desvios virtuais.

Esse questionamento não visa relativizar o progresso civilizatório sob uma tendenciosa tentativa de validar crimes como liberdade de expressão. Todavia, é fundamental observar a dialética: a tentativa de o estado exercer o controle das regiões de fronteira, por exemplo, pode gerar efeitos colaterais (PINHEIRO-MACHADO, 2011). As consequências destas transformações na vida cotidiana dos habitantes produziram alterações da “normalidade”, sendo que a fiscalização repercutiu no aumento dos índices de violência, desemprego e redirecionamento dos fluxos migratórios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao admitir a existência de outros processos de lazer na América Latina, bem como a complexidade e a diversidade das configurações que se estabelecem nas relações sociais em regiões de fronteira, podemos provisoriamente concluir que o proi-

bicionismo e/ou a censura de determinadas práticas do âmbito do lazer tornam-se alvos de coibições e processos de disciplinamento como, por exemplo: a delimitação de área restrita, períodos, medidas e definição de espécies (caça e pesca); discricção dos locais – guetos (prostituição); oficialização de loterias pelo estado (jogos) e a permissão do livre comércio de tabaco e álcool (drogas). Para tanto, ações ostensivas dos agentes de controle são realizadas, porém os agentes do desvio resistem e excedem às normatizações do Estado, e acabam por criar ou promover práticas determinadas ilícitas (segundo a legislação).

Por sua vez, os agentes do controle social estão presentes no cotidiano dos indivíduos e tratam de condicioná-lo e discipliná-lo por meio de um largo e sutil processo de controle, que inicia nos núcleos primários (família), perpassa pela escola, pela profissão, pelo local de trabalho e culmina com a obtenção de sua conformidade, interiorizando no indivíduo as pautas de conduta transmitidas e aprendidas (processo de socialização). Parece-nos, portanto, que as dimensões da construção de novas tecnologias de subjetivação e os diferentes dispositivos de monitoramento nos territórios fronteiriços são parcialmente aplicáveis, pois os indivíduos se subjetivam no modo como apreendem esse território para o lazer. Em síntese, a vida comum e as atividades do contexto do lazer transgressor são mais tênues do que possamos imaginar.

REFERÊNCIAS

AZAÏS, Christian; KESSLER, Gabriel; TELLES, Vera da Silva (Orgs.). **Ilegalismos, cidade e política**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

BEDOYA, Victor Alonso Molina; FERNÁNDEZ, José Fernando Tabares. Pensamento crítico latino-americano e produção de conhecimento em lazer. *In*: GOMES, Christiane Luce; ELIZALDE, Rodrigo. (Orgs.). **Horizontes Latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 09-25, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 05 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3 ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: 1. A vontade de saber. 11. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: Curso no Collège de France - 1974-1975. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GOMES, Rui Machado. A política da vida e a transparência do corpo. *In*: GOMES, Rui Machado. (Org.). **O corpo e a política da vida**. Coimbra: Centro de Estudos Biocinéticos, 2009.

GOMES, Rui Machado. O método: das estruturas ao discurso. *In*: GOMES, Rui Machado. **O governo da Educação em Portugal**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 141-182, 2005.

LOORO, Alexandre Paulo; GEBARA, Ademir. Situações de fronteira nos jogos infantis. *In*: GOLIN, Carlo Henrique. (Org.). **Educação Física, fronteira e formação: os distintos olhares investigativos**. Campo Grande: Editora UFMS, p. 112-127, 2013.

LOORO, Alexandre Paulo; PIMENTEL, Giuliano Gomes Assis de; GOMES, Rui Machado. Do lazer canônico ao desviante: tipologia e níveis de tolerância. **Interfaces da Educação**, v. 11, n. 31, p. 307-328, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4266>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MACHADO, Lia Osório. Limites, Fronteiras e Redes. *In*: STROHAECKER, T. M. et al. **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB, p. 41-49, 1998.

PAIS, Jose Machado. **Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis**. 3. ed. Porto: Âmbar, 2005.

RIBEIRO-ANDRADE, Erica Henrique et al. Drogadição: o que lemos na revista? **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 11, n. 30, p. 68-85, 2021. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/2077. Acesso em: 10 jun. 2023.

ROJEK, Chris. O lado obscuro do lazer: formas anormais. *In*: FORTINI, Janice Lúce Martins; GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, p. 137-148, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre a serpente e a toupeira: transitando pelas idéias de Foucault e Deleuze. *In*: BRUHNS, Heloisa Turini. (Org.). **Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: **OSAL: observatório Social de América Latina**, ano 6, n. 16, p. 251-261, 2005. Disponível em: <http://clacso.org.ar/ar>. Acesso em: 10 mar. 2023.

TURNER, Frederick Jackson. **The Frontier in American History**. New York: Open Road Media, 2015.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Argentina

Lei 24.922, de 12 de janeiro de 1998.

Lei 23.737, de 21 de setembro de 1989.

Lei 11.179, atualizado em 1984.

Lei 22.421, de 5 de março de 1981.

Lei 18.226, de 17 de maio de 1969.
<https://www.argentina.gob.ar/justicia>

Bolívia

Lei 938, de 03 de maio de 2017.
<http://www.gacetaoficialdebolivia.gob.bo>
Código Penal Boliviano.
<https://www.oas.org>
Decreto Supremo n. 22.858.
Lei 1.008, de 19 de julho de 1988.
Decreto-Lei 12301, de 1975.

Brasil

Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006.
Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1988.
Lei das contravenções penais – Decreto-Lei nº 3.688, de 03 de outubro de 1941.
Código Penal – Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940.
<http://www.planalto.gov.br>

Colômbia

Lei 679, de 03 de agosto de 2001.
Lei 13, de 15 de janeiro de 1990.
Lei 84, de 27 de dezembro de 1989.
<http://www.suin-juriscol.gov.co>
Código Penal – Lei 599, de 24 de julho de 2000.
Lei 599, de 24 de julho de 2000.
<http://www.alcaldiabogota.gov.co>
Projeto de regulamentação da maconha.
<https://www.minjusticia.gov.co>

Paraguai

Lei 716, de 02 de maio de 1996.
Lei 1.340, de 22 de novembro de 1988.
Código Penal – Lei 1.016, de 30 de junho de 1997.
<http://www.bacn.gov.py>

Peru

Decreto Supremo 013-99, de 03 de maio de 1999.
Lei 27.153, de 08 de julho de 1999.
Decreto-Lei 25977, de 21 de dezembro de 1992.
Código Penal – Decreto Legislativo 635, de 04 de abril de 1991
Decreto-Lei 22095, de 21 de fevereiro de 1978.
<http://spij.minjus.gob.pe>

Uruguai

Lei n. 17.515, de 09 de julho de 2002.
Lei 19.172, de 07 de janeiro de 2014.
Lei 13.921, de 30 de novembro de 1970.
Lei 9.481, de 04 de julho de 1935.

Código Penal, de 29 de junho de 1934.

<https://parlamento.gub.uy>

Venezuela⁹

Código Penal, de 20 de outubro de 2000.

Código Penal, de 29 de junho de 1934.

<http://www.gobiernoenlinea.ve>

Levantamento sobre legislação de drogas nas Américas e Europa e análise comparativa de prevalência de uso de drogas, de 2010 (levantamento realizado pelo Ministério da Justiça brasileiro).

<http://www.justica.gov.br/noticias/senad-divulga-levantamento-sobre-legislacao-de-drogas-nas-americas-e-europa/leis-e-preva-final-sem-acordao.pdf>

Lei orgânica sobre o direito das mulheres a uma vida livre de violência.

<http://www.derechos.org.ve>

9 Os sítios consultados apresentavam-se constantemente instáveis.

CRIME OR LEISURE? LEGISLATION ON DRUG CONSUMPTION, PROSTITUTION, GAMBLING, HUNTING AND FISHING IN LATIN AMERICA

ABSTRACT: The objective of this study was to identify some legal devices that allow individuals to oscillate between canonical leisure and deviant leisure in frontier regions. It is possible to glimpse some points of convergence / divergence related to hunting / fishing, gambling, recreational drug and prostitution. Methodologically, we use as strategy for the collection of data the documentary research in the legislation of Latin American countries bordering Brazil. As it does not fit socially that any activity in free time is considered legitimate or even legal, the results allowed to verify the existence of other leisure processes in Latin America, as well as the complexity and the diversity of the configurations that are established in the social relations in border regions. We conclude that there is an association between prohibitionism and/or censorship of certain leisure practices and the mechanisms of restraint and disciplining processes.

Keywords: Leisure. Sport. Subjectivity.

DELITO O OCIO? LEGISLACIÓN SOBRE CONSUMO DE DROGAS, PROSTITUCIÓN, JUEGOS DE AZAR, CAZA Y PESCA EN AMÉRICA LATINA

RESUMEN: El objetivo de este estudio fue identificar algunos dispositivos jurídicos que permiten a los individuos oscilar entre el ocio canónico y el ocio desviado en regiones fronterizas, siendo posible vislumbrar algunos puntos de convergencia / divergencia que se refieren a la caza / pesca, juegos de azar, uso recreativo de drogas y prostitución. Metodológicamente, utilizamos como estrategia para la recolección de datos la investigación documental en la legislación de países latinoamericanos limítrofes con Brasil. Como no cabe socialmente que toda actividad en el tiempo libre sea considerada legítima o incluso legal, los resultados permitieron constatar la existencia de otros procesos de ocio en América Latina, así como la complejidad y la diversidad de las configuraciones que se establecen en las relaciones sociales en regiones fronterizas. Concluimos que existe una asociación entre el prohibicionismo y/o censura de determinadas prácticas del alcance de ocio y los mecanismos de contención y procesos disciplinadores.

Palabras clave: Ocio. Deporte. Subjetividad.

APROXIMAÇÕES INICIAIS ENTRE O LAZER NOTURNO NO BRASIL, ESPANHA E ARGENTINA: UMA ANÁLISE COMPARADA DO *ESQUENTA*, *BOTELLÓN* E *LA PREVIA*

Saulo Kuster¹

RESUMO: Este texto busca comparar as dinâmicas e os sentidos que os jovens atribuem ao fenômeno *Esquenta*, no Brasil; *Botellón*, na Espanha; e *La previa*, na Argentina, situando-os como manifestações atuais de lazer noturno e majoritariamente vivenciados por jovens. Trata-se de estudo teórico, de caráter bibliográfico e comparativo. A partir da análise das produções científicas que se debruçaram sobre o *Esquenta*, *Botellón* e *La Previa*, observamos uma coincidência no que diz respeito aos sentidos que esses três fenômenos despertam em seus participantes, uma vez que se vinculam a diversão, consumo de bebidas alcoólicas mais baratas e autonomia na forma de se divertir. Em termos de dinâmicas, esses três fenômenos resguardam similaridades e divergências. Podemos observar que o tipo de bebida consumida em cada um dos fenômenos estudados é diferente, mas o motivo que faz os jovens buscarem esse tipo de lazer noturno é convergente. Existe similaridade entre os locais escolhidos para realização do *Esquenta* e *Botellón*, que ocorrem principalmente em praças e ruas. Os adeptos da *La Previa* também se divertem nas praças e ruas, no entanto, tal prática se dá comumente no interior das habitações, em função da legislação nacional vigente. Dados presentes na literatura acadêmica sobre o *Esquenta*, *Botellón* e *La previa* nos permitem dizer que ocorre uma convergência de sentidos relacionados a esses fenômenos e mostram, também, como suas dinâmicas resguardam particularidades vinculadas à cultura local, às condições concretas das juventudes e ao aparato político nacional.

Palavras-chave: Lazer noturno; *Esquenta*. *Botellón*; *La Previa*.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas produzidas nas últimas décadas demonstram que as experiências de lazer são influenciadas por fatores como gênero, raça, idade, condição socioeconô-

1 Mestrado em Educação Física (Área de concentração: Estudos Pedagógicos e Socioculturais da Educação Física), pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2021), instituição pela qual cursa Ciências Sociais (Bacharelado). Possui Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, Esporte e Lazer pela Universidade Vila Velha - UVV (2018). Membro do grupo Andaluz, vinculado ao Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos. E-mail: saulokust@hotmail.com.

mica, localização geográfica, entre outros. As vivências de lazer, portanto, são atravessadas por uma série de circunstâncias sociais e políticas que vão modulando a sociabilidade dos indivíduos. No entanto, ainda que haja condicionantes externos que podem restringir ou dificultar algumas experiências de lazer, vemos surgir uma infinidade de novas formas de diversão que buscam burlar os obstáculos existentes. Entre os jovens isso fica muito evidente, uma vez que podem subverter, modificar e recriar espaços urbanos quando esses não lhes agradam, como Costa et al. (2022) mostra minuciosamente em seu estudo sobre o lazer noturno e as resistências juvenis de lazer em um bar de Portugal.

A ideia de que a juventude é uma realidade homogênea (determinada basicamente pela idade) parece persistir em algumas parcelas da sociedade. Tal fato prejudica a aceitação de algumas manifestações de lazer que vêm sendo adotadas pelas juventudes, no plural, afinal, não é possível pensar essa etapa da vida como em dado único. Essas juventudes tão plurais sofrem com a tendência da sociedade em enxergar o lazer, sobretudo noturno, como algo potencialmente negativo (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008). Apesar dessa tendência moralizante, multiplicam-se estratégias de diversão noturna adotadas pelos jovens cidadãos.

O lazer noturno na cidade, diferente do lazer diurno, tem o sentido de ruptura com as coisas “comuns”, das obrigações do trabalho e da escola, e, por isso, motiva a autonomia e a independência no compartilhamento de momentos de diversão (RODRÍGUEZ SUÁREZ; BARRAL, 2006; MARGULIS, 1997). Esse lazer age como num tempo-espaço de possibilidades, que pode estar atrelado, no senso comum, ao perigo: a metrópole como o lugar da violência e do caos, mas, também, em uma leitura acadêmica voltada para o lazer, como prática de autonomia e satisfação.

Entre as opções de lazer noturno preferidas pelos jovens, encontram-se bares, *pubs* e boates. Ocorre que essas formas de diversão acabam excluindo uma parcela grande das juventudes, que não dispõe de condições socioeconômicas para consumir os produtos do local ou não se adequam ao perfil desses ambientes. Como o álcool é um elemento presente na sociabilidade desses lugares (embora a diversão não resuma nem dependa exclusivamente do consumo de bebidas) e seu custo pode ser consideravelmente elevado em comparação ao preço dos mesmos produtos em supermercados ou distribuidoras, jovens de diferentes países tem criado possibilidades de diversão e consumo fora de locais formais, isto é, “próprios” para isso.

As praças e ruas das grandes cidades têm sido esses espaços de diversão e consumo de bebidas alcoólicas durante a noite. Além disso, muitas vezes, esse fenômeno ocorre no interior das casas e apartamentos habitados pelos jovens. A literatura acadêmica nacional e internacional tem se debruçado sobre esse fenômeno nos últimos anos, e, ainda que timidamente, tem apontado que em países como Brasil, Argentina, Espanha, Suíça, entre outros, temos essa prática arraigada nas juventudes (MION; HERINGER; ROMERA, 2020; DEMANT; LANDOLT, 2014; LIBONATI, 2015).

Podemos dizer, então, que a prática de reuniões de jovens em espaços públicos ou privados com o intuito de se divertir, consumir álcool em um local e seguir para outro espaço de lazer se manifesta em vários países. Como é de se pensar, esse fenô-

meno não se apresenta homogeneamente em todos os países do mundo. Quais são, então, as diferenças e similaridades que podemos notar na realização dessa prática em cada país? Para lograr êxito nessa empreitada é preciso circunscrever melhor o campo de investigação, pois, como mencionado, países com culturas dispares entre si realizam práticas aparentemente similares.

Elegemos para estudo a literatura que se debruçou sobre a realidade de três países em que reuniões de jovens em espaços públicos ou privados, com o intuito de se divertir e consumir álcool adquirido anteriormente, são populares: Brasil, Espanha e Argentina. A escolha do Brasil justifica-se pelo baixo quantitativo de estudos que tomam a temática do *Esquenta*² (nome popular utilizados pelos jovens para designar essa prática) de maneira central e pelo fato de que o *Esquenta* foi um dado etnográfico relevante na pesquisa empírica sobre o lazer noturno dos jovens da cidade de Vitória (Espírito Santo), realizada pelo autor deste trabalho.

Se o Brasil foi escolhido pela ausência de estudos acadêmicos com enfoque específico sobre o *Esquenta*, a escolha pela Espanha justifica-se pelo justo oposto, visto que o país já consta com uma robusta produção científica, sobretudo com enfoque sociológico, sobre o que é conhecido como *Botellón* (fenômeno que guarda relação com o *Esquenta* brasileiro) que teve início nos anos finais da década de 1990 (LIBONATI, 2015). A rica reflexão acumulada sobre o *Botellón* dá subsídio para refletir sobre a realidade de outros países, embora nos pareça sempre bom lembrar da necessidade de tomarmos cuidados teórico-metodológicos nesse tipo de operação.

A escolha do terceiro país, a Argentina, deve-se ao fato de o país vizinho contar com uma prática chamada de *La Previa*, que parece seguir muitos aspectos presentes no *Botellón* e no *Esquenta*. A *La Previa*, inclusive, vem sendo estudada há algum tempo, sobretudo na sua dimensão psicológica envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas (ARIZAGA et al., 2009; CASSOLA et al., 2005; MÍGUEZ, 2009). Ademais, a comparação entre os fenômenos do *Esquenta* e da *La Previa* dialoga com a reflexão de autores que observam, nas práticas de lazer das juventudes do Sul Global, movimentos potentes de resistência e emancipação (HUBBARD, 2007).

Pensamos, portanto, que as similaridades e diferenças existentes entre esses três fenômenos – *Esquenta*, *Botellón* e *La Previa* – fornecem uma fecunda possibilidade de vermos como essas práticas se particularizam e se universalizam em contextos geográficos e sociais determinados. Por isso, estabelecemos, como o objetivo deste trabalho, comparar as dinâmicas e os sentidos que os jovens atribuem aos fenômenos *Esquenta*, no Brasil; ao *Botellón*, na Espanha; e a *La Previa*, na Argentina, situando-os como manifestações atuais de lazer noturno majoritariamente vivenciado por jovens.

2 Lembremos, em tempo, que o *Esquenta*, em algumas circunstâncias, pode ter o mesmo nome em diferentes países, mas ser operacionalizado de forma distinta. Por exemplo: o *Esquenta* pode ser usado como categoria de análise por autores que debatem outras realidades nacionais, bem como pode ocorrer com *Botellón* e a *La Previa*. O que importa dizer é que se adota como elemento de comparação neste trabalho o *Esquenta* brasileiro, vivido sob condições muito particulares.

Para desenvolver o trabalho seguimos os pressupostos da pesquisa bibliográfica, e, sobretudo, do estudo comparado. Além de o autor do artigo ter realizado uma pesquisa no Brasil que tratou, mesmo que não de forma central, do *Esquenta*, pesquisou informalmente durante cerca de um mês o fenômeno do *La Previa*, na Argentina.³ Embora esse não seja um estudo de campo e, portanto, essas experiências empíricas não são apresentadas aqui como dados investigados, pensamos que o acumulado de vivências (e reflexões) sobre esse tema auxilie na análise da bibliografia pertinente. Partimos do princípio de que o estudo comparado permite enriquecer o conhecimento do outro assim como o de nós mesmos, já que a comparação nos obriga a realizar um movimento de estranhamento e aproximação com o diferente. Pronk (2003, p. 573) sintetiza bem o esforço da pesquisa comparada:

Comparamos não para reconhecerno-nos no outro, nem para diferenciarmo-nos dele, mas para definir as próprias singularidades construídas historicamente, as influências comuns, as soluções específicas, para desnaturalizar as explicações construídas a partir de um olhar centrado em nós mesmos.

Por fim vale ressaltar que não é intuito deste trabalho esgotar todas as possibilidades de comparação entre os fenômenos. Tal ambição seria desmedida. Como trata-se de uma comparação entre formas de sociabilidade vivenciadas em três países, o que se constitui como um grande desafio, haja as particularidades de cada um, nos interessam as dinâmicas e os sentidos desses três fenômenos, vendo como se particularizam e se universalizam.

2 ALGUMAS BREVES DEFINIÇÕES

Os três fenômenos aqui analisados – *Esquenta*, *Botellón* e *La Previa* – são noturnos. Significa dizer, no plano mais geral, que o lazer é um fenômeno (também) noturno. Os teóricos clássicos do lazer não se debruçaram especificamente sobre o lazer noturno ou o lazer diurno; lhes interessavam outras informações, como o contexto do surgimento do lazer (no sentido genérico), por exemplo, entre outras. Uma definição clássica que ilustra isso afirma que o lazer é

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1973, p. 34).

3 Essa experiência ocorreu no ano de 2022 e não gerou nenhuma produção científica específica até o presente momento.

Embora tal concepção contenha limites e seja passível de críticas (ALMEIDA, 2021), é sobre ela que se apoiaram muitos dos primeiros estudos sobre o lazer no Brasil. Contemporaneamente, autores têm buscado demonstrar que o lazer vivenciado durante o dia apresenta diferenças substanciais daquele noturno. Assim, mesmo fazendo parte de um mesmo fenômeno (o lazer), podemos analisá-lo de forma relativamente autônoma.

O *Esquenta*, que deve ser pensado fundamentalmente dentro desse espectro do lazer noturno, é uma forma de diversão vivenciada no Brasil, predominantemente entre os jovens, majoritariamente durante os finais de semana. Borsari et al. (2007) define o *Esquenta* simplesmente como sendo uma forma jovem de consumir álcool antes de sair para as baladas. Já Zombine (2017, p. 10) afirma que o *Esquenta* é “[...] uma espécie de preparação para a noite, uma balada ou festa”.

Ocorre, no entanto, que esse *Esquenta* costuma acontecer no interior da casa de algum dos participantes, na rua ou em algum bar, sempre vivenciado coletivamente. Estando no local estabelecido, os jovens divertem-se e, posteriormente, partem para outro ambiente de lazer noturno. O nome *Esquenta* é uma expressão popular que apresenta o lazer noturno na sua dimensão móvel: aquela que tem início em um local e acaba em outro. Para realizar o *Esquenta*, os jovens precisam combinar previamente um primeiro local de encontro e, também, dialogar sobre a qual boate ou espaço irão em um segundo momento. Para Kuster (2021, p 84):

Forma-se uma confluência de fatores logísticos para a realização do *Esquenta*, que pressupõe arranjos de horários e certo consenso dos locais mais adequados para os encontros. Soma-se a isso o fator financeiro: para fazer o *Esquenta* é preciso equalizar a quantidade de dinheiro que dispõe-se e dividi-lo entre o primeiro ambiente de lazer/consumo e o segundo.

Existem algumas definições sobre o que seria exatamente o *Botellón*, como a apresentada por Antona e Madrid (2005 p. 17): “[...] o consumo juvenil de álcool em espaços públicos concentrado majoritariamente nas noites dos fins de semana [...]” (em tradução livre do autor). No entanto, destacamos a reflexão elaborada pelo grupo GIESyT (2001, p. 112) por sua precisão, uma vez que o define como “[...] uma reunião massiva de jovens entre 16 e 24 anos ao ar livre para combinar algo e consumir bebidas que adquirem anteriormente em comércios [...]” (em tradução livre do autor). A exclusão de uma parcela da juventude espanhola do acesso a locais de lazers formais faz emergir novas formas de diversão em locais públicos, como é o caso do *Botellón*, escancarando assim inacessibilidade de muitos bares.

Libonati (2015, p. 167) define a *La Previa* como sendo geralmente “[...] a reunião de jovens entre 14 e 24 anos que se juntam preferencialmente na casa de algum amigo para tomar álcool e sair para diferentes atividades, como ouvir música, brincar, comer, etc.” (em tradução livre do autor). Essa autora faz em seu trabalho uma série de aproximações entre o *Botellón* e a *La Previa*, chegando a afirmar que ambos os fenômenos resguardam mais similaridades do que diferenças. Lobonati (2015, p. 67) tipifica a *La Previa* em 15 categorias ou expressões básicas extraídas a partir dos dados de campo: 1) reunião; 2) reunir-se com amigos; 3) tomar álcool; 4) beber algo; 5) entrar em sintonia; 6) antes de sair; 7) antes de sair para balada; 8) conversar; 9)

divertir-se; 10) dançar; 11) escutar música; 12) comer; 13) jogar; 14) em um lugar, casa ou Kiosco; 15) por ser mais barato, economia (em tradução livre do autor).

Vemos no decorrer do trabalho que, algumas vezes, os conceitos estabelecidos (como os supracitados) acabam não explicando totalmente os fenômenos ou não dando conta de abarcar as variações que esses foram sofrendo. Por mais completa e precisa que seja a definição, muitas vezes observamos elementos que fogem à formulação inicial. Por exemplo, podemos observar nas pesquisas especializadas os jovens que fazem o *Botellón* também no interior das casas, e não somente em lugares públicos, como algumas definições pressupõe.

Caso parecido acontece com a *La Previa*, pois a ideia de que os jovens “[...] se juntam preferencialmente na casa de algum amigo [...]” Libonati (2015, p 167) acaba sobrepujando em demasia os encontros nas ruas e praças, que são numericamente muito relevantes. Queremos mostrar que o esforço dos autores em definir determinados fenômenos do lazer são fundamentais, mas sempre devem ser revisitados e, quando necessário, atualizados.

No entanto, não rejeitamos as definições acima mencionadas, uma vez que servem como fio condutor do movimento de comparação entre os três fenômenos aqui estudados. Para conceber academicamente os fenômenos abordados é preciso partir de algum tipo de reflexão ao seu respeito. No entanto, apontamos como os trabalhos podem apresentar definições conflitantes e as vezes insuficientes, uma vez que a produção científica não é o campo das convergências totais, mas o ambiente onde o conhecimento avança por meio da superação e da crítica. Levando isso em conta e sabendo as definições acadêmicas que adotamos, vamos às comparações possíveis.

3 AFINIDADES E DIVERGÊNCIAS NO LAZER NOTURNO: PENSANDO O *ESQUENTA*, O *BOTELLÓN* E A *LA PREVIA*

Creemos que as definições apresentadas mostram, direta e indiretamente, que o *Esquenta*, o *Botellón* e a *La Previa* resguardam similaridades. Devemos saber, também, que esses fenômenos são diferentes; contam com características únicas que devem ser estudadas. A comparação das dinâmicas e dos sentidos desses fenômenos pressupõe, em última instância, notar as similaridades e diferenças entre eles. Esse exercício é feito, aqui, à luz do esforço (sobretudo, mas não só) sociológico.

Vemos que existe uma considerável produção intelectual sobre esses três fenômenos que partem de uma leitura advinda principalmente da psicologia (com exceção do *Botellón*, que vêm sendo pensado a partir de um viés sociológico) e levam em conta o aspecto do consumo de bebidas alcoólicas, como o “*binge drinking*”⁴, o

4 O termo *binge drinking* pode ser definido como sendo o consumo de uma grande quantidade de álcool em pouco tempo, capaz, inclusive, de colocar em risco quem está bebendo (WECHSLER; NELSON, 2001). Concretamente, essa forma de ingestão é marcada pelo consumo de no mínimo quatro doses de álcool em um período de duas horas para mulheres e cinco doses para homens (N.I.A.A.A, 2004).

“beber pesado episódico” (WECHSLER; NELSON, 2001). Mas neste trabalho nos interessa a dimensão do divertimento, do lazer noturno e da sociabilidade, que também estão presentes nesses fenômenos. Não negamos, no entanto, que durante a realização do *Esquenta*, do *Botellón* e da *La Previa* podem ocorrer usos problemáticos de bebidas alcoólicas e outras drogas. Trata-se aqui apenas de focar em outros aspectos, sem negar eventuais problemas existentes.

Internacionalmente, de forma mais exata na Inglaterra, um estudo de campo realizado durante o lazer noturno mostra que o *Esquenta* ocorre sobretudo entre pessoas de 18 e 35, sendo (55%) de homens e (60%) das mulheres (HUGHES et al., 2008). No caso do *Esquenta* brasileiro, que é o que nos interessa fundamentalmente, o perfil apresenta proporções distintas, uma vez que os homens são a maioria. Chama atenção também a prevalência de indivíduos com idades entre 18 e 25 anos que fazem o *Esquenta* buscando os seguintes objetivos: “chegar desinibido na balada” (39,0%) e “economia de dinheiro” (31,7%) (SANTOS, 2014).

Em linhas gerais, o *Botellón* é visto na literatura especializada como sendo uma combinação entre o lazer noturno e o consumo de bebidas alcoólicas. Libonati (2015) afirma que existiam antecedentes associados ao *Botellón*,⁵ denominados “*Litróna*” e “*Cubalítro*”, que aconteciam desde os anos de 1980 e eram operacionalizados nos arredores dos *Pubs*, mas que resguardavam certas peculiaridades. O *Botellón*, na atualidade, é uma prática muito comum entre os jovens espanhóis e tem se apresentado preponderantemente fora dos menos comerciais, sobretudo, nas ruas e praças. Os jovens se encontram e ali se organizam num tipo de festa espontânea marcada pela música e bebida (CALAFAT et al., 1999). Portanto, o *Botellón* é uma atividade de lazer normalizada entre a população jovem espanhola, em que as praças e as ruas são mais do que espaços físicos. Trata-se de um tempo-espaço simbólico que é “[...] coletivo e compartilhado, constituído por jovens através da comunicação entre eles” (MUSITU; BASCONES, 2006 p. 8, em tradução livre do autor).

Libonati (2015), ao estudar a *La Previa* por meio de 690 sujeitos, chega a conclusões relativamente próximas às observadas no *Esquenta* (Brasileiro) e no *Botellón*. Uma delas é o perfil de idade: há uma preponderância de jovens entre 18 e 25 anos, e a prevalência de homens em detrimento de mulheres. Quantitativamente, seus dados mostram que (45,3%) dos jovens vivenciam a *La Previa* em sua própria casa, (28%) perto da boate ou do *Pub* que vai posteriormente e (27%) em praças ou Kioscos.⁶ No entanto, a autora explora uma dimensão dessa forma de lazer noturno que difere das outras duas, que diz respeito ao problema jurídico que envolve a *La Previa*. Acontece que a legislação Argentina proíbe o consumo de bebidas em vias públicas, o que inclui, consequentemente, as praças, as calçadas e as áreas externas dos kioscos (comumente esses estabelecimentos não contam com um espaço interno onde seja possível consumir álcool). Portanto, esse aspecto legal que envolve a *La Previa* não

5 A própria expressão *Botellón* advém da palavra *Botella*, que significa garrafa em Português.

6 É um espaço comum nas grandes cidades da Argentina. Nesse local vende-se uma enorme variedade de produtos: doces, comidas, águas refrigerantes, cigarros, entre outros.

pode ser desprezado, já que uma grande porcentagem de jovens descumpra a lei, se encontram e consomem bebidas alcoólicas nesses lugares.

Podemos ver que os três fenômenos aqui estudados são similares em alguns aspectos, como o consumo de bebidas alcoólicas, o encontro e o divertimento. Cabe indagar, no entanto, se a intenção com que é realizado o encontro e o tipo de bebida consumida pelos jovens que realizam o *Esquenta*, o *Botellón* e a *La Previa* são similares. Algumas reflexões nesse sentido nos auxiliam a pensar o lazer noturno nacionalmente e internacionalmente, na medida que vemos (ou não) sentimentos compartilhados entre as juventudes.

Santos (2014) evidencia quantitativamente que os locais mais comuns para realização do *Esquenta* são no interior das casas (33%); nas ruas (30,7%); e nos bares (26,5%). Além desses locais mais comuns, a autora observou o *Esquenta* também em postos de gasolina (5,5%) e restaurantes (3,2%). Vemos que nesses locais o lazer ocorre sem grande controle social do estado, como fiscalização ou policiamento. No interior das casas e na rua, por exemplo, o lazer noturno é a expressão de como esses jovens gostam de viver esse tempo-espaço e de quanto de dinheiro dispõem para isso. O lazer noturno realizado durante o *Esquenta* pode ser muito diverso entre si, justamente em função da margem de autonomia que esses jovens dispõem.

O *Esquenta*, avaliado sob a ótica nacional, é um fenômeno com predominância de jovens estudantes, dados observados, também, em outros países, como nos Estados Unidos (PAVES et al., 2012). No Brasil, o *Esquenta* é motivado pelo ato de “[...] chegar desinibido na balada e economizar dinheiro” (SANTOS, 2014, p. 87), e as bebidas mais consumidas são Cerveja (59,5%) (sobretudo para os homens); Vodka (32,7%); Energético (10,9%); Uísque (8,6%); Vinho (5,9%) (no caso das mulheres essa é a bebida mais consumida) e Cachaça (6,0%).

Para pensar o *Esquenta* adequadamente é preciso ter a consciência dos dados relativos ao tipo de bebida consumida pelos jovens, mas, sobretudo, deve-se lembrar que esse é um fenômeno noturno em que o álcool é apenas um dos elementos presentes (não o definidor central do tipo sociabilidade) e, portanto, o lazer ali vivenciado contém uma dimensão de ruptura das atividades corriqueiras que se autonomiza (MARGULIS, 1997). Essa é uma característica do *Esquenta* que carece de maior atenção, pois, talvez assim, consigamos pensar o lazer noturno sem qualquer tipo de apologia do consumo de bebidas alcoólicas e sem a condenação de natureza moral.

Musitu e Bascones (2006) estudam a origem do *Botellón* na *Plaza de La Merced*, em Málaga, Espanha, e nos oferecem um conjunto de dados empíricos que mostram os motivos pelos quais os jovens elegem essa praça para realização do *Botellón*. Segundo os autores, a escolha se deve ao fato de o local ser um espaço central (27,59%); a economia (beber mais barato) (26,11%); reunir-se com amigos para conversar (14,54%); tradição/cultura (9,79%); bom tempo/ ar livre (3,26%). Esses dados, que são muito particulares, coincidem com as informações presentes nos trabalhos que

7 O dado da economia de dinheiro na hora de realizar o *Esquenta* aparece também em pesquisas internacionais, como as realizadas por Read, Merrill e Bytschkow (2010) e Grazian (2007).

estudaram o *Botellón* de maneira mais genérica e, também, com aqueles que realizaram trabalhos focados, como é o caso das investigações feitas por Libonati (2015), Sánchez Hernández (2007), COSTA (2022) e Baigorri e Fernández (2002; 2004).

O *Botellón* é uma forma de lazer noturno em que se bebe, sobretudo, bebidas destiladas e cervejas. Chama atenção, no entanto, que, em alguns casos, até 90% dos jovens consomem bebidas combinadas (destilados mais alguma bebida, como energético ou suco, por exemplo) (MUSITU; BASCONES, 2006). Tais combinações são múltiplas e parecem não seguir a uma organização *a priori*, como ocorre com os *drinks* mais tracionais. Essas bebidas combinadas são pensadas levando em conta prioritariamente a quantidade de dinheiro que dispõem e seu potencial de gerar embriagues (LIBONATI, 2015; CALAFAT et al., 1999).

O motivo que leva os jovens Argentinos a fazerem a *La Previa* e os tipos de bebidas que consomem não são exatamente iguais aos fenômenos anteriores, mas são similares. Libonati (2015) afirma que as principais categorias de elementos mobilizadores para a *La Previa* são a diversão, “estar com amigos” e “esperar a abertura dos bares”⁸. As informações de Malacari (2010) sobre a lógica da *La Previa* e os dados presentes no estudo realizado pelo observatório Argentino de Drogas (2005) corroboram com a ideia de que a *La Previa* é marcada pela diversão e pelo fato de anteceder a saída dos jovens às boates noturnas. Essas categorias de análise trazidas por Libonati (2015) levam em conta uma divisão entre adolescentes e jovens, discriminando exatamente qual comportamento é mais proeminente em cada um dos grupos.

Quando perguntado aos adolescentes sobre o motivo da realização da *La Previa*, o ato de beber álcool aparece em 39,4% dos casos, enquanto entre os jovens vemos 26,6%; a desinibição aparece em 22,3% dos adolescentes e 14% dos jovens (LIBONATI, 2015). Outra discrepância de proporção que nos parece relevante para o estudo do lazer noturno é o fator da aglomeração dos espaços finais de lazer (aqueles que os jovens frequentam após realizarem a *La Previa*), uma vez que 2,6 % dos adolescentes afirmam que fazem a *La Previa* em função da aglomeração das boates e entre os jovens essa proporção passa para 8,9%. Neste trabalho não estamos tratando dos adolescentes e sim dos jovens, mas esse dado é revelador das diferenças práticas que levam os jovens e adolescentes a realizar a *La Previa*.

Pesquisas sobre o consumo álcool informam que a bebida mais consumida pelos Argentinos é o Vinho (40%), seguido pela cerveja (33%) e o fernet (26%). No entanto, esses dados são genéricos, isto é, dizem respeito a totalidade da população. Tais números mudam quando focamos na parcela da população jovem que realiza a *La Previa*. Entre os jovens, as bebidas seguem a seguinte ordem: Fernet (57,8%), cerveja (49,3%), Vinho (35,7%), Vermut (33%) e vodka (25,9%) (LIBONATI, 2015).

Como pode ser observado, as informações acima apresentadas mudam bastante, evidenciando como o enfoque analítico do estudo influencia os dados da pesquisa. Inclusive, a autora evidencia que sua pesquisa foca em jovens de Córdoba e mostra que o Fernet, bebida mais consumida entre os jovens, é uma espécie de bebida lo-

8 A autora faz um apanhado pormenorizado em 18 categorias de mobilização para a *La Previa*.

cal. Ainda que essa bebida seja consumida em todo o território Argentino, Córdoba recebeu o apelido de “capital mundial do Fernet” por conta do seu grande consumo e popularidade.

Apresentamos nessa discussão os locais, as bebidas consumidas e os motivos que levam os jovens a realizarem esses fenômenos, evidenciando, quando necessário, suas convergências e divergências. No entanto, outros aspectos precisam ser melhor explicados. Observamos a literatura nacional e internacional e vemos que os sentidos que as pessoas atribuem a essas práticas de lazer noturno podem ser construídos, em grande medida, a partir da relação dos jovens com o local do lazer. O sentido e a forma que a diversão noturna ganha entre seus aficionados parece dever-se à liberdade e possibilidade de divertimento autônomo que esses locais dispõem.

Essa não é uma conclusão literal da maior parte dos textos aqui citados, mas não nos parece arbitrário tal reflexão, na medida em que vemos esse sentido geral refletido nas entrevistas que pesquisadores realizam com os jovens, bem como em alguns dos motivos fundamentais para realizarem esse tipo de prática. A busca pela diversão fora dos bares e locais “formais” de lazer noturno, por exemplo, ilustra o anseio por um tipo de sociabilidade que não é fortemente controlada, portanto, é mais livre e autônoma.

Mas a liberdade e a autonomia do lazer no caso desses fenômenos resguardam um componente ambíguo, pois está muito associada à inacessibilidade de consumir bebidas no interior dos bares. Ou seja, muitos jovens não vão aos bares e locais “formais” de lazer antes de ir para a boate pois o preço das bebidas é elevado, optando por encontra-se no interior da casa de algum amigo, nas ruas ou praças. Essa ambiguidade é uma marca que atravessa o *Esquenta*, o *Botellón* e a *La Previa*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi comparar as dinâmicas e os sentidos que os jovens atribuem aos fenômenos *Esquenta*, no Brasil; ao *Botellón*, na Espanha; e a *La Previa*, na Argentina, situando-os como manifestações atuais de lazer noturno majoritariamente vivenciado por jovens. Trata-se de um estudo teórico, de caráter bibliográfico e comparativo. Essa escolha justificou-se pela necessidade de entendermos o lazer noturno em sua dimensão global, sem, no entanto, esquecer suas particulares nacionais.

Esses três fenômenos têm a característica fundamental de anteceder outra experiência de lazer noturno. Podemos dizer, em certo sentido, que o *Esquenta*, *Botellón* e a *La Previa* são a antessala de uma experiência de divertimento central (ou final), para qual os jovens desejam chegar já tendo se divertido e consumido bebidas alcoólicas previamente. Isso não quer dizer que os jovens vivenciam esses fenômenos com menos empenho e desejo; significa dizer, apenas, que eles – *Esquenta*, *Botellón*, *La Previa* – são operacionalizados dentro de um quadro maior de lazer noturno urbano. Embora não seja possível tratá-los como sinônimos, notamos que entre esses três fenômenos existem mais similaridades do que divergências.

Ao compararmos pesquisas científicas que se debruçaram sobre o *Esquenta*, o *Botellón* e a *La Previa*, vemos elementos que são compartilhados entre os três fenômenos. Conseguimos observar um conjunto de informações sobre os motivos que levam os jovens a realizarem esse tipo de encontro. As principais razões elencadas pelas pesquisas costumam tangenciar questões como: “encontro com amigos”, “beber entre amigos”, “diversão”, independentemente do país em questão. No entanto, quando observamos o tipo de bebida consumida em cada um deles, notamos diferenças significativas: no Brasil a bebida mais consumida durante o *Esquenta* (entre os homens) é a cerveja, no *Botellón* são destilados combinados e na *La Previa* (mais precisamente Córdoba) é o Fernet. O *Esquenta*, no Brasil, o *Botellón*, na Espanha e a *La Previa*, na Argentina, acabam tendo o sentido da diversão, do consumo de bebidas alcoólicas mais baratas e da autonomia na forma de se divertir.

Em termos de dinâmicas, vemos similaridades e diferenças entre os três fenômenos. Em todos os casos o local de encontro, isto é, as praças, ruas e habitações é mais do que um simples espaço material. Trata-se de espaço-tempo que é (re)criado para o lazer, levando em conta a quantidade de dinheiro que os jovens dispõem e o tipo de diversão que é buscada. Também é comum aos fenômenos estudados a dimensão da liberdade: esses locais de lazer noturno não são submetidos a uma rigorosa disciplina institucional.

Ou seja, o lazer noturno ali vivenciado é construído a partir do desejo coletivo e não obedecem, necessariamente, à legislação ou às regras que deveriam ser seguidas no interior das boates ou bares. No Brasil (*Esquenta*) e na Espanha (*Botellón*) o lazer noturno ocorre primordialmente nas calçadas, ruas e praças. Na Argentina (*La Previa*) os dados são similares, mas vemos uma maior incidência de realização desse tipo de encontro no interior das habitações em função legislação local.

A atenção aos dados desta pesquisa (e a outros que venham a ser produzidos nesse sentido) podem possibilitar que as políticas públicas de juventudes sejam elaboradas levando-se em conta os diversos modos de ser jovem, suas formas práticas de lazer e sua capacidade de produzir cultura autonomamente. É preciso que o poder público tenha em conta o funcionamento desses fenômenos para que não ocorra uma dissociação entre as políticas públicas voltadas para o lazer noturno jovem e a prática que tem se materializado nas ruas e praças dos centros urbanos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. M. O Conceito de Lazer: uma análise crítica. *Novos Rumos Sociológicos*, v. 9, n. 16, p. 206-229, 2021.

ANTONA, A.; Y MADRID, J. *Una visión etnográfica del “botellón”*. Congreso Ser Adolescente, Hoy. FAD. Madrid, 2005.

ARIZAGA, C., RODRIGUEZ, L., NICOSIA, L., ABAL, Y., DIAZ, S., QUIÑA, G. Y MOGUILANSKY, M. *El consumo de drogas como consumo cultural*. La problemática del consumo

de sustancias psicoactivas en adolescentes desde la cultura de consumo. Observatorio Argentino de Drogas. SEDRONAR. Recuperado de <http://www.observatorio.gov.ar/estudiosdelprograma.html>. 2009.

BAIGORRI, A., CHAVES, M., FERNÁNDEZ, R. Y LÓPEZ, J. A. El botellón: globalizando un conflicto postmoderno. En A. Álvarez (Ed.), **Turismo, Ocio y Deporte** (p. 111-130). A Coruña: Universidad da Coruña, 2004.

BAIGORRI, A.; FERNÁNDEZ, R. **El botellón**: una investigación sociológica. Grupo e Investigación en Estudios Sociales y Territoriales. Universidad de Extremadura, 2002.

BARRAL, G. L. L. **Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília**: o caso de bares. Dissertação de mestrado, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2006.

BORSARI, B. et al. Drinking before drinking: pregaming and drinking games in mandated students. **Addict Behav**, v. 32, n. 11, p. 2694-705, 2007.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude Brasileira: Culturas do Lazer e do Tempo Livre. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil/Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, p. 29-44. 218p., 2008.

CALAFAT A. et al. Salir de marcha y consumo de drogas. **Ministerio del Interior**. Delegación del Gobierno para el Plan Nacional sobre Drogas. Madrid, 1999.

CASSOLA, I. et al. Conductas de riesgo, expectativas hacia el alcohol y consumo de alcohol en adolescentes de la ciudad de Córdoba. **Evaluar**. 5, 38-54, 2005.

COSTA, G. et al. Lazer noturno e resistências juvenis em tempos de (pós-) pandemia: o caso dos jovens do bar Antù em Lisboa. **Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia**, 2022.

DEMANT, J; LANDOLT, S. Youth Drinking in Public Places: The Production of Drinking Spaces in and Outside Nightlife Areas. **Urban Studies**, v. 51, n. 1, p. 170-184, 2014. Disponível em: doi:10.1177/0042098013484532. Acesso em: dia mês ano.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

GRAZIAN, D. The girl hunt: urban nightlife and the performance of masculinity as collective activity. **Symb Interact**, v. 30, p. 221-43, 2007.

HUBBARD, P; LYON, D. Introduction: Streetlife—the shifting sociologies of the street. **The Sociological Review**, v. 66, n. 5, p. 937-951, 2007.

HUGHES, K. et al. Alcohol, nightlife and violence: the relative contributions of drinking before and during nights out to negative health and criminal justice outcomes. **Addiction**, v. 103, n. 1, p. 60-5, 2008.

KUSTER, S. Lazer noturno e juventudes: uma etnografia na Rua da Lama. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 148, 2021.

LIBONATI, P. **Consumo Episódico Intensivo de Alcohol en jóvenes argentinos durante la realización de la Previa.** 2015.

MALACARI, S. Nuevas formas de consumo. **II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional em Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR.** Facultad de Psicología -Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.

MARGULIS, M. **La cultura de la noche:** la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires, cap. I, Biblos, Argentina, p. 11-30, 1997.

MÍGUEZ, H. Patronos culturales de la alcoholización social en estudiantes bonaerenses. *VerteX*, 20(87), p. 325- 328, 2009.

MUSITU, G.; BASCONES, A. **Botellón en Málaga:** realidades y propuestas. Madrid: Fundación Alcohol y Sociedad, 2006.

N.I.A.A.A. National Institute of Alcohol Abuse and Alcoholism Council Approves Definition of Binge Drinking. 3 ed. *NIAAA Newsletter*, 2004.

OBSERVATORIO ARGENTINO DE DROGAS. **Imaginario social y prácticas de consumo de alcohol en adolescentes de escuelas de nivel medio.** (2005). Documento recuperado em 8 de março de 2023. Disponível em: www.observatorio.gov. Acesso em: dia mês ano.

PAVES, A. P. et al. Prevalence, social contexts, and risks for prepartying among ethnically diverse college students. *Addict Behav*, v. 37, n. 7, p. 803-10, 2012.

PRONKO M. **A comparação como ferramenta de conhecimento e os processos de integração supranacional:** desafio para as Ciências Sociais. In Fausto A, Pronko M, Yannoulas S. Políticas Públicas de Trabalho e Renda na América Latina e no Caribe. Brasília: Abaré - FLACSO/Sede Acadêmica Brasil; Tomo I, p. 573-94, 2003.

RODRÍGUEZ SUÁREZ, J; AGULLÓ TOMÁS, E; AGULLÓ TOMÁS, M. S. Jóvenes, fin de semana y uso recreativo de drogas: evolución y tendencias del ocio juvenil. *Adicciones*, v. 15, n. 5, p. 7, 2003.

SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, Maria Jesús. De la observación a la construcción del objeto en la investigación etnográfica: un trabajo de campo sobre el botellón. *Athenea digital:* revista de pensamiento e investigación social, n. 12, p. 156-182, 2007.

SANTOS, M. G. R. **O fenômeno de "esquentar" entre jovens:** características e fatores associados ao beber pré-balada. 2014.

Aproximações iniciais entre o lazer noturno no Brasil, Espanha e Argentina: uma análise comparada do *esquenta*, *botellón* e *la previa*

WECHSLER, H.; NELSON, T. F. Binge drinking and the American college student: what's five drinks? **Psychol Addict Behav**, v. 15, n. 4, p. 287-91, 2001.

ZOMBINE, L. da S. **Centralidades do lazer noturno nas cidades de Ribeirão Preto e Presidente Prudente-SP**. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geografia da FCT UNESP de Presidente Prudente – SP. São Paulo, p. 162. 2017.

INITIAL APPROXIMATIONS BETWEEN NIGHTLIFE IN BRAZIL, SPAIN AND ARGENTINA: A COMPARATIVE ANALYSIS OF ESQUENTA, BOTELLÓN AND LA PREVIA

ABSTRACT: This text aims to compare the dynamics and meanings that young people attribute to the phenomenon Esquenta in Brazil, Botellón in Spain and La previa in Argentina, situating them as current manifestations of nocturnal leisure mostly experienced by young people. It is a theoretical, bibliographical and comparative study. From the analysis of the scientific productions that focused on the Esquenta, Botellón and La Previa, we observe a coincidence with regard to the senses that these three phenomena awaken in their participants, once they are connected to the fun, consumption of cheaper alcoholic beverages and autonomy in the way of having fun. In terms of dynamics, these three phenomena safeguard similarities and divergences. We can observe that the type of drink consumed in each of the phenomena studied are different, but the reason why young people seek this type of nocturnal leisure is convergent. There is similarity between the places chosen for Esquenta and Botellón, which occur mainly in squares and streets. The fans of La Previa also have fun in the squares and streets; however, this practice is commonly done inside the houses, according to current national legislation. Existing data in the academic literature on Esquenta, Botellón and La previa allow us to say that there is a convergence of meanings related to these phenomena and also shows how their dynamics safeguard particularities linked to local culture, the concrete conditions of the youth and the national political apparatus.

Keywords: Nocturnal leisure; Esquenta; Botellón; La Previa.

APROXIMACIONES INICIALES ENTRE EL OCIO NOCTURNO EN BRASIL, ESPAÑA Y ARGENTINA: UN ANÁLISIS COMPARATIVO DE ESQUENTA, BOTELLÓN Y LA PREVIA

RESUMEN: Este trabajo pretende comparar las dinámicas y significados que los jóvenes atribuyen al fenómeno Esquenta en Brasil, Botellón en España y La previa en Argentina, situándolos como manifestaciones actuales del ocio nocturno mayoritariamente vivido por los jóvenes. Se trata de un estudio teórico, bibliográfico y comparativo. A partir del análisis de las producciones científicas que indagaron sobre el Esquenta, el Botellón y La Previa, observamos una coincidencia en lo que se refiere a los significados que estos tres fenómenos despiertan en sus participantes, una vez que se vinculan a la diversión, al consumo de bebidas alcohólicas más baratas y a la autonomía en la forma de divertirse. En términos de dinámica, estos fenómenos presentan similitudes y divergencias. Podemos observar que el tipo de bebida consumida en cada uno de los fenómenos estudiados son diferentes, pero la razón que hace que los jóvenes busquen este tipo de ocio nocturno es convergente. Existe similitud entre los lugares elegidos para el Esquenta y el Botellón, que se dan principalmente en plazas y calles. Los seguidores de La Previa también se divierten en plazas y calles, sin embargo, esta práctica suele tener lugar en el interior de los domicilios, debido a la legislación nacional vigente. Los datos presentes en la literatura académica sobre Esquenta, Botellón y La previa permiten afirmar que existe una convergencia de significados relacionados con estos fenómenos y también muestran cómo sus dinámicas conservan particularidades vinculadas a la cultura local, a las condiciones concretas de los jóvenes y al aparato político nacional.

Palabras clave: Ocio nocturno; Esquenta; Botellón; La Previa.

A DANÇA CIRCULAR NO RITMO DA SENSIBILIDADE E DO LAZER

Joelson Sousa¹

Patrícia do Socorro Chaves de Araújo²

Rosângela Dias³

RESUMO: O presente artigo apresenta contribuições e reflexões sobre a dança circular como promotora de qualidade de vida, com base nos participantes do Grupo Ocara, em Belém-PA. A análise aponta quais benefícios a dança circular pode promover na vida deste público. Trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa, de cunho participante, fundamentada no enfoque fenomenológico. Para tanto, foi utilizada a entrevista semiestruturada, mediante tratamento analítico para a verificação dos referidos objetivos, com nove participantes do Grupo OCARA. As contribuições verificadas apontaram para o incentivo à continuação da prática da dança circular e para a promoção da vivência lúdica e da saúde de seus participantes, dados congruentes com o discurso das participantes da pesquisa sobre os benefícios da dança.

Palavras-chave: Dança Circular; Educação sensível; Qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a população idosa tem sido contextualizada em uma melhor expectativa de vida, o que se dá na constante busca pela melhoria da qualidade de vida em nossa sociedade. Ao se falar sobre a terceira idade, faz-se necessário maior esclarecimento sobre as ações que se destinam a ela, com o intuito de contribuir para o progresso, o estímulo e o acatamento da capacidade funcional do idoso na sociedade.

No Brasil, o Ministério da Saúde, com a Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006, aprovou a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), que passa a existir com a finalidade basilar de promover a independência e o empoderamento da autonomia desta população, oportunizando atividades (vivências) coletivas e in-

1 Doutorando em Educação Física pela Universidade de Maringá. MESTRE em Arte pelo Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte/UFPA. Grupo de Pesquisa – Grupo em Estudos do Lazer (GEL). *E-mail:*

2 Doutoranda em Educação Física do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física (UEM/UEL) -Linha de Pesquisa - Trabalho e Formação em Educação Física. Professora da Universidade do Estado do Pará. Grupo de Pesquisa – Grupo em Estudos do Lazer (GEL). *E-mail:*

3 Licenciatura em Educação Física (UEPA). *E-mail:*

individuais de saúde para este fim, de acordo com as diretrizes que recomendam que o envelhecimento deve se dar de maneira ativa e saudável, livre de qualquer submissão funcional (BRASIL, 2006).

Nesses termos, o presente estudo é de singular importância porque fora observado, a partir de atividades acadêmicas desenvolvidas no Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Pará, junto a duas instituições distintas na cidade de Belém, sendo uma a Instituição de Longa Permanência (ILP) e a segunda, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), que, apesar de serem duas realidades diferentes, alguns dos idosos nem sempre participavam das atividades que envolvessem algum tipo de dança. Eles alegavam que não sabiam dançar ou que não poderiam participar por sentir dores nos joelhos, nas articulações, pela labirintite etc.

Em meio a esta realidade surgiu o interesse em investigar, junto a essas instituições, qual melhor modalidade poderia ser oportunizada aos idosos para vivenciar algum tipo de dança em virtude das limitações que eles apresentavam. Após reflexões sobre as limitações dos idosos, principalmente as físicas, verificou-se que um dos caminhos para endereçar estas restrições seria encontrar uma possibilidade de dança (com passos simples, envolvente e agradável), da qual todos pudessem participar e que promovesse, sobretudo, a socialização entre os participantes.

Então, com as revisões bibliográficas, por meio de um Estudo em Danças, a dança circular foi a mais cotejada para esta investigação, pois elenca muitos benefícios corporais e mentais para pessoas idosas, a qual seria produtiva como proposta de vivência lúdica e terapêutica à qualidade de vida dessas pessoas.

Paula e Possarle (2009) destacam que a dança circular é recomendada a indivíduos de qualquer idade, etnia ou profissão. Asseguram que esse tipo de dança ajuda pessoas oportunizando mais conhecimento sobre o próprio corpo, abrandando o emocional, trabalhando o equilíbrio, a concentração e a memória, cujo grande objetivo é reunir e aproximar os indivíduos. Santos e Silva (2014), por sua vez, enfatizam mais algumas vantagens da dança circular, como: queima de calorias; relaxamento e diversão; combate à depressão, à timidez e ao estresse; e mais, melhora a postura, condicionamento físico, coordenação motora e a autoestima.

De acordo com Varregoso et al. (2016), os idosos declaram sentir menos limitações no dia a dia, mais vigor e disposição, melhor funcionamento físico e menos dores ao praticarem a dança. Nessa direção, ao buscar referências de grupos que desenvolvem a dança circular com participação de idosos em Belém do Pará, chegou-se ao grupo Grupo Ubuntu, o qual promove suas rodas de dança em locais que difundem e fomentam a cultura e a arte do Estado, no Espaço São José Liberto e na Casa das Artes.

O Grupo Ubuntu é um coletivo de trabalho que já funcionava desde 2011 na organização de eventos de danças circulares em Belém do Pará. É um grupo associado ao Instituto Ocara, cuja proposta é investir em educação ecológica profunda, de forma a contribuir com o aumento da qualidade das relações humanas e da relação do humano com o mundo do qual faz parte. O Instituto tem o propósito de realizar ações para promover o encontro sensível entre pessoas, em circunstâncias que pro-

piciem conexão pelo prazer de estarem juntas, o contato com a beleza essencial, a introspecção no contato com o coletivo, o desenvolvimento da competência dialógica consigo e com os outros, a reflexão e a valorização de todas as expressões de vida. (INSTITUTO OCARA, 2017).

Portanto, mediante essa realidade, esta pesquisa buscou a identificação dos principais benefícios que a dança circular proporciona na vida das pessoas idosas, a demonstrar que, além da promoção de saúde e melhoria da qualidade de vida, a dança circular pode ser um meio fortalecedor de amizades, integração, lazer e ludicidade entre as participantes. Desse modo, definiu-se a seguinte problematização: o que a dança circular, como vivência lúdica, proporciona aos seus participantes a partir da interface Qualidade de Vida, Educação Física e Lazer?

Em face de elucidar questões acerca da dança para idosos, foi vital deparar-se com o desenvolvimento desta investigação como uma oportunidade de pesquisar e aprender mais sobre as contribuições para este tema, tanto para os estudos acadêmicos e as instituições que atendem idosos quanto para a sociedade de uma forma geral.

2 DANÇA CIRCULAR COM IDOSOS: CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

O presente trabalho é de caráter descritivo, com abordagem qualitativa. Nesses termos, conforme Oliveira (2004), a pesquisa do tipo descritivo possibilita ao pesquisador alcançar uma compreensão melhor da conduta de vários fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno. Desse modo, este estudo busca retratar a identificação dos principais benefícios que a dança circular proporciona na vida das pessoas idosas na experiência das rodas de dança que aconteceram no Espaço São José Liberto, quinzenalmente, aos domingos, e na Casa das Artes às quintas-feiras, também quinzenalmente, com duração média de duas horas por encontro.

Ressalta-se que essas “rodas” são grandes encontros de socialização, em que, geralmente, participam mais de 30 indivíduos por vivência. No entanto, essa quantidade varia, pois sempre há pessoas novas nas rodas, vindas a convite de outros participantes ou porque ouviram falar dessas rodas. E, apesar de não existir o compromisso do retorno, quem participa sempre volta.

Sobre esta investigação, foi desenvolvida uma pesquisa de campo do tipo participante, de enfoque fenomenológico, no período de julho a dezembro de 2022. A pesquisa foi direcionada a nove mulheres não focalizadoras,⁴ com idade a partir de 55 anos, sem qualquer tipo de comprometimento físico, incapacidade cognitiva, mediante concordância com as questões dispostas no Termo de Consentimento Livre e

4 Focalizador (a) é a pessoa que conduz o foco de uma vivência, dirige e dá todo apoio a quem estiver participando das danças, pois, além de organizar fisicamente as Danças Circulares, ele (ela) age como um conector de energias sutis que criam a sensação de deslumbramento da vivência (COSTA, 2014).

Esclarecido, além de já estarem participando da roda de dança há mais de três meses no Grupo Ubuntu, em Belém do Pará.

O Grupo Ubuntu é o grupo do qual as mulheres idosas fazem parte e trata-se de um coletivo realizador que promove suas rodas de dança nos espaços já mencionados anteriormente. Ele trabalha pela construção de uma cultura de paz, com grupos de pessoas e com a comunidade, realizando ações em rede constituída por organizações parceiras governamentais e não governamentais que possuem objetivos afins. Isso porque o grupo acredita que os seus objetivos são atingidos somente no exercício da ação coletiva, com o desenvolvimento de competências para conviver democraticamente. Então, realiza em Belém e no interior do estado do Pará, em espaços públicos cedidos pelo Estado ou pelo Município, rodas abertas à comunidade para a prática das danças circulares.

Assim, a referida pesquisa baseou-se na observação dos fatos e fenômenos da maneira como eles ocorrem espontaneamente. Obteve também o levantamento de dados mediante entrevista semiestruturada com três perguntas abertas e fechadas, concedida de forma individualizada com as idosas pesquisadas, aplicada durante os intervalos e final das rodas, durante os encontros do grupo, de modo a não atrapalhar as atividades dos demais participantes. A interpretação dos dados coletados foi executada metodologicamente sob a perspectiva da análise de conteúdo.

Para a análise dos dados coletados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, definida como o “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2008, p. 37).

Desse modo, a análise dos dados levou à definição das seguintes categorias: as motivações dessas pessoas para participarem de um grupo de dança circular; as contribuições que podem trazer a dança circular para a vida delas; e o que os idosos têm a dizer sobre a aprendizagem adquirida nas vivências das rodas.

3 DANÇA CIRCULAR: UMA BREVE HISTÓRIA

Desde o período paleolítico a dança é um ritual do homem, sendo usada como forma de socialização após uma caça ou pesca, ou uma vitória de confronto com inimigos. Por esse motivo, constata-se aí uma forma de comunicação (BORGES, 2013). Marini e Brondani (2012) observaram, em seus estudos, evidências de que as primeiras danças surgiram com a formação circular, com a disposição de homens e mulheres sem uma composição na ordenação até que se feche a roda, destacando uma maneira de viver, em que o sentimento de amor, o trabalho e a religião se encontravam profundamente ligados.

Voltolini e Morales (2007) definem a dança como representatividade. Assim, foi em busca de uma(s) representatividade(s) que, nas décadas de 1950 e 1960, um alemão chamado Bernhard Wosien começou a percorrer o mundo estudando várias danças de diferentes povos. É interessante ressaltar que ele estava com mais de 60

anos quando resolveu andar pelo mundo buscando uma prática corporal mais orgânica que expressasse seus sentimentos. E, quando foi dar conta, percebeu que havia achado o que tanto almejava dançando em roda – a maneira de expressar organicamente seus sentimentos (dançando em roda, percebeu-se em meio à alegria, à amizade e ao amor, numa relação com si mesmo e com os outros). Bernhard percebeu, sensivelmente, que as danças dinamizavam uma comunhão sem palavras em movimentação circular, possibilitando uma interação mais amorosa entre as pessoas (PAULA; POSSARLE, 2009).

Nas danças circulares, originárias de diversas culturas ao redor do mundo, reunidas por Bernhard Wosien e percebidas por ele nas suas particularidades, existia um potencial que permitia o trabalho em grupo, já que podem ser dançadas simultaneamente em roda e terem ritmo e coreografia simples (ANDRADA; SOUZA, 2015). Além disso, essa movimentação em círculo dispõe todos em linha de igualdade, não existindo domínio de poder. Há, pois, uma revelação de potencialidade que possibilita a sensibilização do respeito ao próximo (BORGES, 2013; VOLTOLINI; MORALES, 2007).

A dança circular possibilita a empatia crítico-reflexiva. Isso porque, dentre os seus fundamentos percebidos por Bernhard, na dança circular há um modo de refletir dançando, meditar, renovar a vida, reinventando formas de relacionamento e harmonia intra e interpessoal. Nas suas investigações, Bernhard Wosien encontrou danças remotas de grupos étnicos, manifestações artísticas regionais e danças populares espontâneas, como as Danças Circulares da Macedônia, além de gravuras de danças da Polônia, França, Rússia e de diversos outros lugares. Desse modo, Wosien agregou ensinamentos e criações sobre a dança circular, ganhando assim o reconhecimento mundial com as danças que ensinava, vindo a chamá-las de “Danças Circulares Sagradas” (COSTA, 2014).

Em 1976, após reunir inúmeras danças nos povoados, Bernhard Wosien foi convidado pelos fundadores da Fundação Findhorn, Eileen e Peter Cady, a visitá-la e, assim, ensinar as danças para os moradores locais junto com sua filha Maria-Gabriele. Devido ao grande sucesso das danças, Wosien acabou voltando a Findhorn inúmeras vezes (PREISS, 2011).

3.1 A DANÇA CIRCULAR NO BRASIL: ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS

A dança circular chegou ao Brasil em meados dos anos 1980, por intermédio da escritora Sara Marriott, moradora da comunidade de Findhorn, na Escócia. Findhorn é uma comunidade espiritual, ecovila e um centro internacional de aprendizagem holística, que tem como visão revelar uma nova consciência humana. Atualmente, vivem nas comunidades ao redor do núcleo original centenas de pessoas e milhares a visitam todos os anos. Incentiva-se o autoconhecimento mediante a escuta interior, relações pacíficas, integração com a natureza e sustentabilidade.

Sara Marriott, então moradora de Findhorn, veio residir no Centro de Vivências Nazaré, em Nazaré Paulista-SP, onde começou um trabalho de ensino holístico (PAULA; POSSARLE, 2009). Educação Holística ou Ensino Holístico é aquela que visa colaborar para a educação formal, lançando bases para favorecer outros referenciais de educação, mais preocupados com a formação do cidadão, protagonista em questões sociais e ambientais no seu entorno (PEREIRA, 2018).

Este centro de vivências teve como inspiração a comunidade de Findhorn. De acordo com Paula e Possarle (2009), lá eram mantidas práticas de trabalho e sintonia grupal, proporcionando às danças circulares um ajuste perfeito ao dia a dia do Centro em Nazaré Paulista. Ali se criou a Dança e Meditação, onde as danças são partilhadas com muita sabedoria, como caminho de autoevolução. Então, a partir desse momento, a dança circular se expandiu pelo Brasil.

4 DANÇA CIRCULAR: INTERFACE ENTRE QUALIDADE DE VIDA E LAZER

Atualmente, a correria do dia a dia tem deixado muita gente adoecida, sendo as chamadas “doenças do progresso”, que implicam inúmeros distúrbios que incluem desde os problemas gástricos até o estresse propriamente dito. É importante ressaltar que

Essa modernidade trouxe novos comportamentos, mudanças nos perfis profissionais e nos hábitos das pessoas. O cidadão comum vê-se cada vez mais sobrecarregado de trabalho, de informações, esfalfando-se em jornadas diárias repletas de eventos e afazeres. É fato, contudo, que a crescente intensidade da sobrecarga à qual as pessoas estão sendo submetidas tem sido acompanhada por estresse e doenças crônicas, entre as quais se destacam lesões por esforços repetitivos, os problemas de coluna e a fadiga muscular. Por essas razões, é mais do que imprescindível repensar a qualidade de vida (Moreira, 2001, p. 7).

E foi pensando nesta população adoecida que a sociedade médica começou a buscar meios para que essas pessoas possam ter um viver melhor, com mais qualidade, mais saúde. Mas o que vem a ser “qualidade de vida”? E lazer?

De acordo com Moreira (2001), a qualidade de vida se mostra combinada a diferentes aspectos, como a soma de vivências após as principais realizações pessoais; o ensejo de praticar exercícios regularmente para promoção da saúde e combate ao estresse; ou mesmo uma mudança no modo de viver, em que tudo que foi vivido são elementos de alegria e contentamento.

A qualidade de vida pode ser definida de várias maneiras, uma vez que os aspectos religiosos, éticos, culturais e pessoais atuam na forma como ela pode ser compreendida. Ela se estabelece através de parâmetros objetivos como bem-estar, realização pessoal, e os subjetivos que estariam relacionados às necessidades básicas e a uma estrutura social (Hermann; Lana, 2016, p. 18).

Entende-se assim que a qualidade de vida que se busca não é simplesmente um modismo, mas uma necessidade surgida com o aumento da expectativa de vida da população, possibilitado graças ao avanço da medicina com o surgimento tanto de vacinas, que previnem inúmeras doenças, quanto, por exemplo, pela invenção da penicilina (antibiótico), o que foi um marco histórico, pois motivou investimentos para investigações científicas de outros antibióticos. Além disso, essa descoberta provocou mudanças no tratamento de doenças e fez com que muitas pessoas escapassem da morte. O termo qualidade de vida tem sido integrado aos estudos acadêmicos nas mais diferentes áreas a partir da década de 1990. Sua importância normalmente esteve associada com a avaliação das condições de vida urbana, como transporte, saneamento básico, lazer e trabalho (BOM SUCESSO, 2002).

Relacionando a qualidade de vida com o lazer, Gáspari et al. (2001) salientam como a prática do lazer e das atividades físicas proporcionam elementos prazerosos para o indivíduo. Esses elementos podem contribuir para a melhoria da sua automotivação, bem como trazer maior satisfação pessoal e social, proporcionando uma melhor qualidade de vida.

Assim, um maior entendimento do lazer na sua relação com a qualidade de vida pode subsidiar uma atuação profissional mais integrada, no sentido de favorecer a melhoria da vida em sociedade de um modo geral. Marcelino (2006) ressalta que o arcabouço teórico do lazer não se aplica apenas às áreas que possuem uma intervenção direta no tempo disponível da população, mas, também, àquelas que objetivam a melhoria do nível cultural da população como um todo.

Outro marco significativo para a humanidade, na área das ciências médicas, foi a previsão das doenças através do DNA. Aqui pode ser elencada uma infinidade de avanços, principalmente abordando o lazer que tem os conteúdos sociais, bem como procurando o contato, o relacionamento com outras pessoas (MARCELINO, 2006, p. 17).

O lazer torna-se possível, pois, além de a dança circular proporcionar a atividade física, está associada ao bem-estar físico, o qual poderá criar situações ou indicar elementos relacionados às características de cada indivíduo no lazer, conseqüentemente, conciliando qualidade de vida e lazer.

Assim, entender “qualidade de vida”, em suas inúmeras definições, é compreendê-la na perspectiva da avaliação da experiência, do conhecimento e dos valores de pessoas e populações em diferentes épocas, sendo uma estrutura social com influência de diversas culturas (HERMANN; LANA, 2016). É o que Nobre (1995) ressalta quando diz que a qualidade de vida é algo que cada pessoa avalia para si, de acordo com as suas prioridades e satisfações, sendo melhor definida como uma sensação íntima de conforto, bem-estar ou felicidade na execução das funções físicas, intelectuais e psíquicas dentro da realidade a qual pertence.

Nesse sentido, onde podem ser encontrados esses meios para uma melhor vivência? De acordo com Moreira (2001), a humanidade vem lançando mão de textos sobre “filosofias de vida alternativa”; “exercícios mentais de relaxamento”, algo para facilitar o “contato com as energias místicas”, sempre com o intuito de melhorar a nossa vida neste planeta.

Ressaltam-se estudos importantes que destacam aspectos de melhorias para a saúde a partir das práticas corporais e das danças circulares. Quadros e Souza (2014), por exemplo, verificaram que há uma melhora significativa do aspecto emocional, revelando, assim, um valioso meio para o estabelecimento da saúde, como a melhora do sono e diminuição das dores após o ingresso em grupos de práticas corporais.

Em investigação para avaliar a efetividade das práticas complementares, destacaram que a dança circular melhora a disposição física, o equilíbrio, a mobilidade, assim como o controle da hipertensão arterial e do diabetes. E quanto à questão emocional, viram melhora na depressão, no humor, na ansiedade e irritação, assim como diminuição da insônia, aumento da autoestima e do autocuidado (QUADROS; SOUZA, 2014).

É importante ressaltar que, na sociedade atual, estão em destaque os desafios na adoção de contribuintes que conduzam a uma vida mais saudável para os idosos, na perspectiva, principalmente, de redução dos “estados de morbidade”, viabilizando meios que possam reduzir “os transtornos sociais, emocionais, crônico-degenerativos, tal como a incapacidade, invalidez, dependência de terceiros e morte prematura” dessa população de idosos (JACOB FILHO, 1998 apud FLEURY; GONTIJO, 2006, p. 76).

Tendo em vista os modos de lidar com condições frágeis de qualidade de vida, como forma de impedir ou evitar péssima qualidade de vida e colaborar para a longevidade, Fleury e Gontijo (2006, p. 76), em seus estudos, indicam que uma das alternativas é a participação em grupos de danças circulares. “Esse tipo de dança possibilita a união entre as pessoas, já que existe o simbolismo do círculo e das mãos dadas que estimulam os sentimentos de confiança, igualdade, apoio mútuo, fazendo com que cada indivíduo possa perceber e reconhecer sua importância no tempo e espaço mundiais”.

Assim, Fleury e Gontijo (2006), Barcellos (2012), Costa (2014), Quadros e Souza (2014), Andrada e Souza (2015), entre outros, colaboram evidenciando, com estudos sobre dança circular, que a mesma contribui muito para a qualidade de vida e o lazer, que tem sido utilizada estrategicamente como ferramenta facilitadora de união, celebração, autoconhecimento e autocura, uma aliada bem-vinda na eterna procura do bem-estar e melhor qualidade de vida, pois, juntamente com esse desenvolvimento, na contemporaneidade, foram reproduzidos também o aumento do estresse, das neuroses, das doenças mentais e o isolamento, a solidão, o suicídio.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para melhor organizar a apresentação e facilitar a compreensão dos resultados e discussão da pesquisa, serão organizadas as seções de acordo com as referidas perguntas e respostas da entrevista. Ou seja, os dados de cunho qualitativo estão sob análise com base em uma aproximação da técnica de análise de conteúdo, conforme mencionado na seção dos procedimentos metodológicos. Desse modo, abre-se a primeira categoria de análise que se trata das “motivações”.

5.1 MOTIVAÇÕES PARA VIVENCIAR A DANÇA CIRCULAR

No estudo de campo, foi observado que a dança circular vivenciada pelas idosas participantes tem como motivação maior os encontros consigo e com os outros, para uma ambiência lúdica, uma vivência da arte e troca de saberes, na qual foi possível identificar a expressão e percepção do seu próprio movimentar corporal. Desse modo, foi questionado a essas mulheres: qual foi a sua motivação para participar das danças circulares?

Com relação ao tempo de participação na roda, as pessoas que participavam há mais de cinco anos tinham como principais motivações a paixão pela dança; a alegria de participar de uma atividade lúdica; a difusão da “cultura de paz”; a união e o respeito pelo próximo. Sendo assim, fica clara a busca de um bem-estar coletivo, enquanto as demais, com o menor tempo de participação, tinham como motivação a profissão, a busca pela saúde, a busca para se tornarem seres humanos melhores, estando mais evidente o olhar para um lado mais pessoal.

Esse resultado evidencia que, com o passar do tempo e após atingirem uma certa maturidade, essas pessoas tendem a fazer algo que lhes dá e promova prazer. Buscam novos experimentos, algo que conduza à união e integração com as demais pessoas, pensando então mais no coletivo do que no individual, o que não deixa de ser um fator promotor de uma melhor qualidade de vida também no âmbito individual.

Conforme Hermann e Lana (2016), a qualidade de vida pode ser proporcionada pela participação dinâmica em grupos de convivência, bem como pela prática de atividades físicas em grupo. Isso porque, quando se desempenham ações como a dança, em que se solicita um parceiro, há uma construção mútua na qualidade da atividade.

A dança é uma maneira de se proclamar por meio dos movimentos guiados pela música, pois quem dança concilia emoções positivas, prazer e socialização. Esses são os motivos que levam as pessoas a dançarem e a se manterem envolvidas na atividade, justificando, assim, o porquê de tantos anos de participação nas rodas de dança circular (HERMANN; LANA, 2016).

5.2 CONTRIBUIÇÕES

Como já corroborado por Quadros e Souza (2014), a efetividade das práticas corporais em dança circular traz contribuições para a disposição física, o equilíbrio, a mobilidade, bem como para o controle da hipertensão arterial e do diabetes. Assim, foram levantados das participantes os questionamentos expressos no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Os apontamentos das idosas segundo as contribuições da Dança Circular

Você considera que a dança circular contribui para sua vida? De que forma se dá essa contribuição?	
SOCIAL	“Quando me proporciona fazer amigos na dança; a dança me ajuda na socialização com as outras pessoas; me proporciona uma melhor interação com as pessoas; já fiz muitos amigos e amigas que conheci na dança”.
FUNCIONAL	“No físico, quando movimentamos os braços, as pernas, o corpo todo no ritmo da música”.
COGNITIVO	“Contribui para minha memória, pois tenho que memorizar os passos; trabalha minha atenção, pois preciso estar atenta para saber seguir o movimento para direita ou para esquerda”.
PESSOAL	“Consegui estabelecer uma conexão comigo mesma; contribui e muito para que eu seja uma pessoa muito melhor, um ser humano mais sensível à dor do outro; Contribui ainda na meditação, proporcionando uma grande interação-integração pessoal”.
LAZER	“Abrange muitos significados, que refletem conhecimentos e experiências, porém, para mim, o lazer é o maior deles, eu me divirto, me sinto livre e criativa e se dá um encontro de emoções e sentimentos, manifestando a arte da dança circular”.

Fonte: elaboração própria, ano

Sobre haver ou não contribuição na vida das participantes da roda de dança circular, todas responderam afirmativamente. E isso acontece da seguinte forma: no social, quando a dança circular promove uma melhor interação, integração e socialização entre seus participantes; no funcional, quando o corpo todo se movimenta no ritmo da dança; no cognitivo, quando são trabalhados a memória, a atenção, a linguagem e o raciocínio; e no pessoal, quando a dança circular proporciona aos seus participantes uma melhora no relacionamento familiar, no autoconhecimento e uma maior conexão com o seu Eu interior, como afirmam duas das entrevistadas: “a dança circular contribui de todas as maneiras na minha vida. No social, quando me proporciona fazer amigos na dança... No funcional, na memória, no físico, na alegria e diversão, quando movimentamos os braços, as pernas, o corpo todo no ritmo da música...na minha saúde física, mental e prazer” (Participante 1, 2022); “Através da dança circular, eu consegui estabelecer uma conexão comigo mesma e com o grupo dançante, tendo diversão e um espaço de lazer. E a dança circular também me dá mais condições de ter uma melhor convivência social e familiar” (Participante 4, 2022).

Como exposto pelas participantes, as contribuições física, mental e social já foram mencionadas por Nobre (1995). Todavia, há de se destacar, como já mencionado, que a vivência com a prática da dança circular, os benefícios no aspecto emocional, viram melhorias em situações depressivas, no humor, na ansiedade e no combate à irritação, à insônia, além disso, no aumento da autoestima e do autocuidado.

5.3 VIVÊNCIA COM APRENDIZADO EM DANÇA CIRCULAR

A movimentação corporal, acompanhada do ritmo musical, conduz a uma dimensão lúdica por meio da dança circular, que possibilita a sensação de bem-estar. Alguns estudiosos da área gostam de chamar de meio educacional funcional, pois, com a educação pelo movimento corporal, o aprendizado torna-se mais significativo e favorável (BORGES, 2013). Nesse sentido, o Quadro 2, abaixo, levanta o questionamento em relação a alguns aspectos do aprendizado em dança circular:

Quadro 2: Relatos sobre a prática cotidiana dos aprendizados com a Dança Circular

Você coloca em prática, na sua vida cotidiana, o aprendizado das danças circulares? De que maneira isso é feito?
“Quando eu me harmonizo com todos, não só os que participam da dança, mas com qualquer pessoa que eu tenha uma aproximação, um contato e venho nesse encontro me divertir”.
“E isso é o que a dança nos permite, pois quando estamos em círculo, estamos no mesmo grau de igualdade, ninguém é melhor ou pior que o outro, todos iguais”.
“Prestando atenção na mudança dos ciclos da vida das pessoas e pacientes...” (natureza; idade das pessoas; mudanças de atitudes das pessoas, como raiva, medos etc.).
“Eu encontrei esse diferencial na Dança Circular que não encontrei em outras danças, esse respeito pelas limitações de cada um e um espaço para o meu lazer, o meu prazer em dançar”.

Fonte: elaboração própria, ano

Quando questionadas se têm colocado em prática os ensinamentos adquiridos na dança circular, todas responderam de forma positiva. E em relação à questão de como esta prática ocorre, as manifestações são de diferentes formas, como harmonização com o grupo e demais pessoas; auxílio ao próximo; respeito às especificidades de cada um; sensibilidade à dor do outro; respeito ao próximo como seu semelhante, como relata a Participante 5: “[...] você pode trabalhar com todas as pessoas, respeitando as especificidades de cada uma. ...eu encontrei esse diferencial na dança circular que não encontrei em outras danças, esse respeito pelas limitações de cada um” (Participante 5, 2018). Outra participante do grupo filosofa:

Quando eu me harmonizo com todos, não só os que participam da dança, mas com qualquer pessoa que eu tenha uma aproximação, um contato. E isso é o que a dança nos permite, pois, quando estamos em círculo, estamos no mesmo grau de igualdade, ninguém é melhor ou pior que o outro: somos todos iguais.-(Participante 1, 2018, em entrevista concedida aos autores).

As evidências tratadas a partir dos questionamentos feitos a essas mulheres idosas são reveladoras em suas próprias falas. Percebendo as dimensões que qualificam

o seu cotidiano por meio das contribuições que as vivências das rodas de dança circular lhes proporcionam, sejam físicas, mentais, sociais, emocionais – são relevantes oportunizar a essa população mais propostas com essas vivências para e pela qualidade de vida. Hermann e Lana (2016) já bem lembraram que, dentre as diversas contribuições que as danças circulares são capazes de produzir para seus praticantes, podem ser pontuadas algumas, como: as melhorias na resistência muscular, força, flexibilidade e postura; melhorias na consciência ou esquemas corporais, reduzindo tensões e dores; e melhorias no cognitivo, trazendo o bem-estar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado a partir do desenvolvimento deste trabalho, a dança se afirma como um instrumento benéfico e repleto de meios para a manutenção e melhoria de distintas dimensões que estão inseridas no contexto de qualidade de vida, como a adaptação às condições da aptidão funcional e integração social.

Nesse sentido, oportuniza a participação dinâmica em grupos de convivência (atividade física em grupo), visto que, quando desempenhadas atividades com a dança, em que se solicita um parceiro, pode ser um fator benéfico para a melhoria da qualidade de vida.

De acordo com a análise dos dados, conclui-se que, a partir das vivências com a dança circular, da socialização e da interação que existem entre os integrantes do grupo estudado, o indivíduo começa a enxergar além de si próprio, passando a ter uma percepção maior com quem estiver ao seu lado.

Na dança circular, cada indivíduo, mesmo quando não estiver dançando com um par, mantém uma conexão forte, uma cadência. Assume um estado de igualdade junto a todos os outros membros, aprendendo a conduzir e ser conduzido de forma colaborativa, cujos elementos que definem a qualidade de vida estejam muito próximos das definições atribuídas à noção de lazer.

Isso motiva e estimula os idosos a se envolverem com a atividade da dança, mesmo que acreditando que não saibam dançar, pois o grupo proporciona condições para meios seguros de introdução, incentivo e cumplicidade no vivenciar do aprendizado, fortalecendo a autoestima de quem começa.

Na conexão com o grupo, ao darem-se as mãos, a troca de energia tem início. O participante, receptor e doador, ao mesmo tempo, recebe e dá energias boas. Mas essa troca não é somente feita pessoa-pessoa, mas pessoa-terra, pessoa-cosmos, e isso se dá após uma maior interação com si mesmo, um autoconhecimento que permite aflorar do indivíduo uma preocupação maior com o coletivo.

Este estudo concluiu que as danças circulares são capazes de produzir inúmeros benefícios para seus praticantes, em especial para pessoas idosas, no campo mental e emocional. Permitem à pessoa trabalhar sua atenção, memória, cognição, além da linguagem, muitas vezes, extraverbal, corporal, junto às outras participantes. Então, ao afirmar o aspecto emocional, correlacionado com a socialização, a expressão, a

integração, o sentimento de pertencimento, existe a observância da prática da dança circular com idosos, concluindo que são importantes tratamentos contra o isolamento e a sensação de solidão.

A importância da abordagem acadêmica da dança circular se materializa por meio do levantamento de autores e da experiência mais particular e empírica compilada neste trabalho, corroborando as teses elencadas e reiterando o valor dessa atividade para a promoção da qualidade de vida em seus mais diversos âmbitos, como um instrumento de inclusão, problema que cada vez mais está em pauta nos grandes debates sobre a educação e o bem-viver.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Esperança. **Danças Circulares dos Povos**. Belém-PA, 2010. Disponível em: <https://dancascircularesdaamazonia.files.wordpress.com/2010/05/dancas-circulares-dos-povos.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2017.

ANDRADA, P. C.; SOUZA, V. L.T. Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 359-368, maio/ago.,2015. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192855>. Acesso em: dia mês ano.

BARCELLOS, J. T. S. **Danças circulares sagradas: pedagogia da presença, do ritmo, da escuta e olhar sensível**. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1979.

BOM SUCESSO, Edina de Paula. **Relações interpessoais e qualidade de vida no trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Qualitymark, 2002.

BORGES, C. M. Dança Circular. Pesquisa e prática de danças circulares tradicionais brasileiras. **EFDportes**, Buenos Aires, ano 18, n. 184, set. 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd184/dancas-circulares-tradicionais-brasileiras.htm>. Acesso em: 9 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006**. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006.

COSTA, L. B. **Interações nas danças circulares do Mana-Maní em Belém do Pará**. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências da Comunicação) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

DUBNER, D. Dança Circular: o que é? **Dança circular.com.br**, Embu, SP, 2016. Disponível em: <http://www.dancacircular.com.br/oque.asp>. Acesso em: 2 maio 2017.

FLEURY, T. M.; GONTIJO, D. T. As danças circulares e as possíveis contribuições da terapia ocupacional para as idosas. **Cadernos de Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 9, p. 75-90, 2006.

HERMANN, Gislaíne; LANA, Letice Dalla. A influência da dança na qualidade de vida dos idosos. **Biblioteca Las Casas**, Andalucía, España, v.12, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.index-f.com/lascasas/documentos/lc0884.php>. Acesso em: 14 jan. 2019.

INSTITUTO OCARA. **Danças Circulares**. Belém-PA, 2017. Disponível em: <http://ocarainstituto.blogspot.com/p/dancas-circulares.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

GÁSPARI, Jossett Campagna de; SCHWARTZ, Gisele Maria. Adolescência, Esporte e Qualidade de Vida. **Motriz**, Rio Claro, SP, v.7, n. 2, p. 107-113, jul./dez., 2001.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Estudo do lazer**: uma introdução. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINI, Vera M. D.; BRONDANI, Vânia R. **Dança circular nas aulas de Educação Física**: uma possibilidade de interação social. Artigo apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE da Secretaria de Estado da Educação – SEED, Superintendência da Educação – SUED. Curitiba, Paraná, junho, 2012. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_unicentro_edfis_artigo_vera_maria_dotti.pdf. Acesso em: 28 jan. 2019.

MOREIRA, W. W. (org.). **Qualidade de vida**: complexidade e educação. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NOBRE, M. R. C. **Qualidade de vida**. São Paulo: FMUSP, 1995. Disponível em: <http://www.arquivosonline.com.br/pesquisartigos/Pdfs/1995/v64N4/64040002.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2017.

PAULA, D. G.; POSSARLE, M. M. **Danças Circulares**. Campinas, SP: Instituto Humanitatis, 2009. Disponível em: https://www.humanitatis.com/media/user/downloads/11_trabalho_dancas_circulares_y8.pdf. Acesso em: 22 abr. 2018.

PEREIRA, Lucila Conceição. Educação Holística. **InfoEscola**, 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/educacao-holistica/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

QUADROS, M. L. M.; SOUZA, J. L. S. Vivência em danças circulares no SUS: uma breve revisão. **EFDeportes**, Buenos Aires, ano 18, n. 190, mar. 2014. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd190/vivencia-em-dancas-circulares.htm>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SANTOS, L. M.; SILVA, R. F. **Projeto Dança e Saúde**: dança: o movimento que faz bem! Telecentro Comunitário de Flórida Paulista, 2014. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/leandromartins/projeto-dana-e-sade>. Acesso em: 14 abr. 2018.

VARREGOSO, I.; MACHADO, R.; BARROSO, M. A dança como contributo para a qualidade de vida de idosos institucionalizados e não institucionalizados. **Revista da UIIPS**, Santarém, v. 4, n. 1, fev. 2016. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.25746/ruiips.v4.i2.9936>. Acesso em: dia mês ano.

VOLTOLINI, R. V.; MORALES, A. G. M. As danças circulares como instrumento de sensibilização ambiental. **Com Scientia**, Curitiba, v. 3, n. 3, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.comscientia-nimad.ufpr.br/artigos/dancascirculares.voltolini.pdf>. Acesso em: 13 out. 2017.

THE CIRCULAR DANCE IN THE RHYTHM OF SENSIBILITY AND LEISURE

ABSTRACT: This article intends to present contributions and reflections on the circular dance as a promoter of quality of life, based on the participants of the Ocara group, in Belém-PA and through an analysis that points out what benefits circular dance could promote to the lives of its practitioners. Being a qualitative research of participant nature, based on the phenomenological approach. A semi-structured interview with analytical treatment was used to verify these objectives, to which nine participants from the OCARA group were interviewed. The verified contributions pointed to the incentive in maintaining the practice of circular dance, promoting a playful and healthy experience to its participants, data that is congruent with the speech of the research subjects on the benefits of dance.

Keywords: Circular Dance; Sensible Education; Quality of life.

LA DANZA CIRCULAR EN EL RITMO DE LA SENSIBILIDAD Y EL OCIO

RESUMEN: Este artículo presenta contribuciones y reflexiones sobre la danza circular como promotora de la calidad de vida, basada en los participantes del grupo ocará, en Belém-Pa. el análisis señala qué beneficios puede promover la danza circular en la vida de este público. Se trata, por tanto, de una investigación cualitativa, de carácter participativo, basada en el enfoque fenomenológico. Para ello, se utilizaron entrevistas semiestructuradas, a través de un tratamiento analítico para verificar estos objetivos, con nueve participantes del Grupo OCARA. Las contribuciones verificadas apuntaron al fomento de la continuación de la práctica de la danza circular y a la promoción de la experiencia lúdica y la salud de sus participantes, datos congruentes con el discurso de los participantes de la investigación sobre los beneficios de la danza.

Palabras llave: Danza circular; Educación sensible; Calidad de vida.

TERRITÓRIO E MEMÓRIA COLETIVA NA AMAZÔNIA PARAENSE: BREVES CONSIDERAÇÕES

Fernanda Cristine dos Santos Bengio¹

Rafaele Habib Souza Aquime²

Fernando Jorge dos Santos Farias³

RESUMO: Neste texto apresentamos parte de pesquisa em andamento acerca da memória coletiva e processos migratórios. Objetivando compreender como a literatura tem tratado os mecanismos de construção e obliteração da memória coletiva face às circunstâncias de territorialização produzidas em espaços singulares, sobretudo na Amazônia paraense, realizamos uma pesquisa bibliográfica do tipo narrativa. A compreensão do território como espaço dotado de determinadas características materiais e imateriais, permite indagá-lo como campo fértil de inteligibilidade na formação das relações intersubjetiva e intrassubjetivas. Além disso, o estudo da memória coletiva auxilia na compreensão das continuidades e descontinuidades das narrativas históricas dos sujeitos que habitam os espaços. A problematização dos territórios existenciais na relação de sujeição que impõe a determinados sujeitos a invisibilização dos seus modos de vida possibilita a construção de agenciamentos inventivos que promovam visibilização dos saberes locais, aspecto pertinente para intervenções no território sob o viés dialógico e transversal.

Palavras-chave: Memória coletiva; Amazônia; Território; Subjetividade.

1 INTRODUÇÃO

O território amazônico é mundialmente conhecido por sua riqueza natural de grande importância para o equilíbrio ambiental de nosso planeta. A maior parte da Amazônia brasileira concentra-se na região norte do país, área marcada, como acentua Souza (2012), por intensos fluxos migratórios e conflitos territoriais decorrentes da exploração sistemática desta região. Com o objetivo de compreender como

1 Doutora em Psicologia, Professora na Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. *E-mail:* feben-
gio@ufpa.br.

2 Doutora em Psicologia, Professora na Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Tomé Açu. *E-mail:* rafa-
le.habib@gmail.com.

3 Doutor em Educação, Professor na Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. *E-mail:* ffarias@
ufpa.br.

a literatura tem tratado os mecanismos de construção e obliteração da memória coletiva face às circunstâncias de territorialização produzidas em espaços singulares, sobretudo na cidade de Altamira, situada no Sudoeste do Pará e na Amazônia paraense, esta pesquisa se lança no imbricado desafio de problematizar o território, compreendido como um espaço dotado de determinadas características materiais e imateriais, o qual desenha um campo fértil de inteligibilidade da formação das relações intersubjetiva e intrassubjetivas. Assim, a memória coletiva se caracteriza como valioso dispositivo para compreender as continuidades e descontinuidades das narrativas históricas dos sujeitos que habitam os espaços, oportunidade para também serem interrogadas formas atuais de governo de determinado recorte da população.

Ao considerarmos que esta pesquisa está situada no campo da Psicologia Social, na sua condição de abertura ao *pensamento complexo* (MORIN, 2005), recorremos a conceitos das Ciências Sociais e Humanas a fim de construir análises relevantes. Morin (2005, p. 14) afirma a necessidade de romper com o isolamento que os especialismos produzem, pois “precisamos enfrentar a complexidade antropossocial, e dissolvê-la ou ocultá-la”. Nessa mesma esteira, concordamos com Bosi (2003, p. 41) quando destaca o processo de “renovação” da Psicologia graças ao debate de disciplinas como “Antropologia e História Social”. Trata-se, conforme a autora, de cruzar as fronteiras da Psicologia.

A constituição do modo de vida do sujeito, grupo, população, comunidade ou afins é sempre um acontecimento complexo, o qual se relaciona tanto a aspectos macro, quanto às questões micro de suas realidades. A multiplicidade de experiências e encontros se efetua por diferentes intensidades, e produz, dentre outras coisas, a singularidade dos modos de ser. De modo geral, compreender essa situação contribui para a promoção do respeito às diferenças e adensa o debate acerca da equidade nas políticas públicas como um todo.

Diante disso, questionamos como tem se dado a construção das memórias coletivas nos territórios amazônicos, a partir dos processos de territorialização produzidos por empreendimentos econômicos de médio e grande porte. Trata-se de pesquisa em andamento e, desta maneira, o texto apontará para discussões iniciais, que se concentram sobre a relação entre memória coletiva e territorialidade. Almejamos que esta pesquisa possa enriquecer o debate sobre memória coletiva, sublinhando os processos micropolíticos de constituição dos sujeitos, além de construir intersecções potentes no campo de intervenção da Psicologia, considerando o espaço-território como múltiplo e um forte dispositivo de produção de subjetivação, com seus possíveis, mediante um cenário de invisibilização dos saberes locais e memórias coletivas de caráter dissidente. Assim, realizamos uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, a fim de descrever a relação entre memória coletiva e processos de territorialização produzidos em movimentos migratórios, buscando compilar as principais produções desse recorte. Conforme Rother (2007) e Casarin et al. (2020), revisões narrativas objetivam produzir um resumo da literatura ou caracterizar o estado da arte sobre um assunto, permitindo, com esse fim, identificar as principais lacunas sobre ele.

As análises dos materiais selecionados, que deram origem a esse artigo, partiram da arqueogenealogia pautada nas discussões de Michel Foucault quanto às relações de saber-poder-verdade e das contribuições da escola francesa de Análise Institucional, considerando as proposições de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tal configuração metodológica nos auxiliou na construção de uma abordagem “teórico-metodológica flexível” (VASCONCELOS, 2013, p. 44), que nos leva a refletir sobre a micropolítica do cotidiano, pois,

O problema é, ao mesmo tempo, distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. (...) aquilo que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina é belicosa e não linguística (Foucault, 2015, p. 40-41).

Desse modo, essa arqueogenealogia funciona como um conjunto de ferramentas que viabilizam a problematização das condições de existência dos discursos, bem como da naturalização das práticas de poder sustentadas por determinados discursos. Assim, fica-nos notório que o que está em jogo neste fazer é a historicidade dos dispositivos que atravessam os corpos, modulam relações e produzem modos de ser.

2 MEMÓRIA COLETIVA, TERRITÓRIO E SUBJETIVAÇÃO

A complexidade da relação entre memória coletiva, espaço e território na Amazônia é marcada pelo uso predatório dos bens naturais e pela existência de movimentos migratórios intensificados durante intervenções denominadas pela história e geografia de Grandes Projetos. Não são apenas as paisagens dos lugares que são transformadas com estes acontecimentos, mas o próprio espaço e as noções de territorialidade passam a ser redefinidos. As memórias em disputa não apenas sinalizam as tensões territoriais, mas incidem nas novas fronteiras que passam a ser estabelecidas, seja pela afirmação ou esquecimento.

Michel Foucault (2015) aponta a importância de compreender o funcionamento das relações de saber e poder que produzem verdades para que seja possível pensar uma ontologia dos sujeitos, a qual não diz respeito a “categorias universais” (NOTO, 2009, p. 44), porém a uma analítica das formações singulares dos modos de ser a partir do entendimento da história do presente. O campo de força discursiva que afirma verdades e produz múltiplas relações se faz presente nas palavras, nas coisas, nas formas, na organização do espaço com seus objetos e sentidos. Trata-se do que Foucault (2010) chama de práticas discursivas e não discursivas, as quais podem ser analisadas também sob a alcunha de dispositivo.

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 2015, p. 364).

Em concordância com este escopo é importante observar com atenção as condições materiais de vida dos sujeitos, pois elas trazem consigo o espectro da vida imaterial que permeia o cotidiano de cada um de nós. Thum (2017) afirma que “a vida se faz a partir de relações com *entre* e *com* os outros em um território” (p. 167), ampliando a crítica dos modos de vida para além das práticas imateriais dos sujeitos e grupos, considerando também a ocupação física e simbólica do espaço. Este entendimento posiciona-se como analisador da separação entre natureza e cultura, inserindo no debate sobre práticas culturais, território e modos de vida, importantes dispositivos de produção de subjetividades e modos de ocupar os espaços, como o espaço físico e simbólico.

Os modos de subjetivação são acontecimentos históricos, políticos e culturais que agenciam os sujeitos e suas vidas, produzindo os modos de existir em sua multiplicidade. Nesta perspectiva a subjetividade não deve ser tomada como essência, mas como uma tentativa de parada do processo permanente e intenso de “estar sendo” dos sujeitos na interface com os acontecimentos micro e macropolíticos.

Ainda sobre os lugares e os modos de vida, Deleuze e Guattari (2010) apresentam o conceito de afeto como aquilo que acontece ao sujeito, como algo que produz um encontro e esse pode ocorrer com qualquer coisa, pessoa, situação. Um encontro pode ser com a luz, com um filme, com uma árvore, um animal, com o outro e por aí em diante. Encontros são situações que mobilizam no sujeito determinadas forças, que podem ser traduzidas em uma linguagem spinoziana, como encontros tristes e encontros alegres. Resumidamente, os encontros alegres potencializam a vida na arte da singularização; e os encontros tristes são tudo aquilo que esvazia a vida, que tolhe as possibilidades dos sujeitos de diferirem, acomodando os modos de ser em pequenas caixas de normalização.

Estes encontros ocorrem em determinado espaço e seus desdobramentos conduzem à reorganização das fronteiras do eu e do outro. Para Foucault (2013) e Certeau, Giard e Mayol (2013) as relações dos sujeitos com os objetos, natureza e demais elementos que constituem o lugar é o que produz o espaço. Por conseguinte, a noção de território pode ser compreendida como um espaço dotado de determinadas características materiais e imateriais, no qual a questão da memória coletiva se avizinha ao território existencial.

Para Guattari (2012), o território é existencial, pois é onde o sujeito se constitui de modo transversal. E isso só é possível pois o lugar trata de objetos organizados em um recorte geográfico, porém com ausência de sentido; e o espaço, por seu turno, indica as relações imanentes entre os objetos, sujeitos e recorte geográfico (CERTEAU;

GIARD; MAYOL, 2013). Considerar esta relação impõe uma perspectiva problematizadora dos modos de habitar o território.

Pelas histórias de lugares, eles se tornam habitáveis. Habitar é narrativizar. Fomentar ou restaurar esta narrativa é, portanto, também uma tarefa de restauração. É preciso despertar as histórias que dormem nas ruas que jazem de vez em quando num simples nome, dobradas neste dedal como as sedas das feiteiras (Certeau; Giard; Mayol, 2013, p. 200-201).

As compreensões de Foucault (2013, p. 19) nos levam ao entendimento de que “não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel” e a heterogeneidade do espaço e sua intensidade como dispositivo de subjetivação reside na multiplicidade das relações que o compõe. Portanto, o espaço é esta região onde a vida material e imaterial acontece, produzindo territórios existenciais que o sujeito habita e narrativiza. Local de histórias e memórias onde são experienciados acontecimentos cotidianamente. É nessa direção que a memória coletiva deve ser observada com maior cuidado, uma vez que diz respeito às relações entre o espaço e os sujeitos e destes entre si.

3 VARIAÇÕES CONCEITUAIS: MEMÓRIA COLETIVA E TERRITORIALIDADE

Considerando os materiais que abordaram a relação da memória coletiva com o espaço habitado, a partir do relato oral, foi possível identificar que o tema da memória coletiva não possui variação epistemológica, tendo como principal referência Maurice Halbwachs. Contudo, três aspectos sobre a memória coletiva nestas pesquisas se destacam: *acesso, produção e usos*.

A questão do acesso é colocada a partir da problemática das ferramentas de pesquisa. Debate que adentra os meandros da História Oral, ora como método, ora como campo específico da historiografia (HOLANDA, 2010; SHENATO, 2014; SOUZA, 2016; SANTOS, 2018). A importância da oralidade como aspecto crucial da transmissão e construção da memória coletiva é indicada por Nunes (2011) ao analisar o caso de uma comunidade pesqueira em Aracaju, Sergipe.

A problematização do acesso à memória coletiva toca diretamente na condição de sua produção, onde se considera que além do relato oral, há o território e sua fisicalidade como potentes perpetuadores de memórias (MARQUES, 2006; MEDEIROS, 2013; OLIVEIRA, 2017). Lagares (2009) afirma que a memória coletiva é produzida por um poder simbólico que agrega e realça determinados valores socio-culturais. Já Freire (2010) coloca que a negociação do que se pode/se quer lembrar e esquecer para a constituição da memória coletiva, logo, para este autor, não se trata de um processo natural. Desta mesma maneira Bitencourt (2014) afirma que existem múltiplos agenciamentos que compõe a memória coletiva. Silveira e Soares (2012)

discutem esse acontecimento a partir das transformações urbanas e das histórias fantásticas na capital paraense.

A memória coletiva também tem sido pensada a partir de seus usos e desdobramentos que daí emergem. Lima (2008) assinala a hercúlea tarefa de apartar a memória coletiva da individual, situando a importância da memória coletiva para a “coesão social afetiva” (p. 86).

A memória como disputa de afirmação de distintos modos de ser e habitar é sublinhado por Souza (2016), Marques (2006), Arosteguy (2018) e Paganini (2018). E a multiplicidade de seus usos é demarcada como uma prática de poder e de conflito com o outro, ou seja, com a alteridade (Souza, 2016; Borges, 2020; Alves, 2019). Ferreira (2018) situa a memória coletiva sob o enquadre de “classe social”, o qual também denota o aspecto conflitivo que atravessa o tema.

Quanto a condição da territorialidade, persiste algum nível de variação conceitual. Souza (2012) e Szekut (2018) compreendem territorialidade como um conjunto de traços materiais e imateriais da identidade social e individual dos sujeitos, concepção essa que se aproxima bastante da proposta de Jörg (2017) e Rezende (2010) que colocam as formas de expressão do humano ao lado do que compreendem como territorialidade. Santos (2010) salienta que o território é construído a partir da apropriação que os sujeitos fazem dele, ou seja, dos modos de habitar/ocupar o lugar.

Xavier (2013), ao separar espaço social e territorialidade afirma que o primeiro é investido do domínio psicossocial, enquanto o segundo, por uma instância física, cultural e histórica. Rodrigues (2013) assinala a condição material de vida dos sujeitos como fator essencial na análise das práticas culturais, sobretudo ao se tratar da formação identitária dos indivíduos.

As concepções que partem diretamente da Geografia, apontam a diferença entre espaço e território. Ramos (2018), por exemplo, define territorialidade apenas como a parte “simbólica” do território. Sanches (2017) elenca algumas categorias para analisar estes conflitos, como territorialidades bélicas e territorialidades étnicas. Para Tavanti (2018) o território desdobra-se em dois níveis de dominação: a político-econômica e a subjetiva que se apresenta pela via cultural e simbólica.

Para Moreno (2014), a diferença que deve ser observada é entre territorialidade e territorialização, considerando a territorialidade como a delimitação político-administrativa do espaço e territorialização como a estruturação e reestruturação das formas culturais de ocupar o espaço. Essa concepção vai ao encontro das problematizações que tratam da territorialidade relacionada aos processos identitários, tal qual sinaliza Duarte (2017), enquanto Silva (2018) afirma que território “é o espaço apropriado por uma determinada relação social” (p. 53).

Souza (2013) aponta a importância de considerar os fluxos migratórios no estudo da territorialidade, no contexto do crescimento urbano e modernização do lugar. Assim, para este autor o “território é configurado de muitas territorialidades” (p. 109), lugar de muitas histórias e memórias. Nesta direção, Yade (2015) afirma que “territorialidade é o lugar onde essas memórias se corporificam” (p. 67). Por fim,

destacamos que a condição do deslocamento ou migração de modo não voluntário é abordado por Amorim (2019), frente a discussão da colonialidade.

4 MEMÓRIA COLETIVA, TERRITORIALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

A partir dessas múltiplas definições, é possível inferir que existe relação íntima entre memórias e territórios, mesmo diante de certa heterogeneidade conceitual. Destaca-se recorrentemente o dispositivo da identidade social e práticas culturais tradicionais mantidas pela tradição oral em contraposição às transformações da modernidade no recorte da urbanização e desenvolvimento econômico, pautado por empreendimentos de médio e grande porte.

A interferência dos usos mercantilistas e predatórios dos recursos naturais na Amazônia paraense possui forte relação com os modos de organização do capital. Santos (2011) afirma que nas relações com o dinheiro globalizado, percebe-se conflitos e disputas, porque o dinheiro global é fluido, abstrato, mas, também, despótico, impondo normas, adaptações, racionalidades próprias do empresariado e dos governos mundiais. A presença das empresas globais torna-se um fator de desorganização, desagregação, justamente por fomentar interesses individualistas e particularistas.

Ao pontuar a migração como analisador das formas de territorialização, Souza (2013) reforça a questão acima levantada por Milton Santos (2011), uma vez que a maior motivação destes fluxos de deslocamentos humanos se encontra na intersecção do desenvolvimento econômico. O fenômeno da migração humana é uma prática milenar, e contemporaneamente se inscreve como um direito humano, ou seja, está contemplado em um dispositivo liberal que se liga às transformações dos modos de governar as populações que datam, mais ou menos, do século XVIII.

A emergência do debate cultural no âmbito das identidades sociais e culturais como elementos que também compõe o corpus de ações dos Direitos Humanos, traz para a centralidade desta pesquisa o que Canclini (1995) descreve como Hibridismo Cultural, além de elementos da pós-modernidade detalhados por Hall (2011) sobre o descentramento das identidades.

Contudo, os efeitos do *giro decolonial* (BERNARDINO-COSTA; GROSFÓ-GUEL, 2016; BALLESTRIN, 2013; ALVES; DELMODEZ, 2015) como um conjunto teórico-prático de análise da organização social e seus efeitos nas vidas dos sujeitos, impõe que se olhe com cautela discursos que se fecham na “diversidade harmoniosa” como acontecimento naturalmente produzido.

As *referências culturais* (IPHAN, 2003) de um grupo social e de um indivíduo não são estáticas. Portanto, é rasteiro pensar que elas se formam sem conflitos ou fora de relações marcadas por tensões e múltiplos interesses. Ao nível sociocultural mais especificamente, é interessante notar como os grupos e indivíduos se organizam (agem, pensam, sentem e expressam esses sentimentos e justificam suas atitu-

des) a partir de determinadas referências culturais, as quais vão formar o que alguns autores denominam como identidade.

Tomando as identidades como dispositivos de produção das subjetividades e as memórias em relação direta com o território (aspectos materiais e imateriais), é desenhado importante campo de análise transdisciplinar sobre os modos de vida dos sujeitos. E a partir daí, é possível sugerir modos de cuidar e atender ética, estética e politicamente.

Santos (2011) assevera que o território é o local onde desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do sujeito plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. É o lugar do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais, do exercício pleno da vida, e tem que ser entendido como território usado e *compartilhado* (grifo nosso). Compreendemos que é através disso que se constituem as memórias dos grupos, que são tão importantes para as referências culturais em seu meio.

Halbwachs (1968) situa o conceito de memória coletiva e sua relação com a história no campo da *interdição discursiva*, questão explorada por Foucault (1996, 2010) extensamente. A interdição e rarefação discursiva ocorrem em meio a complexas e dinâmicas relações de saber e de poder, as quais produzem efeitos de verdade (FOUCAULT, 1996; 2010). Neste contexto, problematiza-se *o que e como algo/alguém é lembrado, bem como o silenciamento, ou seja, o que deve ser esquecido? Qual a mecânica do apagamento?* Essas questões, ao que observamos, encontram eco na observância do enunciado sobre a produção da memória coletiva, proposto por Bosi (2003, p. 31) quando destaca que

a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho significado de um significado coletivo.

O território amazônico é um caso incontestado desta questão. Nesse sentido, a construção da rodovia Transamazônica, “A estrada invisível” (SOUZA, 2012), funciona como um analisador, pois vem afetando diretamente as populações locais como as comunidades de pescadores, ribeirinhas, indígenas e quilombolas, desde o seu princípio. Trata-se, portanto, de grupos-sujeitos atravessados por múltiplas forças, impondo necessidades de redesenhar suas fronteiras intersubjetivas constantemente, na medida em que o próprio território tem suas fronteiras político-administrativas transformadas. Esse acontecimento destaca aquilo que a Análise Institucional denomina de *transversalidade*.

Dessa maneira, na ampliação de uma dimensão transversal, a analítica de um grupo se mostra mais conectada a elementos complexos, históricos, sociais, político-econômicos, estéticos..., favorecendo com que esse mesmo grupo tome posse, de uma forma cada vez mais consistente, de sua própria voz (Simonini; Romagnoli, 2018, p. 920).

Olhar o território a partir deste contexto exige a aproximação a saberes que historicamente encontram-se em embates frente às práticas desenvolvimentistas e colonialistas que enquadram as narrativas destas populações como subalternas e não-oficiais. Assim, a memória coletiva deve ser compreendida “comme un élément de compréhension de la construction des territorialités” (SGARD, 2007, p. 106). As dinâmicas sociais materializadas pelo sujeito no seu cotidiano, figuram como agenciamentos coletivos do processo de lembrar e esquecer. As experiências sociais, sejam elas familiar ou não, fornecem pistas importantes para a construção da memória coletiva dos grupos (BOSI, 2003).

Cabe então questionar sobre as histórias e memórias que permanecem ou tentam ser obliteradas na dinâmica dos usos desses territórios. Dergan (2006) situa a memória social (ou coletiva) como importante ferramenta de disputas pelo território. Ele localiza esse debate sob o esteio da multiplicidade do espaço e as relações sociais a ele imanentes. Halbwachs (1968) explica que a memória coletiva é um dispositivo social multifacetado, situando a relação entre memória e espaço como inerente à ideia de pertencimento e constância de determinadas relações. Nesse sentido, a memória coletiva de grupos-sujeitos se constrói tanto pelas relações afetivas quanto pelas relações materiais com o espaço.

Foucault (2013) também aponta que não se vive em um quadro em branco, que os modos de subjetivação dos sujeitos se dão, dentre outros aspectos, por meio da condição micropolítica em que as relações são tecidas. A complexidade da relação entre memória coletiva, espaço e territorialidade na Amazônia é marcada pela exploração violenta e desigual dos bens naturais e por fluxos migratórios intensificados durante intervenções denominadas pela história e geografia de Grandes Projetos. Não apenas as paisagens dos lugares que são transformadas, mas o próprio espaço passa a ser redefinido. Com isso, as memórias em disputa não apenas sinalizam as tensões territoriais, mas incidem nas novas fronteiras intersubjetivas que passam a ser estabelecidas. A construção de memórias enquanto atividade coletiva não precisa se resumir à condição identitária. Com esse entendimento, é favorável pensar como diferentes sujeitos colidem e compartilham narrativas sobre o lugar, produzindo o espaço como lócus de sociabilidades distintas.

Parte dos dados levantados na literatura indicam a relação intrínseca entre memória coletiva e as relações que os sujeitos estabelecem com o espaço, configurando o território não como matéria inanimada, mas como trama singular de afetos e encontros dos corpos. Por sua vez, este quadro sinaliza como a tecitura da memória coletiva dos *grupos-sujeitos* (GUATTARI, 2004) se dá em espaços de disputas narrativas e construção de sentidos a partir da complexidade do espaço, isto é, o território subjetivo e modulador das subjetividades, ou ainda, dos processos de territorialização.

Na interface deste debate junto à Psicologia, os territórios existenciais que vão se configurando possibilitam inquirir as formas de sujeição dos corpos e os lugares que determinados sujeitos têm ocupado na Amazônia paraense, em tempos de exaltação de práticas econômicas que, constantemente, subalternizam determinados corpos. Deste ‘modo, são criadas vias de possibilidades para o exercício de práticas dialógicas e

transversais pautadas pelo do cuidado de si e dos outros (FOUCAULT, 2014), reivindicando também a construção coletiva de fazeres e saberes éticos, estéticos e políticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve o objetivo de apresentar parte de pesquisa em andamento, a qual se debruça sobre os artifícios de construção da memória coletiva na cidade de Altamira, considerando empreendimentos econômicos de forte impacto na região, sobretudo no que tange à migração de sujeitos para a Amazônia paraense. Estes se situam como importantes elementos nos embates que afirmam a memória coletiva, a qual, por sua vez, é construída no cotidiano, mediada pelo contexto material e imaterial dos grupos-sujeitos, tanto macro quanto micropoliticamente.

Esta breve revisão de literatura nos indica que existe um debate amplo sobre a relação entre memória coletiva, território e migração, contudo, poucas pesquisas têm sido produzidas no âmbito destas questões, quando se pauta a Amazônia Paraense ou a cidade de Altamira como centro de análise. Isso indica, em nossa observação, a necessidade da ampliação deste tipo de estudo, uma vez que muito se fala sobre a Amazônia, mas pouco se escuta o que os grupos-sujeitos que a constituem têm a dizer sobre eles mesmos.

Consideramos que esta é uma questão central para a cidade de Altamira, cidade emblemática no centro da Amazônia Paraense, pois a significativa expansão urbana deste território está relacionada com a abertura da rodovia Transamazônica durante o governo civil-militar e o projeto de “colonização” coordenado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e com a construção da usina hidrelétrica (UHE) de Belo Monte, décadas mais tarde. Essa expansão urbana veio acompanhada por um número significativo de trabalhadores de outros estados do Brasil, sobretudo do Nordeste e Sudeste.

Ocupar-se dos sujeitos, de suas histórias e memórias possibilita a visibilização de saberes e poderes cotidianos locais. Abre-se oportunidade também para o exercício da experiência daqueles que tecem narrativas a partir de suas lembranças e daqueles que as organizam em formatos institucionais. Esse exercício é o que permite aos sujeitos se ver diferentemente do que são. É o que leva à singularização.

Compreendemos como fundamental a parceria e a presença partícipe da Universidade como elemento de vizinhança na horizontalidade e transversalidade de diálogos e na produção do fazer científico ético, estético e político. Portanto, almejamos que esta pesquisa possa enriquecer o debate sobre memória coletiva, ao destacar os acontecimentos micropolíticos de constituição dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cândida Beatriz; DELMONDEZ, Polianne Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. *Rev. psicol. polít.*, v. 15, n. 34, p. 647-661, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v15n34/v15n34a12.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2022.

ALVES, Heliana Castro. Colonialidade do saber e conflitos de memórias no espaço público. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., p. 195-200, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29050. Acesso em: 19 mai. 2022.

AMORIM, Genoveva Santos. **Entre viajar e morar**: narrativas sobre a territorialidade Kulina. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

AROSTEGUY, Agustín. **Território e Experiências Culturais**: Apropriações do Lazer em dois “Pontos de Cultura” de Belo Horizonte/MG. 2018. Tese (Doutorado, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, 2018.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 11. Brasília, p. 89-117, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069/1827>. Acesso em: 19 mai. 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31. n. 1, p. 15-24, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>. Acesso em: 15 mai. 2022.

BITENCOURT, Paulo Ricardo. **Memórias dos Cacerolazos**: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

BORGES, Joyce de Almeida. **Saberes sociais e memórias de territórios camponeses em Goiás**. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social, Ateliê Editorial, São Paulo, 2003.

CASARIN Sidnéia Tessmer, PORTO Adrize Rutz, GABATZ Ruth Irmgard Bartsch, BONOW Clarice Alves, RIBEIRO Juliane Portella & MOTA Marina Soares. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do **Journal of Nursing and Health**. **J. nurs. Health**, 10(n. esp.), 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924>. Acesso em: 15 mai. 2022.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano 2**: Morar, Cozinhar. 12ª edição, Editora Vozes, Petrópolis – Rio de Janeiro, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo, Editora 34, 2010.

DUARTE, Mariana Falcão. **Figuras do dissenso**: a subjetivação política na construção de novas memórias para a cidade de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: uma trilha entre o rural e o urbano – trajetória de luta e resistência no assentamento de um povo.** 2018. Tese (Doutorado em Serviço Social) Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso.** 11ª edição. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** 7ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo, Edições n-1, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** 3ed. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 2ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Mally Teixeira. **Ocupar, resistir, construir e morar: manguezal berçário de memórias?** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional.** Aparecida/S. P: Idéias & Letras, 2004.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** 2ed. São Paulo, Editora 34, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Vértice, São Paulo, 1968.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Ed11, Rio de Janeiro, DP&A, 2011.

HOLANDA, Lúcia, Maria de Souza. **Lugares de memória: Jesuíno Brillhante e os testemunhos do Cangaço nos Sertões do Oeste Potiguar e fronteira paraibana.** 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial - Dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial.** 2. ed. Brasília-DF, 2003. (RPI).

JÖRG, Simone. **Clínica da Identidade: Da cosmovisão pataxó à luta por emancipação.** 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

LAGARES, Mirne-Glayde. **A festa de São João Batista [manuscrito]: da Genealogia dos Lugares às Redes Sociais e a (re)Conformação do Território.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

LIMA, Maria Dorotéia. **Ver-o-Peso, Patrimônio(s) e Práticas Sociais: Uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal**: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MEDEIROS, Thais Helena. **Redes de sociabilidade e comércio na floresta**: artesanias em palha de tucumã entrelaçam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MORENO, Daniele Cristine Gadelha. **Os quilombolas do Veiga e o São Gonçalo**: memória e identidade na festa e devoção a São Gonçalo no Sítio Veiga. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Editora Sulina, Porto Alegre, 2005.

NOTO, Carolina de Souza. **A ontologia do sujeito em Michel Foucault**. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo, 2009.

NUNES, Shauane Freire. **A pesca artesanal como mediação da relação homem natureza**: permanência e resistência dos pescadores nas comunidades pesqueiras do povoado Mosqueiro/Aracaju-SE. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

OLIVEIRA, Frederico Salomé. **“Aquele vida véia dali num é a vida daqui”**: As Influências da Igreja Católica e as Consequências da Modernidade e Urbanização na Religiosidade dos Antigos Moradores do Povoado Canela, em Palmas-TO. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista de “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2017.

PAGANINI, Vera Lúcia Alves Mendes. **Formação política e resistência**: Uma experiência contra-hegemônica na Prelazia de São Félix do Araguaia. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

RAMOS, Eliane Netrebka. **A dinâmica territorial do patrimônio da ferrovia no ramal do Paranapanema (PR)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Programa de Pós-graduação em Gestão do Território Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

REZENDE, Paulo Sérgio. **A constituição identitária de refugiados em São Paulo**: moradias na complexidade do ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Isabel Cristina França dos Santos. **Professoras aposentadas em território rural/ribeirinho**: identidades e práticas socioculturais. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.** v.20, n.2, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 14 mai. 2022.

SANCHES, Andrés.Garcia. **Territorialidades em disputa:** Cocomacia, “posconflicto” y resistencias en el Medio Atrato, Colombia. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SANTOS, Edson Luís. **Veredas da informação em culturas de tradição oral:** a esfera encantada das bibliotecas vivas. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha; SILVA, Carlos Alberto Franco (Orgs.). **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2011.

SANTOS, Marilécia Oliveira. **O viver na “Cidade do Bem”:** tensões, conflitos e acomodações na Vila Operária de Luiz Tarquínio na Boa Viagem/BA. 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SGARD, Anne. **Mémoires, lieux et territoires.** Géographie sociale, p. 105-117, 2007. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00325130>. Acesso em: 14 mai. 2022.

SHENATO, Vilson César. **Identidades, diferenças e tensões:** Um estudo sobre o campesinato em contextos sociais rurais do Sul e do Nordeste brasileiro. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

SILVA, Lais Jaqueline. **A casa que hoje sou:** um estudo sobre os elementos visuais e simbólicos presentes nas moradias das mulheres da ocupação Armênia. 2018. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Programa de Pós-graduação em História da Arte, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu; SOARES, Pedro Paulo de Miranda Araújo. As paisagens fantásticas numa cidade amazônica sob o olhar dos taxistas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 153-252, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300009>. Acesso em: 15 mai. 2022.

SIMONINI, Eduardo & ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Transversalidade e Esquizeoanálise. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 3, p. 915-929, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p915-929>. Acesso em: 16 mai. 2022.

SOUZA, César Augusto Martins de. **A Estrada Invisível:** memórias da Transamazônica. 2012. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SOUZA, Cristiane Santos. **Trajetórias de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana.** 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, Cleide de Lima. **Conflito e enfrentamento diante de mudanças ambientais decorrentes da construção de barragem: memória coletiva e pesca artesanal no lago UHE de Tucuruí/PA.** 2016. Tese (Doutorado em Ecologia Aquática) – Programa de Pós-graduação em Ecologia Aquática, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SZEKUT, Andressa. **Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná, Paraguai: memórias, representações e territorialização.** 2018. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

TAVANTI, Roberth Miniguine. **A rebelião das andorinhas: saraus como manifestação político-cultural na zona sul de São Paulo.** 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

THUM, Carmo. Povos e comunidades tradicionais: aspectos históricos, conceituais e estratégias de visibilidade. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 162-179, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.6899>. Acesso em: 30 abr. 2022.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria. **A infâmia de Quincas: (Re)Existências de corpos em tempos de biopolítica.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

XAVIER, Glauber Lopes. **Os assalariados rurais urbanizados: sobre o fenômeno urbano e os trabalhadores rurais na alta modernidade – Goianésia, Goiás.** 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

YADE, Juliana de Souza Mavoungou. **Vozes e territorialidades no pós-abolição: histórias de famílias e resistência identitária – o caso do Curucuruquara.** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

TERRITORY AND COLLECTIVE MEMORY IN THE AMAZON REGION OF THE STATE OF PARÁ: BRIEF CONSIDERATIONS

ABSTRACT: In this text we present part of the ongoing research on collective memory and migratory processes. Aiming to understand how the literature has dealt with the mechanisms of construction and obliteration of collective memory in the face of the circumstances of territorialization produced in singular spaces, especially in the paraense Amazon, we executed a bibliographic research of the narrative type. The understanding of the territory as a space endowed with certain material and immaterial characteristics allows us to question it as a fertile field of intelligibility in the formation of intersubjective and intrasubjective relationships. In addition, the study of collective memory helps to understand the continuities and discontinuities of the historical narratives of the subjects who inhabit the spaces. The problematization of existential territories in the subjection relationship that imposes on certain subjects the invisibility of their ways of life enables the construction of inventive agencies that promote visibility of local knowledge, a relevant aspect for interventions in the territory under the dialogic and transversal bias.

Key-words: Collective memories; Paraense Amazon; Territory.

TERRITORIO Y MEMORIA COLECTIVA EN LA AMAZÓNIA PARAENSE: BREVES CONSIDERACIONES

RESUMEN: En este texto presentamos parte de la investigación en curso sobre la memoria colectiva y los procesos migratorios. Con el objetivo de comprender cómo la literatura ha tratado los mecanismos de construcción y obliteración de la memoria colectiva dadas las circunstancias de territorialización producidas en espacios singulares, principalmente en la Amazonia paraense, realizamos una investigación de tipo narrativo. La comprensión del territorio como espacio dotado de determinadas características materiales e inmateriales, permite indagarlo como campo fértil de inteligibilidad en la formación de las relaciones subjetivas e intersubjetivas. Además, el estudio de la memoria colectiva ayuda en la comprensión de las continuidades y discontinuidades de las narrativas históricas de los sujetos que habitan los espacios. La problematización de los territorios existenciales en las relación de sujeción que impone a determinados sujetos la invisibilización de sus modos de vida posibilita la construcción de agencias inventivas que promuevan la visibilización de los saberes locales, aspecto pertinente para intervenciones en el territorio bajo la perspectiva dialógica y transversal.

Palabras clave: Memoria colectiva; Amazonia; Territorio. Subjetividad.

DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E O DESENVOLVIMENTO DE SABERES SOBRE O TRABALHO INFANTIL DOMÉSTICO

Patrícia Tassi¹
Adriana Richit²

RESUMO: O artigo, que é recorte de uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal da Fronteira Sul, apresenta uma pesquisa de Estado do Conhecimento que buscou identificar perspectivas e tendências acerca dos saberes experienciais docentes relacionados ao trabalho infantil doméstico, subjacentes às teses e dissertação produzidas em programas brasileiros de pós-graduação. A busca pelos trabalhos deu-se junto à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, a partir dos descritores *saberes experienciais docentes* e *trabalho infantil doméstico*, delimitando sua identificação aos títulos das teses e dissertações publicadas até o ano de 2019. Os documentos encontrados foram analisados, centrando-se na leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, sendo a seguir organizados de acordo com os aspectos evidenciados em relação a dois temas principais, nomeadamente, saberes docentes e trabalho infantil doméstico.

Palavras-chave: Saberes docentes; Docência nos Anos Iniciais; Trabalho infantil doméstico.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho infantil doméstico é caracterizado como uma condição de exploração que traz severos prejuízos à saúde e ao desenvolvimento integral das crianças e adolescentes afetados por esta forma ilegal de labor. Com efeito, em que pese a prática supra constitua conduta vedada pelo ordenamento jurídico nacional, sua fiscalização encontra obstáculos importantes, haja vista que sua incidência se dá em ambiente que

-
- 1 Mestre pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH, da Universidade Federal da Fronteira Sul (2021). Bacharel em Direito pela Universidade de Passo Fundo (2016). Especialização em Direito Processual Civil (2019) pela Universidade Meridional. *E-mail:* paty_tassi@hotmail.com.
 - 2 Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista – UNESP (2010). Pós-doutorado na Universidade de Lisboa (2016-2017) e na Universidade de Barcelona (2022-2023). Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Erechim, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. *E-mail:* adriana.richit@uffs.edu.br.

goza de proteção constitucional – direito à inviolabilidade domiciliar, previsto junto ao art. 5º, XI, da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988).

Neste sentido, visando identificar alternativas viáveis à realização de uma fiscalização mais efetiva, especialmente mediante a identificação dessa prática abusiva, buscou-se identificar perspectivas e tendências acerca dos saberes experienciais docentes e o trabalho infantil doméstico, subjacentes às teses e dissertação produzidas em programas de pós-graduação brasileiros. A análise incidiu sobre um conjunto de publicações disponibilizadas pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), vinculada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT).

2 ESTADO DO CONHECIMENTO: SABERES EXPERIENCIAIS DOCENTES E O TRABALHO INFANTIL DOMÉSTICO

Buscando identificar perspectivas e tendências acerca dos saberes experienciais docentes e o trabalho infantil doméstico, realizamos um mapeamento das teses e dissertações desenvolvidas em programas de pós-graduação brasileiros, defendidas até o ano de 2019.³ A temática do trabalho infantil é emergente no âmbito das pesquisas em distintas áreas do conhecimento devido, sobretudo, ao impacto dessas práticas de exploração infantil no desenvolvimento das crianças e na perpetuação das desigualdades sociais em nosso país. Entretanto, essa temática tem se restringido, majoritariamente, ao campo do Direito, identificando-se poucos trabalhos no campo da Educação (ou no âmbito das Ciências Sociais) e um número muito reduzido de pesquisas com foco na formação de professores, que está circunscrita nesse estudo.

Esta modalidade de análise, baseada no levantamento de documentos publicados sobre determinado objeto de investigação, é denominada *Estado do Conhecimento* e constitui-se a partir da “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.” (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155). Nesse trabalho, nos centramos especificamente na análise de teses e dissertações como uma forma de delinear o movimento de pesquisas em torno desse tema no âmbito da pós-graduação.

A plataforma escolhida para a realização do mapeamento de trabalhos circunscritos na temática dos saberes docentes e o trabalho infantil doméstico foi a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD),⁴ que, até o momento em que realizamos

3 Não utilizamos marco temporal inicial nesta delimitação em virtude do baixo número de publicações encontradas.

4 A plataforma BDTD, encontrada por meio do site <https://bdttd.ibict.br/vufind/>, foi lançada no final do ano de 2002 e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) com o objetivo de integrar e disseminar, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações desenvolvidas em instituições brasileiras de ensino e pesquisa, estimulando suas publicações e facilitando seu acesso.

a busca,⁵ contava com 123 (cento e vinte e três) instituições cadastradas e 654.609 (seiscentos e cinquenta e quatro mil, seiscentos e nove) documentos disponibilizados, dentre os quais 176.749 (cento e setenta e seis mil, setecentas e quarenta e nove) teses e 477.861 (quatrocentas e setenta e sete mil, oitocentas e sessenta e uma) dissertações.

A BDTD disponibiliza aos usuários um sistema de busca avançada que possibilita a delimitação de título, autor, assunto, idioma, tipo de documento e período de publicação da pesquisa, ferramentas que facilitam a localização de trabalhos relacionados aos temas pretendidos. A busca deu-se a partir da utilização de dois descritores, quais sejam, *saberes experienciais docentes* e *trabalho infantil doméstico*, delimitando sua menção nos títulos das teses e dissertações publicadas até o ano de 2019. Mediante esse processo de redução do corpus de documentos, foram identificados 23 trabalhos, conforme quadro a seguir.

Quadro1 – Bibliografia analisada

DISSERTAÇÕES

1. AMARAL, C. F. **O Estudo do Lugar no Ensino de Geografia:** experiência com saberes e práticas docentes. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.
2. BONFIM, W. S. **O papel das fontes na construção da notícia:** o agendamento do tema trabalho infantil doméstico no jornalismo impresso brasileiro, no ano de 2003. 2005. 176f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
3. CAIXETA, S. S. **Unidocência:** uma análise do trabalho pedagógico de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2017.
4. CAL, D. G. R. **Entre o Privado e o Público:** contextos comunicativos, deliberação e trabalho infantil doméstico. 2007. 152f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
5. CASTRO, F. M. F. M. **A Interação Professor-Aluno e os Saberes da Experiência:** implicações e perspectivas para a formação contínua docente. 2013. 304f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
6. MOTA, E. A. D. **Saberes e Conhecimentos Docentes:** experiências da formação e experiências da profissão. 2005. 276f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
7. PEREIRA, R. A. O. **A Experiência Formativa – PEC Formação Universitária Municípios – e a Articulação dos Saberes Docentes.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
8. RABELO, F. S. **Educação Não Escolar e Saberes Docentes na Formação do Pedagogo:** análise de uma experiência no espaço hospitalar. 2014. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

5 O levantamento destas publicações ocorreu no mês de janeiro de 2020. Podem existir variações nas informações aqui apresentadas se a pesquisa for realizada em outro período.

9. SANTOS, N. A. **Trajetórias de Formação e a Construção dos Saberes Docentes:** investigando tempos e espaços formadores a partir da experiência de formação inicial. 2010. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.
10. SEIXAS, P. N. **A Invisibilidade do Trabalho Infantil Doméstico em João Pessoa – Paraíba:** análise a partir de uma perspectiva de gênero. 2014. 273f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
11. SILVA, C. C. S. **Domestic Child Labor:** profile and experience of working girls in São Luis. 2009. 143f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.
12. SOMALO, C. I. **Tarefas para Dormir a Sesta:** trabalho infantil doméstico na periferia de Montevidéu. 2017. 186f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
13. SOUSA, J.S. *Temática Indígena na Escola:* saberes experienciais de docentes em história na rede pública municipal de Fortaleza – CE. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
14. VIANA, A. F. **O Trabalho Infantil Doméstico nos Lares de Terceiros em Condições de Exploração Excluídos dos Direitos Básicos de Cidadania.** 2012. 172f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2012.
15. VIEIRA, H. Ê. S. **A Construção dos Saberes Docentes:** um olhar sobre as experiências de professores da disciplina de História acerca da temática de diversidade sexual. 2014. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

TESES

1. CAL, D. G. R. **Configuração Política e Relações de Poder no Trabalho Infantil Doméstico:** tensões nos discursos dos *media* e de trabalhadoras. 2014. 298f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
2. CASTRO, F. M. F. M. **A Práxis Pedagógica e a Aprendizagem Contínua da Docência:** os saberes da comunicação e os saberes da experiência em interação na constituição docente. 2018. 365f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.
3. CUSTÓDIO, A. V. **A Exploração do Trabalho Infantil Doméstico no Brasil Contemporâneo:** limites e perspectivas para sua erradicação. 2006. 282f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
4. FRANCESCON, P. K. **Desenvolvimento de Saberes e Capacidades Docentes na Formação Inicial de Professores de Língua Inglesa:** experiência de uma sequência de formação. 2019. 334f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.
5. FRANCO, M. A. M. **A Formação Artística de Professores de Artes Visuais:** percursos, experiências e implicações na consolidação do saber-fazer docente. 2017. 205f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
6. LIBERATO, A. C. T. **O saber empreendedor docente:** a experiência do projeto despertar - parceria SEBRAE-RN/SEEC-RN. 2016. 227f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

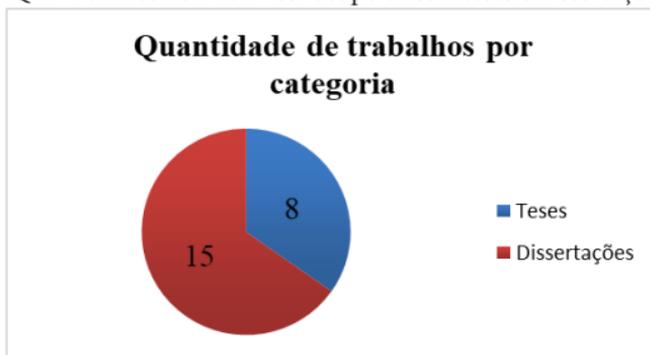
7. LIMA, M. M. A. **As Tessituras da História Ensinada nos Anos Iniciais:** pelos fios da experiência e dos saberes docentes (Garanhuns – Pernambuco). 2013. 293f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

8. LIRA, T. S. V. **O Sentido do Trabalho Infantil Doméstico:** particularidades e contradições na esfera da reprodução social nas economias periféricas dependentes. 2016. 244f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023

Na primeira etapa do processo de análise horizontal e categorização das pesquisas, considerando-se a natureza dos trabalhos recuperados a partir da busca no referido repositório, verificamos que esse total de 23 (vinte e três) trabalhos se constitui de quinze dissertações e oito teses.

Gráfico 1 – Quantitativos de trabalhos recuperados – teses e dissertações



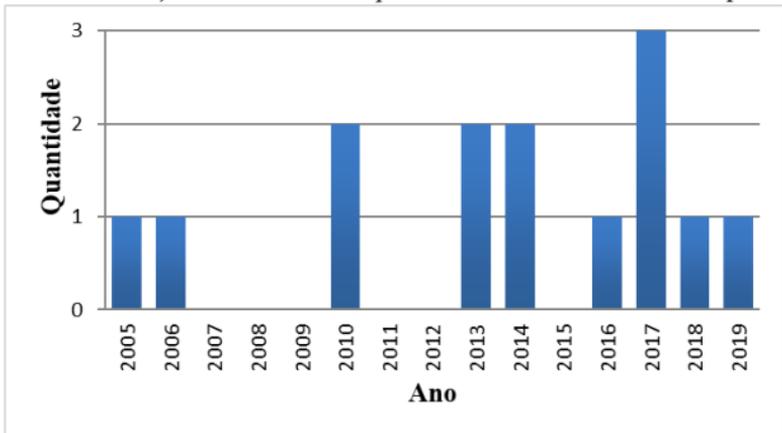
Fonte: elaborado pelas autoras, 2023

A comparação entre os quantitativos de pesquisas relacionadas aos dois descritores de busca (saberes docentes e trabalho infantil doméstico) evidencia que há poucos trabalhos em nível de doutorado relacionados a esses temas, aspecto que corrobora a relevância de estudos sobre a temática dos saberes docentes e o trabalho infantil doméstico.

A análise desse *corpus* de 23 pesquisas, separadas por descritores de busca, evidenciou algumas perspectivas. No que diz respeito aos trabalhos relacionados ao descritor *saberes experienciais docentes*,⁶ que totalizam 14 (quatorze) documentos, sendo que 08 (oito) deles são dissertações e 06 (seis) são teses. No interregno temporal compreendido entre os anos de 2005 e 2019, observam-se pequenas lacunas entre os anos de 2006 e 2010, observando-se uma elevação da quantidade de produções a partir do ano de 2013.

6 Esta busca foi realizada em janeiro de 2020.

Gráfico 2 – Publicações sobre *saberes experienciais docentes* distribuídas por ano

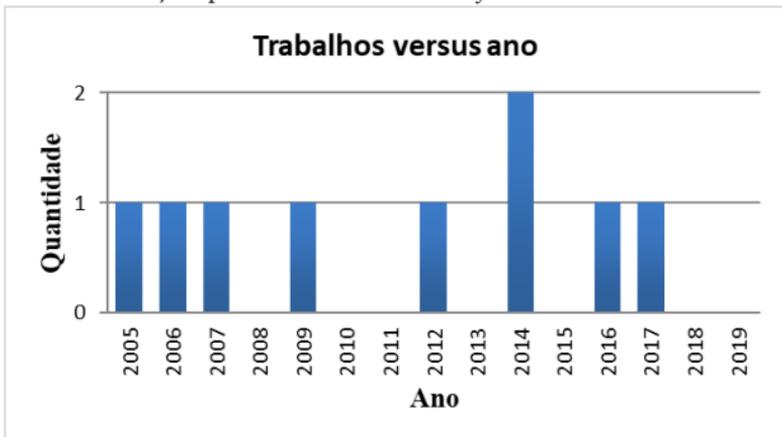


Fonte: elaborado pelas autoras, 2023

É possível observar, ademais, que dentre estas pesquisas, 09 (nove) delas foram desenvolvidas na Educação Básica, outras 03 (três) na Educação Superior, sendo as demais atinentes às questões de educação de forma geral.

Na busca orientada pelo descritor *trabalho infantil doméstico*,⁷ foram localizados 09 (nove) documentos, sendo 06 (seis) dissertações e 03 (três) teses, com maior incidência de publicações entre os anos de 2012 e 2017, conforme gráfico:

Gráfico 3 – Publicações por ano sobre *trabalho infantil doméstico*



Fonte: elaborado pelas autoras, 2023

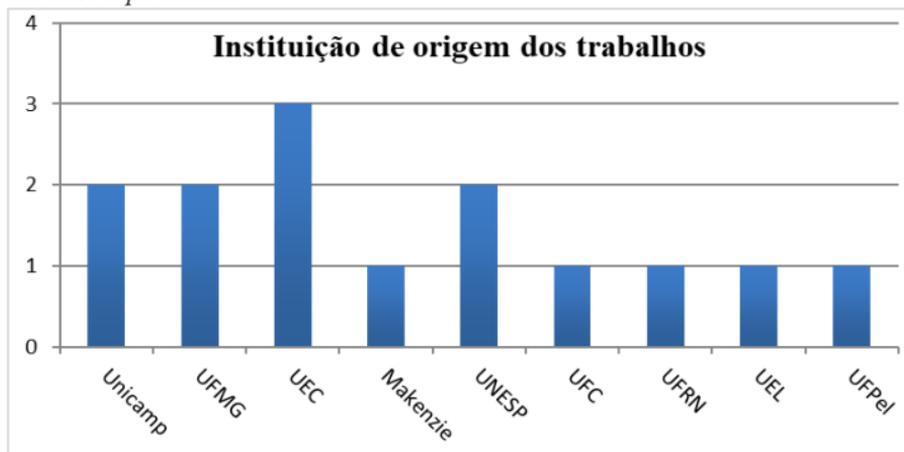
7 Busca foi realizada em janeiro de 2020.

Destas pesquisas, observa-se que nenhuma se dedica diretamente a questões do campo da Educação, sendo discutidos outros aspectos relacionados à problemática do trabalho infantil. Percebe-se também a baixa produção sobre o trabalho infantil doméstico, fato que evidencia a necessidade de pesquisas acerca da temática.

Relativamente à origem dos trabalhos, destacamos que dos 23 (vinte e três) documentos mapeados em nossa busca, apenas dois são originários de universidades vinculadas à rede privada de ensino, enquanto os outros 21 (vinte e um) foram desenvolvidos/defendidos em universidades públicas, sendo 13 (treze) federais e 08 (oito) estaduais.

Quando separadas por temática, as disparidades entre o ensino público e privado são mais evidentes, pois dos quatorze trabalhos relativos aos saberes docentes experienciais, apenas um originou-se em instituição privada.

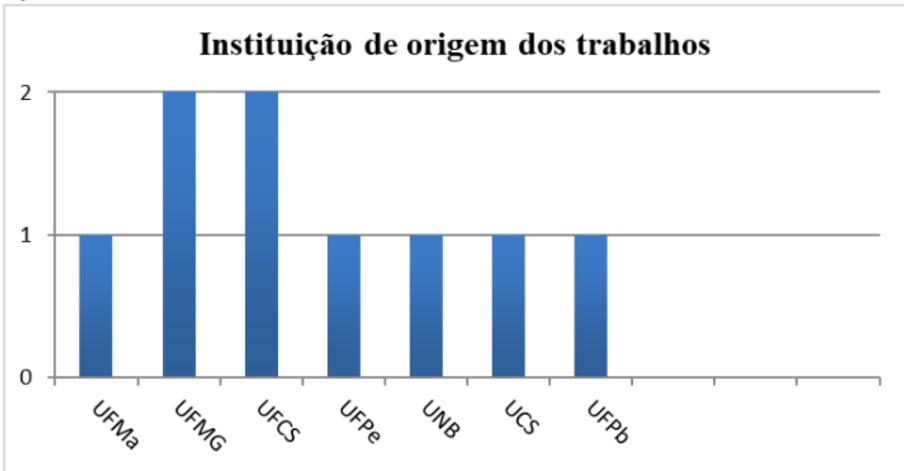
Gráfico 4 – Universidades das quais se originam as pesquisas referentes aos *saberes docentes experienciais*



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023

Quanto aos trabalhos voltados ao *trabalho infantil doméstico*, observamos que das 09 (nove) pesquisas, apenas uma foi defendida em instituição privada. As demais foram elaboradas em instituições públicas.

Gráfico 5 – Universidades⁸ das quais se originam as pesquisas sobre o *trabalho infantil doméstico*



Fonte: elaborado pelas autoras, 2023

Além dos aspectos já destacados, observamos a incidência de pesquisas sobre essa temática por regiões. Com efeito, no que diz respeito aos trabalhos referentes aos saberes docentes experienciais, verificou-se que a maioria das produções se dá na região Sudeste do Brasil (50%), seguida pela região Nordeste (35,71%) e Sul (14,28%). Não identificamos trabalhos originários de instituições das regiões Norte e Centro-Oeste do país.

Quanto aos documentos dedicados ao trabalho infantil doméstico, temos que a maior produção dá-se na região Nordeste do Brasil (44,44%), seguida pelas regiões Sudeste e Sul (ambas com 22,22%) e Centro-Oeste (11,11%). Não foram localizados trabalhos originários de instituições da região Norte do país.

Essa incidência de trabalhos sobre as duas temáticas pode estar relacionada à densidade demográfica dessas regiões (Sudeste e Nordeste), que são as maiores do Brasil, assim como devido às condições de desenvolvimento econômico e social de ambas as regiões.

Além disso, analisamos o nível de ensino no qual as pesquisas relativas aos saberes docentes experienciais foram desenvolvidas. Dentre as 14 (quatorze) pesquisas destacadas, 09 (nove) são oriundas da Educação Básica, enquanto 03 (três) tomaram como foco estudos no Ensino Superior e 02 (duas) debruçaram-se sobre o tema de forma geral no macrocampo da Educação. As pesquisas referentes à Educação Básica subdividem-se nas modalidades Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental (uma) e no Ensino Fundamental como um todo, do primeiro ao nono ano.

8 UCS – Universidade Católica da Salvador.

Além dos aspectos descritos nesse trabalho, buscamos observar as especificidades de cada uma das pesquisas identificadas em nossa busca. Para tanto, realizamos a leitura dos resumos, analisando os objetivos centrais, metodologia de investigação, resultados alcançados e demais informações relevantes à compreensão das análises perpetradas em relação aos saberes docentes experienciais e ao trabalho infantil doméstico.

Desse corpus de 23 pesquisas, identificamos duas que se dedicaram a analisar os saberes docentes experienciais de forma mais ampla, são eles: Rabelo (2014) e Liberato (2016). Esses dois trabalhos trouxeram ao leitor análises a partir de ações formativas específicas. O estudo de Rabelo, por exemplo, examina os saberes docentes constituídos por meio da experiência desenvolvida pelo projeto de extensão “Estudar, uma ação saudável: construindo uma pedagogia hospitalar no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão” (RABELO, 2014). Liberato, por sua vez, propõe a análise do “saber empreendedor docente” face à experiência desenvolvida pelo “Projeto Despertar”, verificando as possíveis contribuições do empreendedorismo para o desenvolvimento profissional docente e para a educação escolar (LIBERATO, 2016).

Com relação às pesquisas com ênfase no Ensino Superior (SILVA, 2010; FRANCESCÓN, 2019; SANTOS, 2010), constatamos que todas dedicam-se à análise da formação inicial de professores. Silva (2010) delimita suas reflexões na trajetória de ingresso de alunos-professores no curso de licenciatura em Matemática, processo de formação docente e apropriação de saberes e experiência da formação profissional em serviço. Francescon (2019), por sua vez, estuda o desenvolvimento de saberes e capacidades docentes na formação inicial de docentes de Língua Inglesa. E Santos (2010) desenvolve reflexões e problematizações referentes às trajetórias de formação e à construção de saberes docentes.

Relativamente às pesquisas realizadas na Educação Básica, verificamos que quatro delas (SOUSA, 2017; AMARAL, 2017; VIEIRA, 2014; FRANCO, 2017) dedicam-se a analisar questões relacionadas à docência em áreas específicas, tais como o ensino de História, Geografia e Artes Visuais. Nessa direção, Sousa (2017) buscou compreender como ocorre a construção dos saberes mobilizados nas práticas de professores de História no tocante à temática da população indígena brasileira, focando o município de Fortaleza. Vieira (2014) também se debruçou sobre a prática docente em História, entretanto o foco incidiu nos saberes movimentados pelo professor diante de demandas atinentes à diversidade sexual.

A pesquisa desenvolvida por Amaral (2017), por sua vez, objetivou investigar as práticas de ensino-aprendizagem em Geografia, especificamente o ensino do conceito de lugar, visando ampliar as possibilidades de práticas que possibilitem uma compreensão mais efetiva da temática. A investigação de Franco (2017), por seu lado, examinou a formação artística-cultural de professores que atuam no ensino de Artes Visuais do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental do Cariri cearense, bem como a relação existente entre o saber e o fazer docente.

Dos demais trabalhos relacionados à Educação Básica, observamos que dois deles (CASTRO, 2013; LIMA, 2013) tratam de investigações realizadas nos anos iniciais de escolaridade. Com efeito, Castro (2013) analisa quais saberes experienciais existentes na interação aluno-professor possibilitam a formação contínua docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental de Itapipoca. Lima (2013), por outro lado, examina aspectos intrínsecos aos saberes mobilizados no ensino de História, propondo reflexões sobre o modo como as experiências formativas manifestam-se na produção de saberes, bem como em que medida as professoras dos anos iniciais se reconhecem como produtoras dos saberes históricos que ensinam.

Os últimos três documentos relacionados aos saberes docentes experienciais (MOTA, 2005; PEREIRA, 2006; CASTRO, 2018) buscam compreender diferentes articulações existentes com relação aos saberes docentes movimentados na Educação Básica. Mota (2005) estuda como os saberes e conhecimentos apropriados durante a formação inicial docente articulam-se com os construídos ao longo da experiência profissional. Para tanto, a pesquisadora apoia-se em um estudo de caso desenvolvido junto a professores da educação infantil, séries iniciais e graduandos do curso de pedagogia (MOTA, 2005).

Pereira (2006) analisa a articulação de saberes de professores do Ensino Fundamental que participaram da experiência formativa PEC Formação Universitária Municípios na rede de ensino do município de São Paulo. Castro (2018) examinou quais aprendizagens profissionais sobre a docência são expressas no repertório de saberes da experiência na comunicação dialógica, constituída em contexto de interação com os discentes na gestão e na transformação pedagógica dos conteúdos de ensino.

No que diz respeito aos trabalhos dedicados ao trabalho infantil doméstico, observamos que os enfoques podem ser divididos em três grandes grupos, quais sejam: análises a partir de delimitações territoriais, políticas públicas e contextos comunicativos.

As pesquisas que trouxeram em seu título a delimitação territorial do debate proposto (SILVA, 2009; SOMALO, 2017; CUSTÓDIO, 2006; SEIXAS, 2014) convidaram o leitor a refletir sobre questões regionais e/ou nacionais ligadas a exploração do trabalho infantil doméstico. Deveras, dos quatro trabalhos destacados, apenas Custódio (2006) apresenta delimitação nacional (“Brasil contemporâneo”) e opta por investigar os aspectos da história social da infância no Brasil, o contexto do trabalho infantil doméstico, os limites à proteção da criança e do adolescente, o sistema de garantias de direitos e as perspectivas de combate e erradicação do trabalho infantil doméstico (CUSTÓDIO, 2006).

As demais pesquisas analisadas propuseram-se a analisar aspectos regionais ligados à problemática do trabalho infantil. Silva (2009), por exemplo, debruçou-se sobre as vivências de meninas trabalhadoras em São Luiz, Maranhão, levantando, por meio de questionário aplicado em escolas públicas do referido município, o perfil destas crianças. Somalo (2017), por outro lado, direcionou seu estudo à periferia de Montevidéu, localidade na qual realizou entrevistas para a coleta de dados junto a trabalhadores escolares, famílias e crianças da 6ª fase de três escolas. Seixas (2014), por sua vez, desenvolveu uma análise abordando a invisibilidade do trabalho infantil

doméstico em João Pessoa (PB), utilizando estatísticas obtidas por meio de institutos oficiais e a coleta de dados no Judiciário competente e no Ministério Público de circunscrição local.

As investigações que se dedicaram a analisar a relação das políticas públicas com o trabalho infantil doméstico (CAL, 2014; LIRA, 2016; VIANA, 2012) apresentaram resultados que se complementam. Com efeito, Cal (2014) buscou compreender as relações de poder que atravessam o trabalho infantil doméstico e analisar como elas atuam na configuração política desta questão. Lira (2016) abordou os elementos econômicos, jurídicos e socioculturais que envolvem a problemática e o sentido que este ganha no atual contexto de crise estrutural do capital e dos processos contemporâneos de superexploração da força de trabalho (LIRA, 2016). Viana (2012) examinou desde a ótica do trabalho infantil doméstico, as políticas sociais e a oferta institucional que podem constituir-se em estratégia de combate ao trabalho infantil e à proteção do trabalho adolescente nesta atividade.

Os trabalhos que se dedicaram à observação dos contextos comunicativos (CAL, 2007; BONFIM, 2005) buscaram evidenciar de que forma a mídia pode influenciar no combate ao trabalho infantil doméstico. Nesta perspectiva, Cal (2017) analisou três contextos comunicativos, quais sejam: campanha publicitária do Petid, cobertura da mídia impressa paraense durante os anos de 2000 a 2004 e discursos de patroas de meninas trabalhadoras domésticas. E Bonfim (2005) desenvolveu uma reflexão acerca do papel das fontes na construção da notícia, destacando o agendamento do tema trabalho infantil doméstico no jornalismo impresso brasileiro no ano de 2003.

CONCLUSÃO

A partir dessa pesquisa de Estado do Conhecimento percebemos que os estudos relativos aos saberes docentes experienciais (BORGES; RICHIT, 2020) dão-se em diferentes etapas de ensino, mas sempre se relacionam a conceitos e preocupações existentes no âmbito da Educação. Além disso, observamos que são escassas as pesquisas centradas na temática dos saberes docentes e o trabalho infantil doméstico, e que inexistem pesquisas desenvolvidas em uma perspectiva interdisciplinar que dialoguem com outras áreas ou com a temática do trabalho infantil doméstico, haja vista que é necessário examinar essa temática pela perspectiva de diferentes áreas (Direito, Educação, Ciências Sociais, Estatística...).

Ademais, quando sistematizamos os documentos referentes ao trabalho infantil doméstico, foi possível evidenciar que a busca de dados muitas vezes se dá por meio de instrumentos aplicados em âmbito escolar, mas não há nas investigações indícios claros de realização de trabalho interdisciplinar com os professores para o combate do trabalho infantil doméstico. Ou seja, não há pesquisas que apontam os saberes docentes necessários para o combate ao trabalho infantil e de que forma esses saberes podem ser desenvolvidos.

Nesse sentido, apesar das perspectivas encontradas nas sistematizações desenvolvidas sobre a temática dos saberes docentes e o trabalho infantil doméstico, percebemos a necessidade premente de estudos que dialoguem com práticas educacionais e legais, a fim de possibilitar intervenções interdisciplinares de combate a essa prática ilegal. Enfatizamos, assim, a urgência em colocarmos no centro dos debates sobre formação e desenvolvimento profissional de professores (ALMEIDA e RICHIT, 2021; RICHIT, 2021), a temática dos saberes docentes e o trabalho infantil doméstico, como uma forma de contribuir para a conscientização da sociedade sobre os graves prejuízos dessa prática de exploração e para o combate a mesma.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. X.; RICHIT, A. Conhecimento e desenvolvimento profissional de formadores de futuros professores. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 1720-1742, set./dez., 2021.

AMARAL, C. F. **O Estudo do Lugar no Ensino de Geografia**: experiência com saberes e práticas docentes. 2017. 127f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

BONFIM, W. S. **O papel das fontes na construção da notícia**: o agendamento do tema trabalho infantil doméstico no jornalismo impresso brasileiro, no ano de 2003. 2005. 176f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

BORGES, A.S.; RICHIT, A. Desenvolvimento de saberes docentes para o ensino de música nos anos iniciais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, n. 176, p. 555-574, abr./jun., 2020.

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**, 1943. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del5452.htm. Acesso em: 05 fev. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 fev. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 05 fev. 2021.

CAIXETA, S. S. **Unidocência**: uma análise do trabalho pedagógico de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2017.

CAL, D. G. R. **Configuração Política e Relações de Poder no Trabalho Infantil Doméstico**: tensões nos discursos dos *media* e de trabalhadoras. 2014. 298f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CAL, D. G. R. **Entre o Privado e o Público**: contextos comunicativos, deliberação e trabalho infantil doméstico. 2007. 152f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

Docência nos anos iniciais do ensino fundamental e o desenvolvimento de saberes sobre o trabalho infantil doméstico

CASTRO, F. M. F. M. **A Interação Professor-Aluno e os Saberes da Experiência:** implicações e perspectivas para a formação contínua docente. 2013. 304f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CASTRO, F. M. F. M. **A Práxis Pedagógica e a Aprendizagem Contínua da Docência:** os saberes da comunicação e os saberes da experiência em interação na constituição docente. 2018. 365f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

CUSTÓDIO, A. V. **A Exploração do Trabalho Infantil Doméstico no Brasil Contemporâneo:** limites e perspectivas para sua erradicação. 2006. 282f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CUSTÓDIO, A. V.; VERONESE, J. R. P. A Proteção contra a Exploração do Trabalho Infantil. *In:* VERONESE, J. R. P. et al.. **Direito da Criança e do Adolescente:** Novo Curso – novos temas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

FRANCESCON, P. K. **Desenvolvimento de Saberes e Capacidades Docentes na Formação Inicial de Professores de Língua Inglesa:** experiência de uma sequência de formação. 2019. 334f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

FRANCO, M. A. M. **A Formação Artística de Professores de Artes Visuais:** percursos, experiências e implicações na consolidação do saber-fazer docente. 2017. 205f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIBERATO, A. C. T. **O saber empreendedor docente:** a experiência do projeto despertar - parceria SEBRAE-RN/SEEC-RN. 2016. 227f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

LIMA, M. M. A. **As Tessituras da História Ensinada nos Anos Iniciais:** pelos fios da experiência e dos saberes docentes (Garanhuns - Pernambuco). 2013. 293f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

LIRA, T. S. V. **O Sentido do Trabalho Infantil Doméstico:** particularidades e contradições na esfera da reprodução social nas economias periféricas dependentes. 2016. 244f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. F. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito.** Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

MOTA, E. A. D. **Saberes e Conhecimentos Docentes:** experiências da formação e experiências da profissão. 2005. 276f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PEREIRA, R. A. O. **A Experiência Formativa – PEC Formação Universitária Municípios – e a Articulação dos Saberes Docentes.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

RICHT, Adriana. Horizontes Antevistos e Incoerências Reveladas nas Políticas Públicas para a Formação Continuada de Professores. *Acta Scientiae*, v.13, n.02, p.71-96, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/view/14>. Acesso em: 13 out. 2021.

RABELO, F. S. **Educação Não Escolar e Saberes Docentes na Formação do Pedagogo**: análise de uma experiência no espaço hospitalar. 2014. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

SANTOS, N. A. **Trajetórias de Formação e a Construção dos Saberes Docentes**: investigando tempos e espaços formadores a partir da experiência de formação inicial. 2010. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

SEIXAS, P. N. **A Invisibilidade do Trabalho Infantil Doméstico em João Pessoa – Paraíba**: análise a partir de uma perspectiva de gênero. 2014. 273f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SILVA, C. C. S. **Domestic Child Labor**: profile and experience of working girls in São Luis. 2009. 143f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.

SILVA, D. S. **A Constituição Docente em Matemática à Distância**: entre saberes, experiências e narrativas. 2010. 278f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOMALO, C. I. **Tarefas para Dormir a Sesta**: trabalho infantil doméstico na periferia de Montevideú. 2017. 186f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SOUSA, J. S. **Temática Indígena na Escola**: saberes experienciais de docentes em história na rede pública municipal de Fortaleza – CE. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

VIANA, A. F. **O Trabalho Infantil Doméstico nos Lares de Terceiros em Condições de Exploração Excluídos dos Direitos Básicos de Cidadania**. 2012. 172f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2012.

VIEIRA, H. É. S. **A Construção dos Saberes Docentes**: um olhar sobre as experiências de professores da disciplina de História acerca da temática de diversidade sexual. 2014. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

TEACHING IN THE ELEMENTARY SCHOOL AND THE DEVELOPMENT OF TEACHING KNOWLEDGE ON DOMESTIC CHILD LABOUR

ABSTRACT: The article, which is part of a master's thesis developed in the Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, at the Federal University of Fronteira Sul, presents a State of Knowledge research that sought to identify perspectives and trends regarding teaching experiential knowledge related to the domestic child labour, underlying theses and dissertations produced in Brazilian graduate programs. The search for works took place at the Bibliotheca Digital de Teses e Dissertações (Digital Library of Theses and Dissertations) based on the descriptors teaching experiential knowledge and domestic child labor, delimiting their identification to the titles of theses and dissertations published up to the year 2019. The documents found were analyzed, focusing on reading the titles, abstracts and keywords, and then organized according to the aspects highlighted in relation to two main themes, namely, teaching knowledge and domestic child labour.

Keywords: Teaching knowledge. Teaching in elementary school. Domestic child labor.

REFLEXIONES Y RECEPCIONES DE *LOS HERALDOS NEGROS*

Diana Rodríguez Vértiz¹

RESEÑA DEL LIBRO: Vallejo, César. *Los heraldos negros (poemas)*, estudio y edición crítica de Antonio Cajero Vázquez, San Luis Potosí, El Colegio de San Luis, 2020.

¿Cómo se escribieron estos poemas?, ¿cuáles fueron las formas y los soportes de sus primeras apariciones?, ¿qué ecos resonaban en la mente del autor mientras los componía? ¿cuáles de esos ecos respondían a voces contemporáneas y cuáles a versos del pasado?, ¿hasta qué punto la escritura podría considerarse un asunto colectivo? Estas son algunas preguntas que no solemos hacernos al leer un libro de poesía. Cuando imaginamos las travesías de un poema antes de plasmarse en su versión “final” solemos figurarnos bocetos tachados, notas al margen de los textos y bolas de papel arrojadas al cesto de basura.

El acto de escribir poesía suele concebirse también como un proceso solitario.

El año 2020, El Colegio de San Luis publicó una nueva edición crítica de *Los heraldos negros*, de César Vallejo. El centenario de este poemario fue un buen motivo para retomar la obra, hacerle nuevas preguntas y proponer una arqueología de su creación. El editor, Antonio Cajero, tuvo el gran acierto de enfocarse en el proceso de recepción de las primeras versiones de algunos poemas que formaron el primer libro de Vallejo. En la introducción, el estudioso nos advierte que “una edición crítica basada en las fuentes *vivas* y de primera mano deviene una necesidad, ya que Vallejo publicó múltiples poemas en revistas y diarios de la época antes de incluirlos en el poemario de 1918 [1919], con variantes la mayoría de las veces” (XVII).

La edición crítica organizada por Cajero toma en cuenta el itinerario que tuvieron varios de los textos líricos que componen *Los heraldos negros* y presenta su proceso de edición como un espejo de recepciones. Uno de los aportes más significativos de la segunda parte de la Introducción (“Luces y sombras de *Los heraldos negros*: de la prensa periódica a la imprenta”) es el rastreo de las primeras versiones de varios poemas en periódicos peruanos de la época. De esta manera las lectoras y los lectores podemos apreciar el recorrido que los textos hicieron: su primera aparición, la reacción (muchas veces demoledora) que provocaron en la prensa y su reescritura y reaparición en otros medios y formatos. La reconfiguración de los poemas de Vallejo

¹ Doctora en Estudios Latinoamericanos por la Universidad Nacional Autónoma de México. Actualmente es estudiante de una segunda maestría en Estudios Hispánicos en la Universidad de Washington, Seattle. E-mail: dianarv@uw.edu.

fue un proceso de múltiples contestaciones a la recepción que suscitó la escritura quebrantadora del santiaguino.

Es interesante contrastar las primeras lecturas de los poemas de Vallejo con la celebración y el interés que *Los heraldos negros* suscita en la crítica contemporánea. Antonio Cajero ofrece un recorrido por la labor previa de estudio y edición de la obra prima del poeta de Santiago de Chuco. Sobre esta recepción contemporánea, el editor se muestra en deuda con el trabajo de especialistas como Juan Larrea, Enrique Ballón Aguirre, Américo Ferrari, Ricardo González Vigil, Ricardo Silva-Santisteban y Marta Ortiz Canseco, entre otros. Cajero reconoce asimismo el aliento y la ayuda que le brindaron Carlos Fernández y Valentino Gianuzzi para la edición crítica del “camaleónico poemario” de Vallejo. Todo esto se ubica en la primera parte del prólogo (“*Los heraldos negros* en sus ediciones”).

Una vez presentados los estudios que se han hecho sobre *Los heraldos negros*, entendemos el aporte que significa tener acceso a una edición que incorpora las fuentes periodísticas en las cuales los poemas de dicho libro dieron sus primeros pasos.

La observación de las mudanzas que sufrieron los textos de Vallejo también nos permite ahondar en el campo cultural peruano y latinoamericano, así como en los intercambios y debates trasatlánticos de inicios del siglo XX, tales como el impacto de las vanguardias en América Latina, las mutaciones en el código literario (metros, ritmos, temas y juegos con la puntuación) y los espacios de difusión, debate y lectura. Sobre el último punto, vale la pena reflexionar en torno a la prensa como el principal soporte de los intercambios intelectuales de la época. Cajero nos brinda un certero ejemplo de esto.

Podría decirse que Vallejo enfrentó, literalmente, una cruenta batalla contra quienes controlaban los medios de expresión, primero, en Trujillo (*La Semana, Balnearios, La Reforma*), y luego, en Lima (*Variedades, El Comercio, El Tiempo y La Crónica*). Y la ganó... (xv)

El éxito de Vallejo dependió, sin duda alguna, del apoyo de autores que estaban modificando el campo cultural peruano dentro de los mismos periódicos y revistas. Las reacciones diversas ante sus textos nos hablan de una época en la cual “una nueva concepción estética, personal o colectiva coexiste con la dominante y, en el mejor de los casos, se impone en el terreno del arte y de las ideas; en el peor, sucumbe” (LVIII). *Los heraldos negros* se impuso como portador de nuevas ideas y formas estéticas, pero el recorrido no fue sencillo. Las y los lectores podemos seguir este proceso gracias al “exhaustivo registro de variantes [de los poemas]” (XVI) que esta edición nos ofrece.

El registro de las variantes, además de guiarnos por las primeras versiones de los textos que compondrán *Los heraldos negros*, da cuenta del cambio en la actitud de Vallejo respecto a su propia escritura (he aquí otra gran aportación de esta edición). El poeta de Santiago de Chuco comenzó siendo receptivo a las críticas, pero después vemos que las lecturas de varios de sus contemporáneos correspondían a “un academicismo al que Vallejo responderá cada vez menos, como lo demuestra

sistemáticamente la transgresión gramatical de *Trilce* y, si cabe, la renuncia a corregir las inconsistencias ortográficas de *Los heraldos negros*” (LXIII).

El seguimiento de las elecciones del autor para dar forma a *Los heraldos negros* expone que la escritura de un libro es un proceso personal pero a la vez profundamente colectivo. Esto nos permite atestiguar también cómo los cambios en un texto, por mínimos que parezcan, nunca son inofensivos. Así lo muestran las variantes entre los signos de puntuación (usar cuatro o dos puntos suspensivos en vez de tres o marcar sólo los signos de exclamación de cierre, por ejemplo). Las opciones ortográficas anuncian los experimentos con las reglas gramaticales que explotarán en las vanguardias y muestran, asimismo, el temprano forjamiento de la voz y el estilo que Vallejo ya había puesto de manifiesto desde la escritura de sus primeros textos.

Al hablar de los cambios en los poemas que integraron *Los heraldos negros* no podemos dejar de lado las rutas y los soportes de sus primeras apariciones. Por ejemplo, “La de a mil”, “Aldeana” y “Heces” aparecieron juntos en *Nuestra época*, bajo la firma de César A. Vallejos. Estos mismos poemas están bastante distanciados y en diferentes secciones de *Los heraldos negros* (71). La información sobre los itinerarios permite, asimismo, reconocer los medios impresos que cobijaron y apoyaron la escritura de Vallejo mediante la publicación de sus poemas. La difusión del “Terceto autóctono”, el cual formaba parte de las “Fiestas aldeanas”, en *La Reforma* y *Balneario* el año de 1916 (54) podría ser un ejemplo de esto.

Un libro es el resultado de cambios pequeños y profundos, de lecturas en espiral que envuelven al autor y a las personas receptivas (tanto positiva como negativamente) a su trabajo, de versiones que han sido republicadas y reescritas al lado de textos nuevos cuya gestación se debió al moldeamiento de un libro. Un poemario es, de igual manera, el intento de sentenciar una decisión final ante el juego de las variaciones.

Si nos preguntamos cómo fueron escritos los poemas del primer libro de Vallejo, la edición crítica a cargo de Antonio Cajero nos muestra que las versiones de los textos líricos pueden ser consideradas como las respuestas de un autor ante los debates que su propia escritura fue generando.

En 2019 conmemoramos el centenario de *Los heraldos negros* y los frutos de esta celebración continúan extendiéndose, generando respuestas. Prosigamos con el goce y el estudio del primer poemario de Vallejo, más allá de fechas y de aniversarios. Recibamos, así, los hallazgos que Antonio Cajero comparte en esta edición y continuemos ampliando la sorpresa y el extrañamiento que suscitó y sigue suscitando la lectura de *Los heraldos negros*.